

A close-up photograph of a man with a light beard and mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is sitting in a chair, holding a red pen in his right hand, and a blue folder or clipboard is visible in the lower right corner. The background is a blurred indoor setting.

NO DIVÃ

NA DISPUTA ENTRE RAZÃO E EMOÇÃO,
O QUE FALA MAIS ALTO?

A N E P I M E N T E L



SUMÁRIO

[NOTA DAS AUTORAS](#)

[SINOPSE](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[REDES SOCIAIS](#)

[DEMAIS OBRAS](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NO DIVÃ

ANE PIMENTEL

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

NO DIVÃ - ANE PIMENTEL

Copyright © 2019

Copyright © 2019 ANE PIMENTEL

Capa: Ane Pimentel
Diagramação Digital: Karen Dorothy

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.
É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota das autoras

Observação importante: as autoras não atuam como psicólogas/psiquiatras/psicanalistas e nem possuem formação em tais áreas, portanto o livro não pode ser tomado como bula, tratamento ou para fechar qualquer tipo de diagnóstico. Ou ainda, como parâmetro para análise de tais profissionais. Trata-se de um romance ficcional. Os temas são panos de fundo para o desenvolvimento do livro, portanto, não foram aprofundados.

Alguns conceitos:

Transferência erótica: Em 1915, Freud se referiu ao "amor de transferência" como uma complicação do processo psicanalítico, que

acontece com frequência e no qual o paciente se diz "apaixonado" pelo seu terapeuta.

Contratransferência: É definido como o redirecionamento dos sentimentos de um psicoterapeuta em relação a um cliente - ou, mais genericamente, como um envolvimento emocional do terapeuta com um cliente.

Existem casos reais de pacientes e terapeutas que se apaixonam?

Uma pesquisa rápida na internet e vemos alguns casos reais de transferência erótica, bem como, de relacionamentos amorosos que surgiram entre ex-pacientes e ex-terapeutas.

É preciso ter cuidado com esse tipo de relação, o terapeuta, se denunciado ao Conselho Regional de Psicologia, será investigado e corre o risco de perder o direito de exercer a profissão por uma questão de falta de ética.

Paciente x Cliente:

Há terapeutas que usam a palavra “Cliente”, ao invés de “Paciente”, por não os diagnosticarem, em princípio, como doentes patológicos. No entanto, no nosso texto, ora usamos paciente, ora cliente e ambos devem ser vistos como sinônimos na nossa obra ficcional.

Sinopse

Deitadas no divã, fitando o teto, as pessoas são convidadas a despir-se de seus receios e temores. Ali, tudo pode ser dito sem cerimônias, afinal é um ambiente de confiança.

Somos treinados, para mantermo-nos impassíveis diante dos relatos dos pacientes. Mas eu não estava preparado. Ela me desafiou com uma narrativa erótica, sem poupar os detalhes, o que tornou a visualização tão clara quanto um filme pornográfico passando em uma tela de cinema.

E havia mais, muito mais.

Ela representava a emoção em sua mais pura essência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu era a razão personificada.

Entre nós havia os conceitos, a ética, o sigilo e toda a bagagem pesada que ela carregava.

Não era uma disputa fácil, entre razão e emoção, o que falou mais alto?

Feche a porta do consultório, deite aqui no divã e embarque conosco nessa história!

PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

Dedicamos àqueles que nos emprestaram seus nomes, mesmo sem querer. Vocês, que já estavam em nossos corações, agora estão eternizados nesse livro.

Epígrafe

*Te desafio a me deixar ser sua, primeira e única
Prometo que sou digna
De estar nos seus braços
Então, vamos lá e me dê a chance
De provar que sou a única que pode percorrer com
você o caminho
Até que o fim comece*

One And Only – Adele

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

*“Continuo no meu mundo de faz de conta
Onde a diversão não tem fim
Não posso ir para casa sozinha novamente
Preciso de alguém para aliviar a dor”*

Habits (Stay High) - Tove Lo

Mãos tocam o meu corpo enquanto uma língua invade a minha boca. Deixo que eles me guiem até o prazer. Rebolo em meio aos dois desconhecidos e meu corpo não reage às sensações que eles deveriam provocar em minha pele.

Meu vestido sobe enquanto dançamos colados, sinto o ar frio do lugar atingir a minha bunda, agora completamente exposta. Eu não ligo para a exposição, quem liga? Seguimos os três para o banheiro masculino e nos contorcemos para caber no pequeno espaço da cabine.

É como se eu já tivesse assistido esse filme mil vezes. Como aquelas sessões chatas que os canais abertos costumam passar nas tardes da semana. A gente vê porque não tem outra opção, mas já sabe cada frase. Já decoramos cada cena. É

PERIGOSAS NACIONAIS

um roteiro tão batido que você se questiona: será que ninguém cansou disso ainda?

Acho que cansei.

Estou exausta.

Não suporto mais o peso da minha própria vida.

Mas, dia após dia, tento levar tudo da mesma maneira. E aqui estou novamente. Presa naquele filme. Que deveria ser excitante. Era excitante antes, não era?

Era sim, mas não parece mais. Já que não sinto nada quando um deles chupa com ganância o bico do meu peito enquanto o outro enfia os dedos em mim, afastando a calcinha. Tampouco quando eu os chupo, um de cada vez primeiro e depois os dois de uma vez.

Eles gozam nos meus peitos e sorriem, completamente satisfeitos. Os meus mais novos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amigos me deixam sozinha na cabine do banheiro e eu uso o papel higiênico para me limpar. Quando saio, encontro um par de olhos acusatórios em minha direção. Aposto que não é sempre que o senhor de cabelos brancos, que lava as mãos na pia, encontra com uma mulher seminua no banheiro masculino.

Ele se vai sem dizer nada, só aquele olhar superior bastou. Mas o babaca do mictório não perde a chance de abrir a boca:

— Da próxima vez me convida para a brincadeira — o sorriso amarelo dele me enoja.

— Pode deixar — respondo e me afasto, rebolando.

Eu volto para a pista em busca da loira conhecida. Onde ela está? Já estou cheia desse barulho infernal. Quero me jogar contra a parede para calar os zumbidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vadia! — Diana grita, eufórica, quando finalmente a encontro em meio as pessoas. — Eu desapeço por alguns minutos e é tempo mais do que suficiente para você foder com os dois homens mais gatos da noite! Me passa esse mel! — Ela esfrega a mão na minha pele.

— Tenho meus truques! — Forço um sorriso. — A noite acabou para mim, amiga! — Falo alto para ser ouvida em meio as batidas eletrônicas.

— Tão cedo? — Ela arqueia a sobrancelha. — Já sei, combinou de continuar a festinha na casa deles e está me despistando.

— Óbvio que não! Se tivesse um novo *round* você estaria inclusa — Pisco. — Estou apenas cansada...

— Bruna Moura cansada? — Encara-me, descrente. — Você é a rainha das noitadas, a musa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos camarotes, a luxúria personificada... Nunca vi você cansada, safada!

— Pode mandar escrever esses títulos na minha lápide. Quero ser lembrada exatamente assim!

— Credo, Bruna, que conversa mórbida no meu aniversário!

— Parabéns mais uma vez, Di! — Envolver a minha amiga num abraço apertado. — Não faça nada do que eu não faria — beijo seu rosto e me afasto.

— Você está estranha, Bru. Quer que eu te acompanhe? — Ela se oferece.

— Não, você vai ficar exatamente aqui e desfrutar da noite! É o seu aniversário, aproveite! Vou ficar bem — pisco e ela sorri, concordando.

Afasto-me rapidamente.

Não dá mais para fingir que está tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Numa tentativa inútil de afugentar a angústia que só vem crescendo nos últimos dias, vesti o meu melhor vestido e joguei para debaixo da cama os meus pensamentos. As noitadas sempre tiveram o poder de me energizar, era impossível se manter indiferente quando as batidas remixadas do DJ incendiavam as pistas e as peles suadas se tocavam. Um drink após o outro e eu estaria momentaneamente feliz. Ao menos era isso que eu esperava.

Lugares como esse sempre foram os meus favoritos no mundo inteiro. Qualquer ambiente repleto de bebidas, pessoas bonitas e sexo era o meu paraíso. Perdi a conta de quantas vezes apreciei, sem moderação, tudo que aquele universo tinha para me proporcionar.

Mas isso não tinha mais graça.

Não me surpreendia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não me excitava.

Por que meu corpo não reagia mais as sensações conhecidas? Acabei de ser fodida por dois homens gostosos e não senti absolutamente nada. Era como se a minha alma tivesse sido arrancada do meu corpo e tudo que restou foi uma casca vazia que perambula sem destino.

Enquanto ando entre as pessoas que se divertem, elas esbarram em mim, dançando e curtindo o momento, como eu fazia antes. Mas não hoje. Busco a saída, mas a iluminação colorida e o barulho pulsante embaraçam e confundem os meus sentidos. Sinto o mundo girar. Meu estômago se agita quando, finalmente, inspiro o ar do lado de fora da boate.

Meu íntimo se revira e eu fico tonta. Apoio-me no carro parado no acostamento e dou vazão a ânsia de vômito que se instaura. A sensação de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expelir resquícios da minha última refeição é desagradável, quando penso que tudo acabou, uma nova onda me atinge e faz com que eu me contorça quando os músculos se espremem.

Ao fim de tudo, uso a palma da mão para limpar a boca que está com um gosto péssimo e olho a minha imagem no vidro do carro. A maquiagem ainda esconde a minha verdadeira face.

— Você está bem? — A janela do carro se abre e o condutor do veículo me pergunta: — Precisa de ajuda?

Escuto a voz, mas não me concentro no homem que fala. Meu estômago continua a se contorcer e antes que eu consiga me afastar, lanço no chão aquele líquido horrível mais uma vez.

— Precisa de ajuda? — Ele sai do carro e vem em minha direção. Estende-me uma garrafa de água que aceito sem contestar. — Tem alguém para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem queira telefonar?

— Não, meu carro está aqui perto —
balbucio antes de lavar a boca com a água.

— Você não está em condições de dirigir —
ele insiste — por que não chama um táxi?

— Isso sou eu quem decido — rebato, ao
cuspir — obrigada pela água.

— Não posso permitir que você dirija
nessas condições.

— Quem você pensa que é? — Levanto a
cabeça rápido demais. Ergo os olhos pela primeira
vez para o desconhecido e não consigo observar
seus traços, a imagem é mais um borrão em minha
frente. Acho que ele tenta responder, mas não
entendo a resposta.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Moça! — sinto alguém bater de leve no meu rosto — vou chamar uma ambulância se não abrir os olhos agora!

Abro os olhos, confusa, mas tudo que enxergo é o teto de um carro. O teto é branco.

— Estou bem, não precisa chamar ninguém... Só quero ir para casa!

— Eu a levo em casa, então. Qual o endereço?

— Não vai adiantar discutir, não é? — Sento-me no banco de trás.

— Não. Qual o endereço? — dito o endereço do meu apartamento e em poucos segundos o carro está em movimento.

Olho pela janela e noto as coisas se moverem, ainda um pouco turvas. A bebida da noite demorou mais do que eu gostaria para fazer efeito. E ainda assim, não foi o efeito animador e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem-vindo.

O álcool está me trazendo, ultimamente, reflexão e tristeza. Então eu bebo ainda mais e apago qualquer linha de raciocínio coerente.

Abro a janela do carro.

Sinto o vento frio contra o meu rosto.

E, logo depois, as malditas lágrimas que insistem em aparecer sem terem sido convidadas. De novo. Elas tem aparecido com uma frequência irritante. Como sei que não conseguirei controlá-las, deixo que rolem livres e silenciosas pelo meu rosto.

O tempo passa.

O carro para.

Chegamos ao meu condomínio.

— Obrigada pela carona — digo rápido e, mais rápido ainda, saio do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não olho para trás, não espero resposta... Não me importo se o estranho vai me achar mal-educada.

Cambaleio um pouco até chegar ao portão.

O porteiro deve ter me reconhecido, pois libera minha entrada sem que eu precise dizer uma só palavra.

Entro no elevador. Aperto o meu andar. Os vidros do espaço são quase um insulto. Enxergo com mais clareza agora, por causa da claridade do lugar. Meus cabelos estão só um pouco mais bagunçados do que o normal. A maquiagem dos olhos está intacta, apesar do choro.

Continuo bonita.

Continuo gostosa.

Mas esse reflexo não me traz a menor felicidade.

Quem é essa que me encara? Não reconheço

PERIGOSAS ACHERON

mais a mulher que olha de volta.

As portas do elevador se abrem e um segundo de alívio me atinge. Como um lapso ou uma luz. De repente. As coisas não precisam ser mais assim. Eu não preciso continuar assim, me afundando em tristeza e desespero sem causa aparente.

As coisas podem ser diferentes. Nem melhores, nem piores. Eu posso descansar.

Abro a porta do apartamento e sigo para a dispensa, está tudo muito claro agora. Como não pensei nisso antes? Era tão simples.

Reúno tudo que preciso e sigo para o meu quarto.

Sem pensar muito para não perder o instante de coragem, sirvo-me de um copo de Whisky e abro todas as cartelas.

Eles são diversos e de várias cores. Encho a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão de comprimidos e lembro do quanto eu adorava fazer o mesmo com m&m's de chocolate. Levo-os a boca e engulo o mais rápido que posso.

O gosto não é bom, mas eu não me importo. Uso o Whisky para ajudar a descer. Minha garganta dói com a aspereza dos medicamentos. Não faz diferença, daqui a pouco tudo isso passa. Repito o gesto, enchendo a mão e enfio na boca, de uma vez. Bebo o restante do copo.

Sinto vontade de vomitar de novo, meu corpo não está gostando muito do meu novo drink. Encho o copo com a bebida marrom e o viro, de uma só vez, para ajudar aquilo tudo a descer mais rápido.

Daqui a pouco tudo isso acaba. Espero que não demore.

Deito na cama para esperar que tudo faça efeito.

PERIGOSAS ACHERON

Daqui a pouco tudo isso acaba.

Alcanço meu celular e digito um status de WhatsApp:

A vida não tem mais a menor graça e tudo que eu sinto é vazio e imensidão. Vocês podem não entender, mas espero que possam me perdoar por qualquer dor que eu tenha causado. Eu me perdi. E não tenho força para buscar outro caminho. Bruna Moura Lunardelli não existe mais.

Fecho os olhos e aguardo que a sonolência me leve.



Yuri

*“Me diga uma coisa, garota
Você está feliz neste mundo moderno?
Ou precisa de mais?
Existe algo mais que você está procurando?”
Lady Gaga – Shallow*

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu realmente costumo evitar ambientes como esse. Não tenho nada contra a música alta, as pessoas que dançam, as luzes que piscam e as bebidas alcoólicas. Nada mesmo. Só não me sinto muito à vontade com tudo isso junto. Sem mencionar o fato de ter que gritar para ser ouvido, os esbarrões e a dificuldade para estacionar.

Já dei duas voltas no quarteirão e não encontrei nenhuma vaga. Sei que ela não vai gostar muito do meu atraso, mas tenho certeza que irá gostar bem menos quando me atender e me ouvir dizer que vou desistir e voltar para casa se não aparecer uma vaga exatamente na minha frente em dois segundos.

Eu sabia que a vaga não apareceria, mas não contava com a opção de presenciar uma pessoa quase vomitar no meu carro. A mulher se apoia no teto do carro e se curva, provavelmente colocando

PERIGOSAS ACHERON

tudo para fora. Algum tempo depois ela para e tenta se olhar no espelho, abro o vidro e pergunto se ela está bem.

Sou ignorado e a moça passa mal novamente. Ligo o pisca-alerta do carro e saio para ajudá-la, oferecendo a água que trouxe do consultório. Ela aceita a água, mas recusa a ajuda. Está disposta a dirigir. O que é uma insanidade completa já que está visivelmente embriagada.

Ela perde os sentidos e eu a amparo antes que caia sobre o próprio vômito. Sem muita opção, deito-a no banco de trás e tento reanimá-la.

Está respirando.

— Moça! — bato de leve em seu rosto — vou chamar uma ambulância se não abrir os olhos agora!

Ela abre os olhos e os fixa no teto do carro.

— Estou bem, não precisa chamar

ninguém... Só quero ir pra casa!

— Eu a levo em casa, então. Qual o endereço?

— Não vai adiantar discutir, não é? — ela se senta.

— Não. Qual o endereço? — Ela dita o endereço e eu ponho o carro em movimento.

Chego no endereço citado o mais rápido que dá. O trânsito não estava tão ruim. No caminho, olhei algumas vezes pelo retrovisor para ver se a mulher estava bem, mas não notei nada demais. A passageira agradece e desce rapidamente do carro e eu me certifico que ela entre no condomínio antes de ligar para a Márcia. Com tudo isso, acabei esquecendo completamente de avisar sobre meu atraso.

— Espero que você tenha uma explicação muito boa, Yuri — ela fala alto, acima do som, ao

PERIGOSAS NACIONAIS

me atender.

— E tenho, não estava conseguindo estacionar e...

— Estacionamento é sua desculpa? Por favor, seja mais criativo.

— Podemos conversar pessoalmente sem todo esse barulho e eu te explico. Vou te pegar?

— Não! O combinado era que a gente ia curtir essa noite. Você me prometeu...

— Aconteceu um imprevisto, querida. E eu tenho cliente amanhã às 7h. Quer que eu vá te pegar para dormir comigo ou não?

— Vou de Uber, pode ficar tranquilo e se dedicar aos seus pacientes.

— Márcia...

— A gente se fala depois, querido — é a sua frase final, antes de encerrar a ligação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Refaço o caminho até a boate e a vaga tão esperada surge no momento exato em que passo pela frente do lugar. Um dos clientes decidiu encerrar a noite mais cedo e eu me benefico disso e coloco meu carro no lugar do dele. Pago pelo ingresso e entro.

É quase impossível achá-la ali, de tão cheio. Mas já estava ali e sou adepto do diálogo. Eu havia prometido, realmente, que ia e ela não sabia o que tinha acontecido, então, dica de terapeuta, é sempre melhor conversar antes que os “não-dito” se estabeleçam e acabem prejudicando as relações.

Esse é o meu lado racional falando. Quase sempre, é ele que prevalece. Ando até o bar e peço uma água sem gás. Dou duas voltas perto do balcão para tentar avistá-la, mas é em vão. Bebo metade da água, diretamente na garrafa, enquanto observo as pessoas dançando e flertando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O ar-condicionado está no máximo, provavelmente, mas o calor humano prevalece. As pessoas se mexem, riem e bebem. Se abraçam, se beijam e se apalham. É provável que deixem seu lado exibicionista aflorar e transem ali mesmo. Lugares assim dão bons estudos de comportamento.

Mas não foi isso que você veio fazer aqui.
Repreendo-me e saio em busca dela.

— Nunca pensei que o encontraria aqui —
ouço alguém gritar no meu ouvido.

Viro-me em direção a voz estridente.

— Eva! Que prazer encontrá-la.

— Doutor Yuri, esse é o Ricardo — ela me apresenta — e a minha prima Lorena está tocando aqui hoje!

— Prazer em conhecê-lo — o homem me estende a mão — você não parece estar se divertindo muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade estou procurando uma pessoa — sorrio — depois nos falamos, Eva.

— O senhor não vai achar ninguém procurando assim... Posso pedir para Lorena chamar o nome da pessoa, o que acha?

— Será?

— Claro! Qual o nome dela?

— Dela? — Pergunto só para apontar o fato dela presumir que estou com uma mulher. Na nossa primeira consulta Eva apontou algo relacionado a isso.

— O senhor é gay? — Ela arregala os olhos, surpresa.

— Eva, meu amor, por favor... — O companheiro tenta intervir.

— *Tá, tá...* Desculpe. Que nome peço para ela chamar?

PERIGOSAS ACHERON

— Márcia. Ana Márcia — digo, por fim, aceitando a ajuda. Nunca conseguiria encontrá-la de outra maneira.

Andamos espremidos entre as pessoas, atravessando a multidão até chegar próximo a DJ. Fico feliz em ver Eva tão bem, se divertindo enquanto anda segurando nas mãos do esposo. Ela acena para a prima que vai para o lado e se abaixa, tirando os fones, para ouvir o que tem a dizer. Quando Eva aponta para mim, a prima sorri amplamente e assente voltando para o seu lugar para pegar o microfone.

— Estão curtindo a música? — Ela pergunta e as pessoas berram e gritam que sim. — Então vamos aproveitar porque a noite é uma criança! Ah, tem alguma Ana Márcia por aqui, galera? Ana Márcia, você está aqui? Se eu fosse você viria logo aqui na frente, eu não deixaria um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem desses dando bobeira na pista!

As pessoas berram e urram ainda mais. Algumas chamam “Ana Márcia” algumas vezes. A DJ aumenta mais o som e todos esquecem o seu chamado, se entregando as batidas ritmadas. Espero alguns segundos antes de ir agradecer a Eva e ao seu companheiro pela ajuda. Despeço-me do casal e decido que a noite está encerrada. Fiz tudo o que era possível. Alguns passos apertados entre as pessoas e alguém enlaça minha cintura por trás, me fazendo parar.

Olho para trás, tentando raciocinar de que maneira vou me livrar da embaraçosa situação quando noto a cabeleira loira.

— Sabia que não resistiria a balada, doutor
— ela grita ao me abraçar pelo pescoço.

— A gente precisava conversar ainda hoje
— sorrio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora não, né? Vamos fazer o que você me prometeu!

— Vamos embora em uma hora?

— Certo, senhor certinho. Agora mexa essa cintura... — ela se esfrega em mim.

Passamos a hora seguinte na pista, como ela queria. Dançamos juntos e, no fim das contas, foi divertido. Desliguei o meu lado pensador e deixei que a minha namorada guiasse meu corpo de acordo com as batidas do lugar.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

*“Não se trata apenas do meu orgulho
É só até essas lágrimas secarem”
Rehab - Amy Winehouse*

Sinto-me fraca.

Tonta.

Enjoada.

Tento abrir os olhos, mas sinto sono. Minha barriga dói. Que ressaca é essa? Colocaram alguma coisa na minha bebida. Esforço-me para vencer a neblina de sono e abrir os olhos. Entre os cílios que se batem nervosos, enxergo um pouco. Tudo claro. Consigo ouvir alguns bipes. Meu braço dói.

Parece que um caminhão passou por cima de mim.

— Acho que ela está acordando... — ouço a voz do meu pai.

Não pode ser ele.

— Não a force. O médico disse que ela acordaria quando estivesse pronta — agora parece ser a minha mãe.

Juntos?

Como o baque do caminhão contra minha cabeça, vejo um flash dos remédios e do copo sobre

PERIGOSAS ACHERON

a cama.

Não, não, não... Tudo isso deveria ter acabado.

Abro os olhos de uma vez.

Remexo-me desesperada.

— Calma, meu amor, está tudo bem... — meus olhos se fixam nos olhos dela. Verdes, como os meus. Ela chora. Eu sinto alguma coisa molhar meu rosto. São as minhas próprias lágrimas.

— Vou chamar o médico — meu pai se afasta.

— Vai ficar tudo bem. Eu te amo, meu amor... Vai ficar tudo bem.

O médico entra no quarto. O branco do jaleco me deixando ainda mais cega com toda aquela claridade.

— Oi, Bruna. Sou o doutor Evandro. Como

se sente? — engulo em seco — você consegue falar, sua garganta vai arranhar um pouco, mas com o tempo melhora.

— Tudo... — é como se eu tivesse comido vidro triturado e aquelas fagulhas todas estivessem perfurando a minha garganta. Engulo um pouco de saliva, mas minha boca está seca. — Dói...

— Imagino que sim. Seu estômago está sensível por causa da lavagem gástrica. Por sorte, você chegou aqui a tempo. Teve uma intoxicação exógena por causa da ingestão excessiva de medicação. Quase ficou em coma, chegou aqui desacordada e estava em observação. Fizemos alguns procedimentos que explicamos para sua mãe, mas que não preciso te contar agora para não te dar mais dor de cabeça. Está se sentindo fraca? — assinto — em alguns dias estará melhor. Daqui a duas horas eu venho ver como você está e se estiver

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo bem, vou te dar alta. Com todas as recomendações, certo?

Assinto.

Quando o doutor Evandro saiu, meu pai se aproximou.

É infantil e triste constatar, mas só assim consegui fazer com que ele dedicasse alguns minutos de sua atenção para mim.

— Fiquei preocupado com você, princesa — ele tocou na minha testa e seus dedos foram até meus cabelos — quando sua mãe me ligou, fiquei louco e quase vim a pé, correndo de Brasília até aqui. Achei que ia perder você, meu amor — os olhos dele enchem de lágrimas.

Os meus olhos ardem e se derramam.

— Eu amo você, Bruna... Não duvide disso. Não há ninguém mais importante do que você na minha vida. Está entendendo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — minha voz está irreconhecível, rouca e baixa. Minha garganta continua doendo.

— Você vai para a minha casa — minha mãe informa — nós conversamos e, sob a orientação do doutor Evandro, decidimos que é o melhor lugar para você, por enquanto.

— Isso. Eu vou tentar conseguir uma licença, mas acho que não me dão. De qualquer forma, vou pegar alguns dias para ficar aqui em São Paulo.

Fecho os olhos tentando absorver tudo isso. Acabo adormecendo e só acordo quando o médico me enche de recomendações e me dá alta.



Depois de toda a confusão entre a minha mãe e eu, por causa de um homem em comum, ela

PERIGOSAS ACHERON

acabou se mudando do Rio de Janeiro para São Paulo. Ela abriu uma filial maior da *Lunardelli* na cidade e contratou alguém de confiança para gerir a loja da cidade maravilhosa, assim como tinha feito com a *Carpe Vita*. Depois de quase um ano, fui obrigada a morar em São Paulo também. Meu pai ameaçou cortar o dinheiro que pagava o apartamento que o Alexandre tinha me alugado, bem como todo e qualquer dinheiro que eu precisasse para me manter ou ir para a farra. Dessa maneira, eu atualmente morava em uma cobertura na terra da garoa.

Bem, não no momento. Quando saí do hospital fui compulsoriamente instalada na casa da minha mãe. Meu pai passou a primeira noite aqui comigo, me confortando e me colocando para dormir. Mas hoje pela manhã precisou ir para um hotel. Minha mãe não gosta muito de dividir os espaços e provavelmente só suportou a presença

PERIGOSAS ACHERON

dele por minha causa.

Não tive muito o que pensar, já que ainda estava dopada, mas durante o café da manhã, eu já me sentia melhor. Quase cem por cento. E foi enquanto eu tomava, por insistência da minha mãe, um copo de vitamina de banana que ela me informou que eu tinha uma consulta marcada com um terapeuta em uma hora.

— Eu estou meio tonta novamente... —
alego.

— Bruna, você ouviu as recomendações e essa foi a principal delas. O terapeuta foi indicação do hospital e foi de lá que veio o agendamento para hoje.

— O.k. — levanto para me trocar.

As coisas pareciam piores hoje.



Ela não quis ir dirigindo, por isso o Fábio – seu motorista particular – guiou o carro até um movimentado prédio comercial. Viemos no banco de trás e o Fábio parou o carro para a gente descer, enquanto entrávamos no prédio ele foi estacionar.

O consultório fica no sétimo andar. Quando saímos do elevador, vamos até a porta de vidro: 707. Fico me perguntando se é superstição ou apenas coincidência. Na sala de espera, há uma senhora sentada. Vamos até a secretária e confirmamos o meu nome.

Sentamos no sofá cinza de três lugares e eu saco o meu celular para passar o tempo sem ter que conversar, já que teoricamente terei que fazer isso por cinquenta minutos.

Quando uma adolescente sai de lá de
PERIGOSAS ACHERON

dentro, olho para a minha mãe.

— Não forme uma opinião até acabar a sessão... — ela pede.

A secretaria entra no consultório e quando volta, me chama:

— Bruna Moura, pode entrar... — seguro firme minha bolsa e o meu celular e ando até a sala.

O homem estava de costas quando entrei, mexendo em algum livro da estante, que fica atrás de uma poltrona confortável, preta. Em frente a essa poltrona há uma mesa de centro e, em frente a ela, um sofá grande, de veludo creme. É nele que me sento.

Quando ele se vira, eu noto que o terapeuta é um gato. Não sei se é porque estou sentada, mas ele me parece bem alto e com um corpo bem definido por baixo do blazer cinza e da camisa branca. Seus olhos atentos, que me encaram de

PERIGOSAS NACIONAIS

volta, são castanhos claros. O rosto masculino é marcado pela barba por fazer e pelo nariz anguloso. Antes que eu me perca analisando a boca, ele se senta na poltrona em frente a mim.

O silêncio que paira sobre nós é estranho.

— O que te motivou a estar aqui, Bruna? —
A voz dele preenche o ambiente.

Não sei o que responder. Eu poderia dizer que tentei me matar e que agora colocaram isso como condição para minha suposta recuperação? Hum, acho que sim, mas não seria divertido.

Ele espera pacientemente a minha resposta. Que não vem.

— Já estive em uma sessão de terapia antes? — Pergunta novamente.

Hum, não doutor, mas se eu soubesse que me depararia com alguém tão bonito, talvez eu tivesse ido muitas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

Ajeito-me no sofá, deixando a bolsa e o celular de lado. Eu o encaro, ele devolve o olhar, sem se mover.

— Bruna, você pode se sentir à vontade para falar o que você quiser... — Insiste.

— O que eu quiser? — ele assente — *então* eu vou falar o que estou com vontade de fazer agora. Desde que eu entrei por aquela porta e notei você ali, de pé e mesmo estando de costas, eu pude te analisar. Você faz algum tipo de atividade física bem intensa, suas pernas são fortes e os seus braços, mesmo com tanta roupa, são notavelmente definidos. Quando você virou de frente, precisei parar de respirar um pouquinho. Que rosto é esse? Nenhum terapeuta no mundo pode ser tão bonito. Chega a ser obsceno passar cinquenta minutos em uma sala com tantas opções. Já que estamos falando sobre opções e sobre o que eu quero, eu

queria muito levantar desse sofá, dar a volta nessa mesinha que serve de obstáculo e chegar até você. Afastar suas pernas e me ajoelhar entre elas — eu descrevo, realmente imaginando a cena, meus olhos pairam nas pernas dele — eu o tocara sobre a roupa e tenho certeza que encontraria um belo pau. Abriria o botão da sua calça social. Abaixaria sua cueca. E daria liberdade para a ereção que estaria perfeitamente dura — passo a língua nos meus lábios e o olho nos olhos. O terapeuta não se mexe.

— Eu o chuparia na ponta, saboreando a textura, conhecendo o seu gosto. Sua respiração ficaria um pouco mais acelerada e eu o levaria até a metade da minha boca. A outra metade eu masturbaria com a mão direita. Eu te chuparia fundo e gostoso, te faria perder essa pose impassível... Você fecharia os olhos e se perderia em minha boca. Você gemeria quando gozasse. E eu te lamperia inteiro, cada gota da sua porra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me recosto no sofá, totalmente perdida na minha história, aguardando qualquer indício dele para que eu colocasse tudo em prática.

Ele não se move.

Eu não me movo.

E alguns segundos – ou seriam séculos? – se passam até que ele abra a boca.

— Até a próxima sessão, Bruna — a voz dele está totalmente normal.

Eu pego a bolsa e o celular, um pouco mais contente do que quando tinha entrado ali.

Parece que terapia realmente faz diferença.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

*“O psicoterapeuta não sanciona, não
censura,
não julga o paciente nem age por ele,
não lhe mostra caminhos nem lhe fecha
caminhos;
vive com ele os seus conflitos e problemas,
se esforçando para compreender
o sentido pessoal que tem para o outro.”*

Carl Rogers

Ser psicólogo é saber ouvir mais do que falar, por isso alguns de nós percebe que esse é o seu caminho desde muito novos. Foi o meu caso. Quando estava na escola, tanto os meus amigos quanto as meninas da sala diziam gostar de conversar comigo porque eu os ouvia. Assim, antes mesmo de terminar o ensino médio, pesquisei algumas coisas sobre área e gostei bastante. Como eu gostava de filosofia, história e literatura, foi fácil escolher psicologia como curso para prestar vestibular.

Meus pais não entendiam bem o que um psicólogo fazia, mas me deixaram livres para escolher o meu caminho. Minha mãe, técnica de enfermagem e meu pai, taxista, me incentivaram a estudar e me davam o máximo que podiam. Com o tempo, as coisas ficaram mais fáceis. Meu pai

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu montar uma pequena locadora de veículos, eu participei de grupos de pesquisa com bolsa remunerada e foi assim, com o apoio dos dois que eu pude me dedicar aos estudos. Entrei no curso da USP aos dezoito anos e me apaixonei. Quando me formei, passei mais dois anos no mestrado, além de fazer curso de psicanálise e estudar por mais quatro anos no doutorado. Enfim, deixando meu *currículo lattes* de lado, é importante saber apenas que eu deveria estar preparado para o que acabou de acontecer. Mas eu não estava.

É fundamental que haja empatia por parte do cliente para com o terapeuta, principalmente se for a primeira sessão, por isso precisamos deixá-los à vontade. Já houve casos em que a pessoa optou por passar o tempo inteiro calado e voltar na sessão seguinte pronto para se abrir. Era o que eu achei que aconteceria com a Bruna, uma vez que ela ignorou minhas perguntas iniciais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os olhos dela assumiram um brilho diferente e seus lábios ergueram-se em um sorriso. Quando a mulher abriu a boca, tudo que saiu foi uma narrativa fantasiosa com o intuito de me desconcertar. O objetivo foi alcançado com sucesso. Embora, ela não soubesse. Mantive a expressão serena, de quem já escutou os relatos mais hediondos e lamentáveis em anos de profissão. Somos treinados para não demonstrar reações acerca dos nossos pacientes, por isso ainda que as palavras da Bruna provocassem reações no meu corpo, mantive-me sereno.

A temperatura corporal aumentou e o habitual dezoito graus do ar-condicionado do ambiente se tornou completamente ineficaz. Sei que fui apenas alguém que ela desejava testar. É quase certo que se outra pessoa estivesse no meu lugar, ela agiria da mesma forma.

PERIGOSAS ACHERON

Nós temos o dever de saber que cada um tem um porquê, sua subjetividade e que essa deve ser imensamente respeitada. É preciso que olhemos para o outro sem julgamento, acolhendo-o, bem como a sua dor, para que ele esteja bem e compartilhe tudo o que lhe perturba. E foi por isso que não a interrompi durante aquela narrativa erótica. Eu precisava que ela se sentisse à vontade para quebrar a bolha que tinha criado em torno dela mesma.

Somos treinados para mantermo-nos impassíveis aos relatos dos pacientes. Dentro do consultório, o paciente é convidado a despir-se de seus receios e temores, aqui tudo pode ser dito sem cerimônias, afinal estamos em um ambiente de confiança. Mas eu não estava preparado. Ao longo dos anos, trabalhando nos mais diversos estágios e mesmo atendendo em consultório, nenhum dos meus diversos clientes tinha sido tão detalhista em

PERIGOSAS ACHERON

uma narrativa. Eu fiquei o mais impassível possível, sem demonstrar nenhuma reação e isso a surpreendeu, a notar por seu olhar e por sua postura. Mas não posso negar para mim mesmo que aquilo não me afetou. Senti uma leve mudança na temperatura da sala e o meu cérebro me traiu. Mesmo estando de olhos abertos e fixos, sem ousar demonstrar nada, minha mente conseguiu ver cada gesto que ela descreveu. E fui mais afetado do que gostaria de admitir. Bruna não poupou os detalhes, o que tornou a visualização tão clara quanto um filme pornográfico passando em uma tela de cinema.

Talvez eu nem devesse ter iniciado a sessão. Quando a cliente anterior, uma adolescente com problemas de imagem e transtornos alimentares saiu e a Norma entrou para avisar quem seria o próximo a ser atendido, fui guardar um livro que tinha usado durante a conversa com a garota e só

PERIGOSAS ACHERON

me dei conta da Bruna quando ela já estava sentada no sofá.

Mas assim que a vi eu lembrei. Minha mente viajou para algumas noites atrás, mais precisamente a noite em que fui até a boate encontrar a Márcia. A noite em que uma moça quase vomitou no meu carro. Era ela. A mulher a quem eu dei carona até em casa por estar bêbada demais para dirigir. Estava mais magra e com uma aparência cansada, é verdade, mas ainda assim era a mesma mulher. Os cabelos cacheados não deixavam dúvidas.

A situação em si não preconiza que ela não poderia ser minha cliente. O código de ética não é claro sobre quem atender ou não, cabe ao profissional o bom senso para não atender amigos, parentes e conhecidos, uma vez que a imparcialidade e o julgamento não devem estar

presente no consultório. E a mulher acabava não se enquadrando em nenhum desses casos. Eu só a tinha visto antes e a tinha ajudado como faria com qualquer outra pessoa em situação semelhante.

Será que foi isso que me fez reagir de maneira diferente à narrativa? Não sei responder. Mas essa reação talvez implique no fato de eu não poder ser o terapeuta dela. A possibilidade de aquilo se transformar em uma transferência erótica é enorme e, por mais que eu saiba que, de certa forma, isso é bom, pois faz com que o cliente baixe a guarda, não sei bem se conseguiria lidar com tudo isso.

Norma bateu na porta, como sempre faz, antes de abri-la.

— Doutor Yuri o próximo cliente era o Cléber e ele remarcou. O senhor está livre na próxima hora.

— Certo. Norma, preciso que me faça um favor. Verifique quem encaminhou a Bruna, se tem algum laudo médico, algo que eu possa ver ou alguém com quem eu possa falar sobre o caso.

— Sim, senhor — ela me olha de maneira estranha antes de sair da sala.

Norma trabalha comigo há algum tempo e sabe que eu não costumo fazer esse tipo de pesquisa. Geralmente, deixo a terapia caminhar de acordo com que o cliente me apresenta, orientando e trabalhando dentro das possibilidades pessoais de cada um. Mas esse é um episódio à parte e eu preciso decidir se continuarei ou não com as sessões. Talvez eu precise de mais do que autoanálise, uma orientação pode ser bem-vinda se decidir prosseguir com o caso.

Dez minutos depois, ela entra com um e-mail impresso. Eu agradeço e ela se retira. Quando

eu leio o boletim médico, sei que ela realmente precisa de ajuda profissional: tentativa de suicídio.



Atendo todos os clientes do dia, parando apenas para almoçar, mas assim que encerro a última sessão, troco de roupa e corro para treinar. Meu corpo precisa descarregar a tensão de um dia de trabalho e a minha mente precisa expelir tudo que havia drenado durante o dia.

Precisei incluir atividades físicas desde a metade da faculdade, mais ou menos, porque sentia que acabava absorvendo demais tudo ao meu redor. Os textos, os relatos, tudo acabava grudando em mim como uma segunda pele. Com o tempo e ajuda profissional, continuo aprendendo a separar as coisas. Psicólogos não são super-heróis. Somos humanos. Sentimos com o outro. Cometemos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos próprios erros e quanto mais cedo entendermos isso, melhor.

Assim, descarregar a tensão evita estresse. Quando descobri o crossfit, acabei aderindo. Por ser intenso e diferente a cada dia, o treino exige que você esteja cem por cento com o corpo e a mente concentrados no exercício. Não há espaço para outras preocupações, pois além da parte física, o treino também leva ao esgotamento mental e psicológico, trabalhando as percepções de limite do próprio corpo.

As aulas duram cerca de uma hora e são divididas em três etapas: aquecimento e alongamento dinâmico, técnica, em que os alunos aprendem ou aperfeiçoam alguns exercícios e, por fim, a parte mais esperada, o WOD (Workout of The Day), que consiste na execução dos exercícios aprendidos na etapa anterior e de forma intensa, no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menor tempo possível ou na maior quantidade de séries em um determinado tempo.

Quando esses sessenta minutos passam, estou exausto e revigorado, minha mente está tranquila.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

Não sei como as coisas chegaram a esse ponto. Estar de volta à casa dela nunca passou pela minha cabeça. Desde que saí do hospital tenho me resumido a: ser obrigada a comer, ser obrigada a tomar banho e ser vigiada. A única diversão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

durante esses dias foi a sessão com o terapeuta gato.

Eu já decorei a disposição dos móveis do quarto de hóspedes e consigo repeti-la de olhos fechados. Assim que abro a porta, à direita, há uma outra porta: branca, larga e que me leva a suíte. O quarto é comprido e decorado em sequência. Alguns passos a dentro, estou sobre o tapete marrom que cobre quase todo o espaço. Sobre ele, à esquerda há um criado mudo largo, branco e pendendo sobre ele uma luminária dourada com vários pontos de luz, como se fossem vagalumes em repouso. Em seguida vem a cama, grande e com a cabeceira da mesma cor do tapete, em couro. Os lençóis são brancos, mas a colcha tem pequenas e infinitas flores vermelhas estampadas... Eu já comecei a contá-las algumas vezes, mas perdi a paciência e parei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois da cama há outro criado mudo e um grande abajur sobre ele. Duas poltronas, e uma pequena mesa entre elas, estão ao lado da cama, viradas de frente para quem entra no quarto. Outro abajur, de pé, grande e alto, serve de luminária para quem quiser ler naquele espaço. Atrás disso tudo está uma cortina branca. E depois dela uma porta de correr de vidro transparente, que dá vista para fora da casa.

Na parede em frente a cama está um rack também marrom com diversos objetos de decoração e na parede uma televisão. Ao lado, um guarda-roupas branco se camufla como se quisesse passar despercebido, como se tentasse ser outra coisa, como se se fundisse a própria parede... Perdendo sua personalidade.

Eu já repassei a imagem desse ambiente em minha mente muitas vezes. Como uma fotografia

PERIGOSAS ACHERON

em 360°, acho que isso ilustra o tamanho do meu tédio e do crescente desespero em estar ali. Um prisioneiro deve sentir algo bem semelhante a isso.

Eu preferia estar no meu próprio apartamento, livre da vigilância e da cobrança dela. Mas isso só seria possível quando notassem que a velha Bruna Moura estava de volta. E não há maneira melhor de mostrar isso do que saindo para curtir, como sempre fiz.

Com isso em mente, procurei alguma roupa indecente para vestir e acabei encontrando um short e um cropped pretos. Me maquiei com capricho, escondendo as olheiras que apareceram depois do hospital e pintando meus lábios de vermelho. Usei o *babyliss* para definir meus cachos e deixar meu cabelo mais volumoso. Calcei um *scarpin* preto e passei perfume. Peguei minha bolsa de mão, meu celular e parei de frente ao espelho de corpo inteiro

para conferir o resultado: sim, era a velha Bruna que estava ali.

Desci as escadas normalmente, acessando o aplicativo de celular para pedir um carro. Estranhamente, não encontro com ela como um cão de guarda na sala de estar. E, apresso-me antes que a minha sorte acabe. Mas quando abro a porta da frente, meus planos começam a ruir.

— Onde a senhorita está indo? — É a voz do Fábio que me faz parar.

— Vou sair, já falei com a minha mãe e está tudo certo.

— Onde quer que eu a acompanhe? — ele pergunta, solícito.

— Vou de Uber. Acabei de pedir... — sorrio mostrando o celular. — Ele está a três minutos daqui.

O homem me olha com desconfiança e para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu completo azar, Olga aparece no topo da escada.

— Ia sair, filha?

— Vou, mas não se preocupe não vou dirigir.

— Bruna você não vai sair sozinha. Para onde ia?

— Uma boate aqui mesmo no Morumbi... Estou bem!

— Se quiser ir para uma boate podemos combinar de ir semana que vem, eu vou com você, mas hoje você não vai sair dessa casa.

— Olga, largue do meu pé! — Exclamo, começando a me irritar.

— Não posso fingir que nada aconteceu, filha... Eu quase perdi você — os olhos me encaram e eu noto a emoção surgir neles.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou ficar bem... — minto.

— Eu sei que vai, mas ainda não está e não pode sair desacompanhada para um ambiente tão... Propício.

— Você não pode consertar tudo de errado que fez — acuso — não é me fazendo de refém que vai resolver as coisas! Meu carro chegou.

— Vai para o quarto agora, eu já disse que você não vai sair de casa! — ela eleva a voz e o tom autoritário que nunca usou comigo me faz dar um passo para trás.

Não é desse jeito que vou conseguir provar que posso sair. Se eu continuar insistindo ela vai me acorrentar ao pé da cama.

Hora de recuar.

Passo pelos dois patetas parados e subo as escadas correndo.

Tranco a porta do quarto e me jogo na
PERIGOSAS ACHERON

cama: as coisas só pioram.



Pelo menos hoje eu teria algum divertimento, é dia de sessão de terapia. Minha segunda sessão em uma semana. Preciso confessar que estou ansiosa por isso, talvez seja porque a vida está tediosa e eu não tenha nada para fazer, mas até sonhei com a sessão. Na verdade, o que eu tinha narrado para ele apareceu como sonho essa noite. Só que tinha sido bem melhor, porque foi o contrário. O doutor é que veio de joelhos até mim e me fez ir ao céu. Diferente da realidade em que nenhum toque mais despertava o meu corpo, nesse sonho eu entrei em combustão espontânea.

O motorista e minha mãe me levaram até o consultório. Ela ficaria, mais uma vez, me aguardando na sala de espera. Quando entrei na
PERIGOSAS ACHERON

sala, ele já estava sentado em sua confortável poltrona. Dessa vez, estava usando óculos de grau, de armação preta, e segurava um tablet. O conjunto o deixou mais profissional.

— Boa tarde, Bruna.

— Boa tarde, doutor. Gostei dos óculos — ele assente. — Eu gostaria de fazer uma pergunta.

— Fique à vontade.

— Sobre sonhos. Eles são manifestações de desejos reais?

— Depende. Há uma linha da terapia que considera que sim, os sonhos podem estar falando de desejos. Para Freud, todo sonho tem um significado que se liga a uma realização de um desejo reprimido pela sua consciência. Mas ele também considera que seu sonho pode estar relembrando, ainda que não claramente, algo que aconteceu na véspera. Freud trabalha com as causas

PERIGOSAS NACIONAIS

do sonho, já outros teóricos, como Jung, possuem uma abordagem finalista dos sonhos, observando os símbolos, ampliando os conteúdos etc. Mais preocupados com suas finalidades e não com as causas.

— Você trabalha dessa maneira?

— Se o sonho tiver relevância durante as sessões, sim.

— Eu sonhei com você.

— Há razões para isso e nós podemos trabalhá-las.

— Você não sentiu nada com o que eu disse da outra vez?

— Você é ótima com narrativas. Já pensou em colocar no papel?

— Está me dizendo que tenho dom para roteiros pornô?

PERIGOSAS ACHERON

— Estou te mostrando maneiras de expressar os seus sentimentos, reais ou não.

— Meu desejo por você é real. Não sei como, mas algo me puxa para você.

— Talvez signifique que você confia em mim e isso é fundamental para que a relação entre terapeuta e cliente dê certo.

— Não acho que nossa relação deva ser apenas de paciente e terapeuta... Podemos melhorar isso — insinuo, abrindo um pouco as pernas. Meu vestido sobe alguns centímetros, mas ele não desvia o olhar do meu rosto.

— Nem todas as relações precisam ser sexualizadas, Bruna.

— Eu gosto de sexo.

— Ótimo, sexo é uma parte importante da vida de qualquer ser humano, mas às vezes acaba se sobrepondo às outras e é nesse caso que começa

a atrapalhar. Eu te perguntei, na primeira sessão, por que você tinha vindo, já tem uma resposta?

— Da primeira vez eu vim porque me obrigaram, hoje eu vim porque queria ver você. Qual é o problema em eu me interessar por um homem bonito como você? É por que eu sou mulher? Tudo bem homens pensarem com a cabeça debaixo, mas eu não posso deixar minha boceta fazer o mesmo papel?

Olhe para mim, doutor! Eu sou bonita, sou gostosa e estou disposta a fazer qualquer coisa que o senhor queira agora — abro as pernas de uma vez, deixando clara a minha posição.

— Nossa sessão está encerrada, Bruna — ele informa.

— Mas só se passaram dez minutos...

— Fim, Bruna — seu tom de voz é firme e o seu olhar, em momento algum, repousou sobre as

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas pernas.

Levanto do sofá e saio da sala devagar.

Game over.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Assim que ela fecha a porta, respiro fundo.

*Que porra está acontecendo com você,
Yuri? Não consegue mais levar uma sessão até o
fim?*

Não tenho condições de continuar com isso, já que não estou sabendo lidar, preciso passá-la para alguém que consiga ajudar.

Pego o meu celular e passo todas os contatos da agenda, observando meus colegas de profissão e quem seria a pessoa mais indicada para prosseguir com a Bruna. Considerando tudo que aconteceu, acredito que uma mulher possa auxiliar de maneira melhor. Por isso, é para uma amiga pessoal e profissional competente que decido ligar.

— O doutor gato me ligando no número pessoal, problemas no paraíso? — ela diz antes mesmo que eu possa abrir a boca.

— Oi, Valquíria, também é ótimo falar com você.

— Não me chamou de Val, acho que essa ligação era para o número profissional. Pois não, doutor Yuri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostaria de te passar um cliente.

— Você não costuma desistir de pacientes, o que houve?

— Não sou o profissional mais indicado para trabalhar com ela.

— Ela?

— Sim, é uma mulher.

— Vamos almoçar para conversar sobre isso?

— Podemos sim, mas antes marque uma sessão para ela. Tem agenda para terça-feira, às 13h?

— Sim, mas me confirme na terça mesmo. Tenho a impressão que vai desistir.

— Tirando conclusões por telefone, Val? Acho que comprou seu diploma.

— Nesse caso é apenas sexto sentido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feminino — ela ri — Yuri, eu a atendo, mas quero almoçar com você mesmo. Estou com saudades!

— Sexta-feira almoçamos, que tal?

— Marcando para tão longe? Quero saber como consegue preencher sua agenda de almoço tão rápido...

— Doutor Yuri? — A minha secretária abre a porta e coloca a cabeça para dentro — Bati diversas vezes...

— Preciso desligar, Val — encerro a ligação — desculpa Norma, não ouvi.

— O paciente do próximo horário já chegou e está bastante agitado andando de um lado para o outro da sala.

— Pode mandar entrar! — Ela assente e fecha a porta.

— Eu odeio os meus pais! — São as primeiras palavras dele assim que entra na sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu? — Perguntei sereno.

— O de sempre! — Ele se joga no sofá e coloca os pés na mesa de centro — eles querem que eu siga a carreira de médico, mas eu quero ser jornalista esportivo. Você me disse que eles iriam entender a minha decisão se eu dialogasse mais com eles — me acusa — mas tudo que consegui foi ficar sem celular e mesada! Você tem que me ajudar a sair dessa merda que você me colocou, doutor!

Não consigo conter o sorriso, o Lucas me ajudaria a esquecer da minha outra cliente.



Mais um dia de trabalho encerrado e mais uma hora de treino de crossfit cumprido. Dirijo para casa. Quando eu comecei a faculdade, acabei

PERIGOSAS ACHERON

me mudando para a Cidade Universitária, no distrito do Butantã. Passei muitos anos por lá e atualmente moro no mesmo distrito, mas em outro bairro. Meu apartamento no Jardim Bonfiglioli é uma das minhas maiores conquistas. Apesar de sempre ouvir da minha mãe que eu não precisava morar sozinho depois que saí da faculdade, gosto da minha independência e do meu espaço.

Estaciono o carro e entro no elevador. Aperto o botão do sétimo andar e já consigo sentir o banho quente que tomarei para fazer meus músculos relaxarem. Assim que abro a porta e deposito as chaves e o celular no rack da sala, o aparelho começa a tocar.

Márcia.

— Oi!

— Te mandei um monte de mensagens.

— Estava dirigindo, acabei de chegar em

PERIGOSAS NACIONAIS

casa.

— Ótimo! Vamos jantar fora?

— Estou exausto do treino, que tal pedir alguma coisa aqui em casa? — ela fica calada. — Querida?

— Nós precisamos conversar, Yuri.

— Podemos falar sobre o que você quiser depois que eu tomar um banho...

— Já estou cansada disso tudo! — ela dispara — Um ano nesse lenga-lenga de estar cansado e ter que atender pacientes.

— Venha aqui em casa e conversaremos pessoalmente sobre isso.

— Não quero mais...

— Querida, por favor, vamos conversar pessoalmente.

— Eu odeio quando você me chama de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

querida — a voz dela é alta e estridente contra o meu ouvido. — Com você é tudo cronometrado, *doutor*. Inclusive a foda!

Ouço-a calado.

— Você dá jeito na vida de todo mundo, mas não enxerga um palmo na frente do seu nariz.

— Márcia, não vejo razão para esse exagero por causa de um jantar. Sobre te chamar de querida, não acha que deveria ter me dito isso desde que eu a chamei a primeira vez?

— Não é o jantar... Não é só isso. Eu estou apaixonada por outra pessoa — ela joga a informação como uma bomba.

E eu não sinto nada.

Absolutamente nada.

— Tudo bem, nós podemos conversar e lidar com isso — digo calmamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Que porra, Yuri! Eu não quero lidar com isso. Quero que sinta ciúmes, ou pelo menos raiva, quero que deixe alguma coisa sair de dentro de você!

— Sinto muito — sento no sofá, mesmo suado, recosto a cabeça e fecho os olhos.

— Eu não traí você, mas senti vontade. Como vamos lidar com isso?

— Ainda quer jantar fora? — Pergunto, por fim.

— Perdi o apetite — ela desliga na minha cara.

Eu tentei falar com ela novamente e... Nada. Não atendeu as minhas ligações naquela noite, nem no dia seguinte.

Márcia era amiga de algumas outras amigas da Val e, em uma noite em que saímos todos juntos, fomos apresentados. Conversamos, sorrimos

e trocamos telefones. Jantamos, dormimos juntos e repetimos isso por um tempo até que percebemos que estávamos namorando. Era legal, cômodo e nos fazia bem... Bem, era o que eu achava até aquela ligação.

Não podia forçá-la a me encontrar para conversar e encerrar a nossa relação de maneira decente, então só me restava lidar com que viesse dela, se viesse e quando viesse.



Bruna

303, 304, 305... Aff essas flores estão me deixando tonta. Levanto da cama e procuro o meu celular. Quase onze da manhã e eu estou vestindo camisola, não descí para tomar café, mas comi o que me trouxeram no quarto. Não sinto fome e isso

PERIGOSAS ACHERON

seria uma dádiva para qualquer mulher, mas no auge dos meus vinte e dois anos isso só me deixa indiferente.

Eu preciso sair dessa casa, preciso ver gente, interagir e quem sabe o apetite não apareça se eu estiver em um restaurante caro? Mando uma mensagem para Diana e a convido para almoçar comigo.

VADiana: Acabei de acordar e a ressaca está me matando.

Eu: Di, por favor, estou em cárcere privado, preciso de você. Eu pago o almoço e a sobremesa. E ainda te deixo escolher uma bolsa quando sairmos de lá, que tal?

VADiana: Agora a coisa começou a ficar

interessante.

Te encontro às 12h.

Pulo da cama e corro para o banheiro. Conversar com a minha amiga vai me animar. Lavo os cabelos e os condiciono, tentando dar um jeito no ressecamento recente.

Opto por vestir um conjunto de saia e cropped *marsala*, justos e sandália de salto branca. Seco os cabelos com secador por uns dois minutos, apenas para tirar o excesso de água e, em seguida, faço *fitagem* dos fios com os dedos. Um gel finalizador e meus cabelos parecem ter sido arrumado por um profissional.

Minha maquiagem é básica, apenas para cobrir minha cara de cansaço. Desço rapidamente para pedir permissão a general.

— Mãe, vou sair para almoçar com a Diana.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não é balada, não vou beber e pode mandar sua babá ir comigo — bufo. Ela sorri.

— Vou te dar um voto de confiança. Vou pedir ao Fábio para te acompanhar e para te trazer de volta.

— Talvez uma tornozeleira eletrônica seja melhor... — ironizo.

— Vou dar uma pesquisada sobre isso. Bom almoço, filha.

Saio antes que ela mude de ideia e encontro com o Fábio entrando para receber as instruções. Poucos segundos depois, ele passa por mim novamente andando até a garagem. Sigo-o para não ficar ali parada esperando que ele volte com o carro.

— Está com pressa mesmo.

— Você não faz ideia de como estar aí é dentro é sufocante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela só está preocupada com você — o tom que ele usa é um tanto protetor. Será?

— Entendo...

Entro no carro pela porta de trás e me posiciono no banco traseiro.

— O cinto, por favor.

— Ah, claro... preocupação com a minha vida — resmungo e coloco o cinto de segurança.

Chego no restaurante às 12h15. Peço uma mesa para dois e me acomodo, esperando a vadia. Ela demora cinco minutos para chegar e me vê assim que entra, vindo em minha direção.

— Bruna, sua vadia, por que sumiu? As baladas não são as mesmas sem você! — A loira senta de frente para mim.

Ignoro a pergunta. As pessoas não notaram — ou ignoraram — meu status suicida daquela noite. Era mas fácil fingir que nada tinha acontecido...
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todo mundo.

— Pegou a roupa da Barbie Vadia emprestada? — Perturbo. Ela está usando um vestido curto rosa e de veludo.

— Gostou, né? Seus peitões não cabem aqui — ela ri. — Mas deixe eu te contar, ontem teve festinha no *apê* do Rick e vadia, foi tudo liberado. Cara, eu bebi tanto que não sei como consegui acordar hoje. Dei P.T total! Faltou você.

— Minha mãe está me prendendo em casa, passei mal depois da sua festa de aniversário e aí fodeu tudo.

— Sério, amiga? Mas deixe eu te mostrar — ela sacou o celular e me mostrou o vídeo.

Ela estava de quatro, com um pau na boca e outro fodendo-a por trás. A cena dura pouco mais de trinta segundos, mas os gemidos e palavrões dos caras parecem perpetuar por todo restaurante.

PERIGOSAS ACHERON

— E isso aí foi a terceira! Antes, eu peguei a Sá, o novo namorado dela e mais uns dois que não sei quem são. Menina, não sabia que ela estava assim tão liberal.

— Nem eu — respondo.

O garçom se aproxima e ela faz o pedido dela. Não sei se foi o vídeo, a conversa ou a escolha de prato dela, mas meu apetite que eu achei que viria com tudo, não deu as caras.

A sensação de estar no lugar errado me abateu e, por mais ridículo que pareça, eu gostaria de estar contando as malditas flores do quarto de hóspedes.

— E a senhora? — o garçom me pergunta.

Eu adoraria tomar uma bebida bem forte, mas estava com o motorista e minha mãe me mandaria para uma clínica de reabilitação se eu chegasse embriagada. Eu, com certeza, não

conseguiria parar no primeiro copo.

— Um suco de laranja, com gelo e sem açúcar.

— Você está mal mesmo, hein? — Diana fala, fazendo o garçom sorrir antes de se retirar.

— Estou um pouco enjoada.

— Caralho, mana, não é gravidez não, né?

— Deus me livre, Diana! Como eu disse, passei mal aquele dia e ainda não estou cem por cento.

— *Tá!* Mas deixe eu te contar, tem festinha hoje a noite, acha que consegue fugir? — nego com a cabeça — Ah, sabe quem eu andei *stalkeando*? Felipe Albuquerque. Mana, que pecado aquele cara ter se casado com aquela sem sal. Aquele nosso *ménage* está no meu top five!

— Isso é passado — digo, sem demonstrar o tamanho daquela ferida.

— Mas é aquele tipo de passado que a gente deseja recordar — ela gargalha e eu sorrio, para não perder a piada.

Quando o prato da Diana chegou, eu quase beijei o garçom em agradecimento. A Barbie vadia comeu concentrada no celular e eu bebi o meu suco a força. Gole após gole, eu me perguntava o que estava acontecendo comigo e se um dia isso tudo passaria. Confesso que sempre evitei pensar muito acerca de qualquer coisa, mas enquanto encarava o copo repleto de suco de laranja não tinha muita opção.

Assim que ela se sente satisfeita, peço e pago a conta. Estamos saindo do restaurante, quando um garoto se aproxima. Diana coloca o Iphone no decote, escondendo o celular e aperta a bolsa de forma defensiva.

— Calma, minha tia, não sou ladrão não. Só

queria comer...

— Qual é o seu nome? — Me aproximo do garoto.

Ele deve ter, no máximo dez anos de idade. Está descalço e com roupas um pouco menores do que o tamanho dele. A camisa vermelha tem um Homem-Aranha estampado no centro e o short cinza está desbotado.

— Jefinho — ele responde surpreso, como se ninguém tivesse feito aquela pergunta antes.

— Oi Jefinho, eu sou a Bruna. Você quer almoçar?

— Ah, não Bruna, por favor! Você me prometeu uma bolsa quando saíssemos e esse pivete é sujo.

— Eu tomo banho dona! Só porque não sou amarelo como você não quer dizer que seja sujo. Venha me cheirar... — eu me aproximo dele, para

cheirá-lo e acabar com o constrangimento que se instaurou.

— *Argh* — ela retruca.

— Está cheiroso mesmo, Jefinho — minto.
O garoto está suado.

— Diana, pegue um táxi e eu vou te mandar a bolsa que você escolher. Vou entrar para que o Jefinho coma e depois tenho um compromisso — lembro da terapia.

— Certo, mas Bruna procure um médico, essa não é você — ela dá as costas e eu estendo a mão para o menino.

— Vou comer aí, tia? Mas o moço não deixa *eu* entrar...

— Não se preocupe — sinto um aperto no coração pela situação do garoto. Quão difícil são as coisas para ele?

Entramos no restaurante e logo chegam
PERIGOSAS ACHERON

próximo a mim.

— Senhora, ele não pode entrar.

— Por que não?

— Está descalço e sujo, os clientes não gostam.

— Eu não *tô* sujo! — o garoto retruca. — É a minha cor...

— Ele vai entrar e vai comer, quem reclamar adicione a conta de quem reclamou a minha que eu pagarei por tudo.

— Mas... — ignoro o homem e sigo para a mesma mesa em que estava sentada com a Diana.

— A senhora deve ser muito rica *pra* pagar a comida de todo mundo — ele diz ao sentar ao meu lado.

— Não se preocupe com isso. Mas me diga, quantos anos você tem e o que estava fazendo aqui

PERIGOSAS NACIONAIS

na porta?

— Lá vai perguntar da escola — resmunga.
— Tenho onze anos e não fui *pra* escola hoje.

— Não gosta da escola? — pergunto, mas ele não responde por que o garçom se aproxima — quer arroz, carne e batata frita?

— Sim — ele quase grita — e Coca-Cola!

— E Coca-Cola — informo ao garçom — o mesmo para mim.

— Então, Jefinho, posso perguntar sobre sua mãe? Você tem irmãos?

— Ela *tá* aqui perto, tia — ele diz, mas não me parece verdade — eu tenho cinco *irmão*.

— Nossa, que legal, todos mais velhos?

— Juliana tem treze, Jean doze, Jefiner oito e os gêmeos tem três anos. Sou o do meio.

— Seus pais fazem o que?

PERIGOSAS ACHERON

— Não tenho pai, ele foi embora. Mas meu padrasto é *predeiro*. E minha mãe faz faxina às vez.

É impressionante como a conversa com um garoto desconhecido de onze anos flui melhor do que com a minha amiga de vinte e dois. Apesar das dificuldades que deve passar, dado a quantidade de gente e a renda de casa, Jefinho não parece uma criança triste ou amargurada. Pelo contrário, quando paro de fazer perguntas ele decide me contar algumas piadas bem sem graça, mas que eu rio pela maneira com a qual ele conta.

Quando nossos pratos chegam, o garoto come como se sua vida dependesse daquela refeição. Sinto um ligeiro aperto no estômago e interpreto como fome, aquela velha amiga que tinha me abandonado há muito tempo. Como o arroz e a batata frita, sentindo realmente o sabor da comida. Estava muito boa e entre piadas e sorrisos,

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos pratos acabam limpos.

— Quer sobremesa? — Pergunto e sorrio ao ver seus olhos brilharem. — Mousse de chocolate e morango? — ele balança a cabeça enfaticamente que sim.

Faço o pedido e enquanto aguardamos, penso em como será o almoço dele no dia seguinte.

— Você está sempre por aqui?

— Sim.

— E a escola?

— É...

— Não precisa mentir para mim.

— Na escola eu ia mais no começo do ano. Agora só os mais novos *vai*.

— Eu gostei de almoçar com você, queria muito te levar em casa, mas tenho um compromisso... Podemos almoçar juntos de novo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro dia?

— Se a tia quiser pagar, como todo dia —
ele ri.

— Amanhã eu venho almoçar aqui
novamente e você é meu convidado.

— Demorou!

Nós apreciamos a sobremesa e eu pedi a conta. Nenhum valor de outra mesa foi acrescentado ao meu, ou ninguém reclamou ou o gerente interveio na situação. De qualquer forma, não fiquei prestando atenção nos olhares tortos que dirigiam a nossa mesa, estava mais concentrada nas histórias do meu novo amigo.

Quando saímos do restaurante, o garoto me abraçou pela cintura e agradeceu o “rango”. Nos despedimos antes de eu entrar no carro. Quando Fábio sai do estacionamento, sinto-me estranha, mas útil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa é uma sensação nova para mim.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Quando um psicólogo chega em seu consultório, precisa deixar a própria vida de lado. Naquele ambiente, a relevância está no cliente. No que diz, no que deixa de dizer e no que faz. Não é tão simples, como o girar da maçaneta, mas é mais PERIGOSAS ACHERON

ou menos a analogia que eu uso todas as vezes que chego aqui. Quando movo a maçaneta da porta branca, vou girando a chave que “tranca” o meu lado pessoal. Assim, quando fecho a porta e estou no interior do espaço, sou apenas o doutor – como a maioria gosta de nos chamar.

Hoje é terça-feira, dia em que oficialmente eu passaria o caso da Bruna para a Val. São oito horas de uma rara manhã sem atendimentos. É dia de estudar, mas eu tinha que confirmar essa consulta antes.

Pego meu celular no bolso do blazer e ligo, dessa vez para o número profissional, da Val.

— Consultório de psicologia Bem-Estar, Nadine — a secretária atende.

— Bom dia, Nadine, é o Yuri, posso falar com a Valquíria?

— Oi, doutor. Só um instante — ela

PERIGOSAS NACIONAIS

transfere a ligação e em poucos segundos a linha fica muda.

— Olá, gato doutor — minha amiga me cumprimenta.

— Você disse para eu confirmar a consulta hoje.

— Isso porque eu tinha esperança de que fossemos almoçar antes. Mas pode me resumir o que está acontecendo por aqui mesmo.

Eu resumi as duas primeiras sessões e a doutora Valquíria Queiroz colocou em prática comigo todos os seus anos de teoria sobre Transferência Erótica. Em termos traduzidos, seria quando a cliente se declara atraída por seu orientador, além da relação profissional. Mas, como profissional o terapeuta deve enxergar as ações e reações pelo que são e não pelo que parece, logo há algo mais nessa declaração.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei de tudo isso, Val — respondo depois de alguns minutos ouvindo-a relembrar que Freud deixa de colocar isso como um ponto negativo na relação entre terapeuta e paciente, já que ele enxerga isso como uma maneira de driblar o obstáculo colocado, inconscientemente pelo cliente, no caminho da terapia.

— Como me disse que você é o primeiro terapeuta dela, acho que é muito mais prejudicial passá-la para outra pessoa do que tentar dar um mais passo para entender o que está acontecendo. A não ser que...

— Talvez eu não saiba lidar com isso.

— Está com receio de uma contratransferência? — Fico calado. — Certo, isso seria um problema. Se você decidir me passá-la, farei o meu melhor.

— Cancele a sessão de hoje, entro em

contato com você novamente — informo e nos despedimos.

A Valquíria tinha razão.

E o pior de tudo foi escutar ela repetir diversas vezes na minha cara que tinha razão. Após refletir por muito tempo sobre a minha mais nova paciente, decidi que não posso transferi-la. Pelo menos não ainda, ela precisava confiar na psicologia antes. Eu me sentia responsável pelos meus pacientes.

O que eu não confessei nem mesmo para a minha melhor amiga foi que a minha ligação com a Bruna era anterior ao consultório. Pelos dados do seu relatório médico, Bruna tentou o suicídio na noite que nos vimos pela primeira vez. Eu fui negligente quando não insisti em levá-la ao hospital após seu desmaio.

Ela poderia ter morrido.

E eu não teria feito nada.

Portanto, ainda que eu não pudesse voltar no tempo, podia ajudá-la a entender os motivos que a levaram a tomar a decisão de tirar a própria vida.

Bruna, seria a minha primeira paciente do dia e as horas pareciam se estender. Era como se o relógio prolongasse os minutos propositalmente. Adiado o nosso encontro inevitável.

— Ela ainda não chegou! — Norma repete, quando atende a minha terceira ligação no intervalo de cinco minutos.

Estou ansioso para a nossa sessão. Passei a manhã estudando maneiras de ajudá-la a se sentir mais confortável. E talvez o confronto fosse o ideal.

Dez minutos. Ela está a dez minutos atrasada. Deve ter cansado de brincar de seduzir o terapeuta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde! Desculpa pelo atraso — ela invade a sala e preenche o ambiente.

Meu corpo reage a sua aparição e meus batimentos cardíacos aceleram. Denomino isso de “surpresa” pela sua aparição repentina, sem bater e sem ser anunciada.

— Boa tarde! — Limito-me a responder e ela se senta.

Dessa vez, Bruna não exibe um sorriso sedutor e nem mantém contato visual. Parece distante, perdida em seus próprios pensamentos.

Permito que os meus olhos a estudem por completo. A mulher à minha frente é indecifrável. Como um cofre trancado que eu precisava descobrir a senha. Ao mesmo tempo em que desejo desvendar seus anseios e medos, tenho vontade de manter a minha ignorância ao seu respeito.

Isso tudo é um erro.

PERIGOSAS ACHERON

Dispense-a. É o correto a se fazer, Yuri.

— Bruna, essa será a nossa última sessão — verbalizo — mas não se preocupe, já conversei com a doutora Valquíria e ela tem vaga na agenda para...

— É por causa do meu atraso? Me desculpe, aconteceu um imprevisto no almoço e além disso, ficamos preso no engarrafamento.

— Não — nego e só então ela me encara.

— Então qual o problema? Eu deixo você desconfortável... Mas não foi você mesmo que disse que aqui posso falar o que quiser? Então por que tenho a sensação de estar sendo punida pelo meu comportamento?

— Você não está sendo punida — elucidado — apenas não estamos progredindo nas sessões e estou preocupado com o seu bem-estar.

— Se tivesse mesmo preocupado não

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria me descartando. Você é igualzinho a todos eles. Se cansam e desistem — ela levanta furiosa e vai em direção à porta, antes que que consiga tocar a maçaneta eu a questiono:

— Quem são eles?

— O quê?

— Eles foram os responsáveis por você estar aqui?

— Não sei o que quer dizer.

— Somos responsáveis por nossas escolhas, Bruna, mas isso não quer dizer que as pessoas ao nosso redor não interfiram nelas. Quem são eles?

Ela permanece em silêncio, parada em frente à porta fechada.

— Os homens. Todos eles. Meu pai, o Robson, o Felipe, o Alexandre... — Bruna fala ainda de costas para mim — todos eles se cansaram e caíram fora.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual o significado deles na sua vida?

— Isso interessa para você?

— Sou seu terapeuta, qualquer informação relacionada a você é do meu interesse.

— Alguns minutos atrás você estava informando que não seria mais meu terapeuta. Qual o seu problema? — Ela se vira bruscamente. Seu olhar é acusatório.

Ela tem razão. O correto a fazer era aconselhá-la a falar sobre esses homens na sua próxima sessão com a Val, mas sua vulnerabilidade pode não mais aparecer e talvez ela se recuse a ser atendida por outra pessoa. Ainda mais agora que descobri que acusa o sexo masculino pelos seus problemas.

— Podemos tentar mais uma vez. Sente-se e fale mais sobre o Robson, o Felipe e o Alexandre.

— Tem certeza quer ouvir? A minha

história com eles é repleta de sexo.

— Sou todo ouvidos — apanho um bloco de anotações e uma caneta na mesa de centro enquanto ela se acomoda no sofá.

É hora de deixar a Bruna extravasar os seus sentimentos.



Bruna

Depois que desistiu de me dispensar, doutor Yuri perguntou como eu me sentia e a primeira palavra que veio em minha mente foi: lixo. Jogamos fora aquilo que não serve mais, que está com defeito ou que enjoamos e não queremos mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar na cara. Por mais difícil que seja para mim admitir, é assim que eu me sinto durante a maior parte da minha vida. Sempre disfarcei bem, tentando ser bem resolvida, dona de mim e muito descolada, mas no fundo, havia o vazio. E esse vazio, que eu não identifiquei a tempo, me tomou por completo e fez a minha vida ser um nada.

Por isso, ela passou a valer exatamente isso: nada.

Não é como se eu tivesse passado a enxergar tudo isso de uma hora para outra, os indícios sempre estiveram aí, eu é que não quis ou não pude ver. Fato é, que nas sessões seguintes meu terapeuta me fez mergulhar em mim mesma e eu quase me afoguei em vazio, carência e raiva.

Sim, raiva. E foi sobre ela quem me debrucei.

Doutor Yuri voltou aos homens que eu citei

PERIGOSAS ACHERON

aquele dia e pediu que eu escrevesse uma carta para cada um. Disse também que se eu não quisesse mostrar para ele estaria tudo bem, que o mais importante nesse processo era que eu colocasse para fora os sentimentos e falasse para cada um deles como eu me sentia.

E assim, trancada no meu quarto, com folhas de papel e uma caneta, deixei que minha memória vagasse até cada um deles, relembrando momentos e sentimentos.

Com a caneta em punho, diante da folha branca implorando por atenção, permiti que os sentimentos se transformassem em palavras e fluíssem através dos meus dedos.

Cartas para eles: Robson Schmidt.

Eu não tenho muito o que te dizer. Eu só

tinha treze anos. Você era legal, dizia que eu era bonita, especial e única. Eu acreditei em você, quem não acreditaria em um homem lindo, mais velho e poderoso? Você me pediu em namoro, lembra? Me pegou na porta da escola, logo depois que eu cheguei. Nós fomos a praia. Meu biquíni estava escondido na bolsa, como já tínhamos feito na semana anterior.

Eu não era inocente, sabia muito bem o que aconteceria naquele dia. Depois do banho de mar, nós nos pegamos na areia. Você lembra o quanto eu reclamei da areia grudada no meu cabelo? Meu corpo estava pegando fogo. Você sabia, muito mais do que os garotos da escola, como fazer minha pele arder. Ah, Robson, você me deu o meu primeiro orgasmo, será que eu devo lhe agradecer por isso? Por ter me levado para o seu apartamento, tirado meu biquíni molhado e chupado minha boceta até eu estremecer pela primeira vez?

Talvez. Mas nunca vou lhe perdoar por ter voltado atrás no pedido de namoro. Você foi o primeiro a me ensinar sobre ser cafajeste, usar mulheres e partir para outra.

Um mês depois você apareceu na revista anunciando seu noivado.

Você fez eu me sentir usada.

E essa foi só a primeira vez.

Não foi tão difícil. O Yuri tinha me orientado a não apagar o que fizesse da primeira vez e a não reler, a não ser no consultório. Por isso, dobrei o papel e o coloquei no envelope, escrevendo o nome do remetente como se fosse, de fato, enviar a carta.

Quando terminei de fechar o envelope, meu coração apertou e foram aqueles malditos olhos azuis que vieram em minha mente. Eu tinha evitado

pensar nele, mas era chegada a hora de colocar meus sentimentos no papel.

Carta para eles: Felipe Albuquerque.

Um lixo. Completamente inútil e descartável, foi assim que me senti quando achei que você estava me trocando pela Gabriela. Eu sempre fiz de tudo por você. Doei todo o meu corpo para satisfazer o seu. Sem pudores, lembra? Você era o meu número. Nós fizemos de tudo. De tudo mesmo. Sexo em público, sexo em grupo e o melhor deles: sexo apenas nós dois. E também valia tudo nesse quesito. Felipe, você me satisfez de maneira tão completa e eu tinha certeza absoluta que, dessa vez, seria para sempre. Te entreguei o meu coração e até o meu dinheiro para ajudá-lo a realizar os seus sonhos, enquanto os meus próprios estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

sendo destruídos por você. Tudo que recebi de volta foi um belo chute na bunda.

Eu quis matar você por ser tão burro e cego, como não enxergava que eu era melhor que aquela loira aguada? Eu tinha tudo que ela tinha com a vantagem de ser mais jovem! Mas foi aí que você me mostrou que podia ser ainda mais letal. Não era por ela que você estava apaixonado.

Você, como tantos outros, preferiu ela a mim. Minha mãe.

Ela, mais uma vez, jogou baixo. Jogou sujo e o ajudou a se livrar de mim.

Por culpa de vocês dois, eu me sinto um lixo.

Escrever para o Felipe me fez chorar. Reviver tudo aquilo doía. Eu não queria passar por toda essa imersão no passado novamente, por isso, enxuguei as lágrimas e peguei a folha seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

Acabaria com aquele exercício ainda hoje.

Cartas para eles: Alexandre Fragoso.

De você eu deveria ter esperado o pior, mas fui burra. Quando nos encontramos no aeroporto, eu o reconheci de cara. Já tinha estado nas suas festas (mesmo sem você saber). Eu notei sua aliança e esse foi o meu primeiro erro: ir em frente. Mas você não está isento de culpa, afinal era você quem usava aliança e não eu, certo? Você foi um cretino filho da puta que me usou para fazer ciúmes para ela. Gabriela, mais uma vez disputando comigo e levando a melhor. Acho que a missão de vida da sua esposa é: foder com a vida da Bruna. E não no bom sentido da palavra foder. Você sabe, eu gosto de foder. E você é muito bom nisso. Alê, você me ajudou a batizar todos os

cantos do meu apartamento novo! Enquanto sua mulher estava sei lá onde. Como eu disse, fui burra. Achei que finalmente alguém estava escolhendo a mim, já que você a estava traindo comigo. Mas então você decidiu, por si só, que bastava. Que não me queria mais. Eu não servia mais para ser sua amante. Será que encontrou alguém melhor para me substituir, seu cretino? Você fez eu me sentir um lixo. Jogada no chão da sua casa, molhada e humilhada, sendo enxotada por um cachorro, como uma cadela dispensável.

Você me dispensou, escolheu outra a mim e fez eu me sentir a pior das mulheres.

Por fim, minha última tarefa.

Cartas para eles: Pai

Eu te amo desde que meus olhos se lembram de enxergar você. Você sempre foi grande e forte, eu adorava estar nos seus braços. Eu me sentia protegida. Quando eu tinha pesadelos, era você que ficava na minha cama, espantando todos os monstros. Você foi o meu primeiro amor. Mas me deixou.

Por causa dela. Sempre ela. Maldita Olga. Eu não era mais uma garotinha quando você saiu de casa, mas isso não fez com que doesse menos. Eu senti sua falta. Suas visitas diminuíram e o motivo era e continua sendo o trabalho. Porra, pai, seu maior papel era comigo! Mas por causa dela e por causa do trabalho, eu passei a ser a última na sua lista de prioridades.

Eu me sinto abandonada por você, mas continuo te amando.

Cada uma dessas palavras fluiu para transmitir tudo que havia em mim. Quando eu dobrei a última carta, tentando não molhar o papel com as minhas lágrimas, meu coração doía, mas parecia estar um pouco mais leve.

Escrever é como mágica.



Yuri

— Estava ansiosa pela nossa próxima consulta! — Bruna confessa assim que entra na sala.

— Que bom. — Emito num tom sereno, sem deixar transparecer que também me sentia
PERIGOSAS ACHERON

ansioso.

A cada nova sessão, eu tinha acesso a uma nova camada dela. O trabalho do terapeuta se assemelha ao do arqueólogo, por isso é preciso explorar com cuidado o ambiente alvo da sua pesquisa. Nós, assim como eles, nos debruçamos na análise do nosso objeto de estudo a partir das pistas e rastros dados por eles. Sempre atentos a cada novo indício.

E é assim, com sutileza e calma, que vou conduzindo os meus pacientes, despindo cada camada em busca da composição do seu ser. Bruna, assim como a maioria das pessoas, se esconde embaixo de várias camadas.

Notando a sua facilidade em se expressar com narrativas, pedi, em uma de nossas sessões, que ela escrevesse cartas para os homens que citou no dia em que tentei dispensá-la. Ela me

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendeu com os escritos. Era difícil imaginar que uma mulher com uma postura tão confiante, no fundo era insegura e carente. Apesar de contraditório, era perfeitamente compreensível. Bruna projeta nas pessoas com as quais se relaciona a chance de ser aceita e amada. Cada homem que passou por sua vida, foi visto como uma oportunidade para ser feliz. E quando eles não corresponderam a sua projeção, ela não soube lidar com os sentimentos.

— Que bom!? — Arqueia a sobancelha. — Não vai perguntar o motivo da minha felicidade? — Insiste.

— Por que você está feliz em estar aqui, Bruna? — Pergunto, por fim.

— Estar aqui, com você, é o melhor momento dos meus dias — o sorriso se amplia nos seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fico deveras feliz que esteja se sentindo bem com as nossas sessões.

— Deveras feliz? Em que ano você está? — Ri alto. — E eu disse que estou feliz em vê-lo e não pelas sessões.

— É a mesma coisa, Bruna. Ainda que você não consiga perceber, há uma associação direta entre a minha figura e a terapia — explico — quando você passa por aquela porta, acaba me enxergando em evidência, mas aqui sou um mero instrumento.

— Claro que não — ela sorri — mas se isso te deixa mais confortável, que seja! — Dá de ombros.

— Para hoje quero propor outra atividade — mudo o rumo da conversa — ela consiste em você me dizer os primeiros nomes que vierem à sua mente quando eu apresentar um tema.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que sou melhor escrevendo... —
Hesita — Porque, por exemplo, se você me falar “sexo” o meu primeiro impulso será falar seu nome.

— Ok, Bruna — estendi um bloco de anotações e caneta.

Ao pegá-los, os dedos dela tocam os meus e eu sinto algo parecido com uma descarga elétrica perpassar o meu corpo. Afasto a minha mão como se a sua pele fosse brasa.

— Raiva!

— Oi? — Indaga, surpresa.

— A atividade, Bruna. Quero que escreva três nomes ou situações que vem à sua cabeça a partir desse sentimento. Lembrando, que são as três primeiras coisas em que pensar.

— Minha mãe, meu terapeuta e minha vida!
— Cita, sem desviar o olhar do meu. Atento-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela não usou o bloco para escrever. — Não necessariamente nessa ordem.

Eu ser incluído na lista não me surpreende. É mais comum do que se imagina os clientes sentirem raiva dos terapeutas. Afinal, somos responsáveis por trazer à tona os sentimentos escondidos, muitas vezes dolorosos e indesejados.

— O que eles têm em comum?

— Não sei o que fazer com nenhum deles — ela permanece em silêncio por um curto período, antes de continuar — atualmente, a minha mãe me controla como se eu fosse uma criança. O meu terapeuta insiste em não enxergar um palmo em sua frente e a minha vida, bem... Se eu soubesse o que fazer com ela, não estaria aqui.

— Por que você acha que eu não enxergo as coisas com clareza? — As palavras saem antes que eu reflita.

PERIGOSAS ACHERON

Que ótimo, Yuri! Você acaba de dar armas ao inimigo, ao atestar que a opinião dela sobre você o incomoda.

— Eu poderia enumerar diversos motivos, mas prefiro que você faça esse exercício de reflexão. Na próxima consulta poderemos abordar os pontos elencados... — Ela repetiu as palavras que eu lhe disse na última sessão.

Eu consigo não sorrir diante da insolência. Retomo o controle, ignorando todos os sentimentos latentes dentro de mim.

— Agora quero que cite as pessoas que você ama, seguindo o procedimento anterior, os primeiros nomes que surgirem na sua cabeça.

Bruna concentra a atenção no bloco de anotações a caneta permanece parada no papel. A tarefa parece árdua, a caneta move-se um tempo depois e de onde estou não consigo enxergar o que

PERIGOSAS NACIONAIS

escreveu, mas foi algo breve, pois ela logo abandona a caneta sobre o papel e volta a me encarar.

— Meu pai! — Lê, em voz alta, o que escreveu.

— Somente ele? — Insisto.

— Você disse que eu deveria falar sem ponderar. Está surpreso com o fato de eu amar apenas uma pessoa? — Seu tom era acusatório — Seu queixo vai cair quando eu revelar o inverso.

A postura dela enrijece, indicando que esse é um assunto delicado. Na carta destinada ao pai, Bruna revelou muito mais do que estava ali escrito. Seu pai foi o primeiro homem a quem ela amou sem reservas, de maneira incondicional. Mas, aparentemente, ele não correspondeu às expectativas da filha.

— Já que tocou no assunto, vamos fazer o

PERIGOSAS ACHERON

inverso — manteve-me sereno — quem são as pessoas que amam você?

— Essa é fácil — ela sorri amargamente — ninguém!

Não respondo de imediato.

— Está surpreso, doutor Yuri?

— E seus pais? Eles certamente te amam.

— Essa presunção é errônea, doutor. Os laços sanguíneos não necessariamente significam laços amorosos. Tenho certeza que a minha ausência seria apenas sentida com um leve pesar. Olga, talvez, derramasse algumas lágrimas, ela sempre foi emotiva. E meu pai, provavelmente, beberia uma dose de Whisky sem gelo e logo se concentraria nos seus projetos. Eu sou fruto de uma gravidez não planejada, sou um empecilho para os dois — seus olhos, cheios de lágrimas, transbordam — por isso, eu decidi sair de cena. Não quero viver

PERIGOSAS NACIONAIS

com a sensação que sou um peso nos ombros das pessoas.

— Bruna, as coisas não são assim...

— Não! — Brada. — Não venha me dizer o que você não sabe. Você não sabe o que é se sentir um impostor no seu próprio corpo. Eu já me trasvesti de tantas formas para agradar os outros que nem sei quem eu sou! E nada funcionou. — As lágrimas rolam pela sua face e ela não tenta secá-las — Agora, finjo que sou a porra de uma filha compreensiva e serena. Mas, eu sei que para a minha mãe eu sou uma bomba relógio prestes a explodir. Ela acha que eu não percebo, mas eu sei que ela mantém os remédios escondidos numa gaveta com chave e jogou, após a minha chegada, todas as bebidas fora. Além dos malditos olhares de pena direcionados a mim, cada vez que insisto em ficar no quarto a jantar ao seu lado. Eu odeio que

PERIGOSAS ACHERON

ela se sinta culpada por uma decisão *minha*! Eu quis me matar para não ter que conviver com a Olga tentando bancar a mãe exemplar.

— Por que sua mãe tentaria bancar a mãe exemplar?

— Culpa. Felipe Albuquerque. Eles tiveram um caso, ao mesmo tempo em que eu estava envolvida com ele e quando descobriu, fingiu ser a mãe exemplar e terminou tudo.

— Essa é uma prova de amor, Bruna.

— Primeiro, ela afastou o meu pai de mim e, não satisfeita, afastou o amor da minha vida! Eu amava o Felipe — a sua voz sai por um fio.

— Continue — incentivo.

— Eu tentei me matar! — Ela confessa. — Queria acabar com tudo. Não faria falta para ninguém, nem para mim mesma. Eu tentei esquecer... Tentei esquecer tudo e todos, seguir em

PERIGOSAS NACIONAIS

frente, ser forte... Mas não dá! Eu sou uma imbecil. Teria sido o melhor para todos nós se eu tivesse morrido naquela noite.

— Eu discordo. Você não estaria aqui, por exemplo.

— Você fala como se se importasse....

— Eu me importo, acredite.

— Não — discorda com a cabeça — você me vê como um desafio. Sou uma paciente problemática e você quer apenas mostrar que consegue administrar a situação.

— Não é verdade, Bruna.

— Não minta para mim! Não seja como todos eles... — Pede, em súplica.

— Bruna... — Em um impulso levo as mãos até as suas para consolá-la, mas me detive no meio do caminho. Foi a gota d'água para que as camadas que a protegiam se rompessem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bruna escondeu o rosto com as mãos, numa tentativa inútil de esconder a cortina de lágrimas. Um soluço escapa dos seus lábios e logo vem o choro copioso que inunda o ambiente e me atinge em cheio.

Ela fazia o meu lado racional e o emocional viverem em duelo constante. Tudo que eu mais queria nesse momento era deixar claro que ela era importante. Confessando quantas noites já perdi por causa dela, pois durante o dia eu mantenho o controle dos meus pensamentos, mas a noite ela surge nos meus sonhos para me lembrar que não posso controlar tudo.

O relógio indica que a nossa sessão chegou ao fim, no exato momento que ela ergue a cabeça. Seus olhos estão vermelhos e sua expressão é dolorosa. Ela abre a bolsa e retira um pequeno espelho, esboçando uma careta para a expressão

PERIGOSAS ACHERON

refletida. Bruna retira os óculos da bolsa e camufla suas emoções com as lentes escuras. Calmamente, se levanta e fica parada de frente para mim.

— Eu posso te pedir uma coisa?

— Sim.

— Será que você pode me dar um abraço? Eu poderia pedir isso ao motorista da minha mãe, mas temo que ele interprete isso como um indício de loucura...

Levanto e dou a volta na mesa de centro. Assim que ficamos frente a frente, meus braços envolvem o seu corpo num abraço aconchegante. Evito pensar no quanto isso é impróprio. Estou mais preocupado em transmitir, por meio do meu toque, segurança e consolo para Bruna. Ela precisa disso. Seu rosto se recosta no meu peito e temo que ela escute as batidas do meu coração.

Com relutância, afasto nossos corpos. Ela

dá um passo para trás e me fita com carinho.

— Obrigada. Há muito tempo eu não sou abraçada assim.

Assinto e volto ao meu lugar, sentando e tentando manter a expressão impassível. A minha postura indica que aquilo jamais se repetiria.

— Até a próxima consulta, Bruna. — Digo quando ela segura a maçaneta.

A sua resposta foi a porta sendo fechada bruscamente.



Bruna

Eu ouço a maçaneta da porta ser girada e fecho os olhos. Os passos se aproximam da cama.

— Filha!? — Finjo estar dormindo, mas ela não desiste. Aproxima-se e senta na beirada da cama. — Sei que está acordada.

PERIGOSAS ACHERON

— Me deixa em paz! — Puxo o cobertor até a cabeça.

— Bruna, estou preocupada com você. Você não desceu para jantar ontem e mal tocou na comida que mandei aqui para o quarto, agora de manhã.

Fico em silêncio.

— O Fábio falou que você saiu do consultório furiosa. Você chorou durante todo o trajeto até em casa ontem, o que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso! — Levanto da cama rapidamente e caminho para o banheiro.

— Eu sou a sua mãe, você pode me contar qualquer coisa.

Ela toca o meu braço e eu viro para olhá-la, antes de chegar ao meu destino. Olga continua a mesma mulher de quem me lembro. Sua beleza continua no auge. Sempre foi assim. Ainda que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

saísse de casa antes das oito da manhã e retornasse somente as dezenove, ela matinha o mesmo frescor. Como se tivesse acabado de sair do banho. Se bem que, nas últimas semanas, notei o surgimento de marcas escuras ao redor dos seus olhos e uma expressão de cansaço. Só assim para ela parecer mais mortal.

— Qualquer coisa, *mamãe*? — Concorde, num balanço de cabeça — Eu odeio morar nessa casa. Não suporto a sensação de estar sendo vigiada. Detesto viver com você!

— Nós já conversamos, é temporário.

— Não, não conversamos! Você e o papai simplesmente decidiram que o melhor para mim era viver aqui nessa prisão domiciliar disfarçada de lar.

— Você preferia a clínica de reabilitação?

— Você fala como se eu não pudesse morar com ele!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não tem tempo para você, seria o mesmo que deixá-la abandonada a própria sorte — ela deixou escapar e posso ver o arrependimento no seu rosto — o que eu quis dizer...

— Foi que você, mais uma vez, está se sacrificando em meu nome — completo.

— Não ponha palavras na minha boca.

— Estou apenas reconhecendo o seu valor, Olga. Mas, acho que ainda é pouco, vou passar numa dessas lojas de presentes e comprar aquelas canecas bregas personalizadas com a frase “mãe do ano”. Assim, a cada vez que você beber seu café da manhã recordará o quanto é uma mãe exemplar.

— A consulta com o doutor Plínio é agora pela manhã.

— Quem? Quer saber, não faz diferença. Avise ao meu carcereiro que desço em trinta minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O psiquiatra, recomendação do doutor Evandro. Eu mesma irei levá-la.

— Tem certeza que não é um sacrifício? — Ironizo. — *A Lunardelli* precisa mais de você do que eu.

— Te espero lá embaixo, Bruna.

E quando eu achava que o meu dia não poderia piorar...



Depois que você atenta contra sua própria vida, vira um letreiro ambulante escrito PERIGO. É como se a qualquer momento eu pudesse repetir o ato e todos ao meu redor precisassem estar atentos aos indícios para impedir que isso venha a acontecer novamente. Isso explica o monitoramento constante ao qual estou sendo

PERIGOSAS ACHERON

submetida. Desde o psiquiatra que monitora o meu comportamento por meio das consultas quinzenais, até a minha mãe que convocou um batalhão para me vigiar. Isso, sem falar dos cuidados patéticos que ela adquiriu como retirar a chave do meu quarto e instalar câmeras de segurança pela casa para me vigiar quando está trabalhando. Como se eu não fosse notar! Sinto-me em um reality show, tendo todos os meus passos vigiados e isso é angustiante.

Aproveitei a consulta com o doutor Plínio para compartilhar essa sensação de sufocamento. A minha mãe, que entrou no consultório contra a minha vontade, também expôs a sua aflição e a sua preocupação diante da minha apatia. Para a minha surpresa, o médico, após ouvir os nossos lamentos, concordou comigo e tentou convencer Olga de que era preciso me dar um voto de confiança. Depois de uma breve discussão, ela prometeu afrouxar a corda

PERIGOSAS ACHERON

ao redor do meu pescoço, começando com a retirada das câmeras. Com a condição que jantasse todas as noites ao seu lado, além de praticar uma atividade física, que segundo ela é confirmado pelo médico, ajuda no combate a depressão e outras doenças da mente. Além de encontrar um hobby, qualquer coisa para ocupar o tempo.

Sem alternativas, acabei concordando.

Após eu recusar uma série de sugestões listada por ela, para a atividade física, Olga contratou uma *personal trainner*. Eu nem conhecia a mulher, mas já a odiava. Ela me fez acordar às sete da manhã em pleno domingo.

— A Carla está te esperando na sala —
Olga surge, animada, no meu quarto.

— Será que você pode bater antes de entrar? — Questiono enquanto calço os tênis de corrida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu prometo que da próxima vez tentarei lembrar. Estava pensando em me juntar a vocês. Sabe que nunca fui à Paulista num domingo? Dizem que é belíssimo...

— Não! Não quero você na minha cola!

— Seria legal passarmos mais um tempo juntas...

— Você prometeu que me deixaria livre.

— Estou querendo apenas passar um tempo com a minha filha.

— Não! — Amarrei o cadarço e saí do quarto, com ela seguindo meus passos.

— Ok, a gente marca outro domingo. Carla, essa é a Bruna, minha filha — ela faz a apresentação, quando chego a sala de estar.

A mulher de fios longos e escuros, é alta e musculosa. Não consigo precisar a sua idade, mas deve ter entre trinta e trinta e cinco anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um prazer conhecê-la, Bruna. Pronta para liberar endorfina?

— Não, mas não tenho escolha — Dou de ombros.

— O Fábio irá levá-las, já delimitei um ponto de encontro já que o tráfego de carros é proibido no local.

— Eu não sou uma criança que você precisa demarcar todos os meus passos — resmungo.

— Então pare de agir como uma! — Rebate serenamente — eu mesma posso te levar.

— Carla, você veio de carro? — Ela meneia a cabeça em concordância — Você não se incomoda em irmos no seu carro, não é?

— Claro que não.

— Ótimo, já tenho uma carona!

— O Fábio irá segui-las...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse não foi o combinado.

— O combinado era que ambas deveriam ceder.

— Eu já cedi quando aceitei entrar nessa roupa de academia e correr na Paulista num domingo de manhã. Qual a sua parte nesse acordo?

— Ok — solta o ar com força — faça valer meu voto de confiança.

Reviro os olhos, como a criança que ela me acusa de ser e dou as costas. Alguns minutos longe das algemas pode ser bem interessante.

— Enfim, liberdade! — Sorrio quando Carla põe o carro em movimento. Avisto, pelo retrovisor, a minha mãe parada na porta até ela virar um borrão.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já estive em São Paulo diversas vezes, mas em nenhuma delas a Avenida Paulista esteve no meu roteiro. A não ser como passagem, dentro de algum carro importado. O lugar, ocupado por carros durante a semana, é tomado por pedestres, bicicletas, patins, skates e *overboard* no domingo. Todos ocupam os espaços harmônica e democraticamente.

O ambiente, escolhido por Carla, me anima e não sinto o tempo passar entre alongamentos, caminhadas e exercícios específicos para fortalecer os músculos. Já estamos prestes a ir embora quando avisto uma figura bastante conhecida.

O homem com *headphone* atravessa a avenida com passadas largas e ritmadas. Se eu não o conhecesse poderia apostar que é um atleta profissional. Meus olhos percorrem o seu corpo, a camiseta molhada colada ao seu abdômen como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma segunda pele, me dando a certeza do que eu já desconfiava: em baixo do blazer se esconde um corpo definido. As coxas ficam em evidência com a bermuda tactel. Aquela visão parece fazer meu corpo despertar, tendo vontade de relembrar reações adormecidas.

— Vamos Bruna? — Carla chama, mas não desvio o olhar do meu alvo.

— Será que você poderia comprar mais água? Ainda estou com sede.

— Claro.

Assim que ela segue na direção do vendedor ambulante, eu corro na direção oposta. Tento alcançar os seus passos, mas não consigo acompanhar o seu ritmo, por isso contento-me em acompanhá-lo o mais perto que posso, sem perdê-lo de vista. Quando ele decide diminuir o ritmo, faço uma prece muda em agradecimento, mais alguns

PERIGOSAS ACHERON

metros e eu desmaiaria exausta.

Ele entra na cafeteria e eu, finalmente, paro dois segundos para respirar. Quando ele está indo até o balcão, eu entro e sigo para o mesmo lugar. É apenas uma coincidência quando ele se vira e me encontra, depois de fazer o seu pedido. Seus olhos demonstram surpresa ao notar a minha presença.

— Yuri? Você por aqui?

Espero que eu ainda seja boa em fingir.



Yuri

*"Eu só estava analisando números e
figuras
Desfazendo os enigmas
Questões da ciência, ciência e progresso
Não falam tão alto quanto meu coração"
The scientist – Coldplay*

É como se eu soubesse quem estaria ali, segundos antes de virar.

— Yuri? Você por aqui?

Bruna estava a poucos centímetros de mim, usando uma legging preta e um maldito top pink. Seus seios são evidenciados pelo minúsculo tecido que os apertam e os projetam para frente. Sua respiração está ofegante, por isso seu colo sobe e desce em ritmo hipnotizante.

Desvie o olhar, Yuri! Os olhos dela são mais para cima...

Meu cérebro insiste em me lembrar, mas o meu lado emocional, comandado por um órgão praticamente com vida própria, discorda afirmando que aqueles belos peitos merecem ser admirados com calma.

Chega, Yuri!

A racionalidade vence a luta, fazendo com que eu me concentre em seu rosto.

— O que você faz aqui, Bruna?

— O mesmo que você, presumo. Vim em busca de algo para me refrescar. — Sorri e uma gota de suor escorre do seu rosto, fazendo-me de idiota enquanto acompanho o seu percurso até que pare no tecido pink.

— Yuri!! — A atendente chama o meu nome e me desperta do meu torpor, caminhando até lá. Bruna me segue.

— Obrigado — pego o copo e bebo, ali mesmo, um grande gole do meu *refresher* sabor limão. A bebida gelada não aplaca a minha sede, que parece só aumentar nesse momento.

— Parece ser saboroso. Posso experimentar? — Ela não espera pela minha resposta, fica na ponta dos pés e leva o canudo em

PERIGOSAS NACIONAIS

direção a boca. Seus lábios sugam enquanto ela fecha os olhos. — Extremamente delicioso! — Lambe os lábios.

Bruna adora provocar. É como se ensaiasse cada gesto para que parecesse sexualmente atrativo. E ela consegue. Todavia, eu não sou o único que pensa dessa forma, os homens ao nosso redor parecem estar prestes a oferecer o próprio canudo para que ela sugue. O senhor, sentando na mesa próxima ao balcão, fixa o olhar na bunda dela e isso me deixa incomodado.

Essa é a palavra. Incômodo. O que sinto nesse momento é apenas incômodo. Uma sensação ruim causada por outra desconfortável.

Desconfortável. Bruna me deixa desconfortável com todo o seu arsenal.

— Decidido! Vou pedir o mesmo para mim.
— Ela sorri e caminha para a fila de pedidos.

PERIGOSAS ACHERON

Eu deveria dar meia volta e seguir meu caminho. Já estava com a bebida em mãos, era só me despedir e continuar executando os meus planos para o domingo. Mas permaneci ali, recostado ao balcão, feito um cão de guarda.

— O mesmo do dele — ela aponta para a minha bebida.

— Um *refresher* limão venti! — A atendente informa — Onze reais e vinte centavos.

— Droga! — Bruna murmura — Esqueci a minha carteira no carro.

— Eu pago! — O senhor que a olhava se oferece, sem perder a oportunidade.

— Obrigada — Bruna sorri.

— Não será preciso, ela está comigo! — Me aproximo e estendo o meu cartão de débito.

— Estou? — Arqueia a sobrancelha. Ignoro a sua pergunta e digito a senha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi mal, cara. Não sabia que vocês estavam juntos... — O senhor se desculpa.

— Não dessa forma... — Bruna explica — De toda forma, obrigada pela gentileza. — Sorri para o homem que apenas balança a cabeça e desvia o olhar.

— Qual nome coloco na bebida? — A caixa pergunta.

— *Psicogato!* — Bruna responde de imediato, a mulher franze o cenho, mas não diz nenhuma palavra, tampouco eu. — Você vem sempre aqui?

— Sim. — Respondo, monossilábico.

— Alguém não é muito falante logo pela manhã. — Sorri.

Há um homem tatuado que, mesmo do lado de fora, olha fixamente, entre as paredes de vidro, para ela. Espero que não tenha sido isso que eu

PERIGOSAS ACHERON

tenha feito, encarando-a assim que apareceu. Não sou muito desse tipo que acha que “olhar não arranca pedaço”, na verdade, me orgulho de ser bastante respeitador. Mulher não é peça de exposição.

Quando a balconista anuncia “Psicogato” em alto e bom som, eu pego a bebida rapidamente, tentando evitar os olhares curiosos, mas eles estavam direcionados a nós.

— Vamos! — Entrego a bebida para Bruna.

— Para onde você quiser! — Ela sorri cinicamente e segue meus passos.

— Onde está seu motorista? — Olho ao redor em busca de alguém.

— Está de folga! — Diz após saborear o *refresher* — Olga, me concedeu indulto de domingo. Estou livre, leve e solta! Para onde vamos? — Suga o canudinho mais uma vez e sorri

PERIGOSAS NACIONAIS

de forma sedutora.

Essa mulher é a tentação personificada.

E esse é um jogo perigoso para ambos.

— Você vai para a sua casa! Vamos, vou te levar até o ponto de táxi.

— Por que tenho a impressão que está tentando se livrar de mim, *psicogato*? — Indaga sorrindo.

— Não estou — minto — apenas quero assegurar que ficará bem.

— Foi por esse motivo que pagou pela minha bebida?

— Por qual outro motivo seria?

— Ciúmes? Eu vi a forma que você olhou para o homem lá dentro. O cara estava apenas sendo gentil.

— Eu não podia deixar um desconhecido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pagar pela sua bebida. É perigoso, Bruna. Você não lê os jornais?

— Colunas de fofoca contam? — Dá de ombros — Se bem que nem isso eu tenho feito. De qualquer forma, era apenas uma bebida. Homens pagam bebidas para as mulheres no planeta de onde venho, sabia?

— No meu também, por isso paguei pela sua bebida. Bebida paga, fim da história.

Tento dar o assunto por encerrado, pois todas as vezes que Bruna dita o rumo da conversa, me vejo preso em suas artimanhas.

— Se você não me conhecesse também pagaria pela minha bebida?

— Provavelmente sim... — Respondo vagamente.

— Por qual motivo? — Hesito em responder.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sei onde ela queria chegar. Que inferno de mulher!

— Vamos doutor, não é tão difícil.

— Gentileza! — Resmungo.

— Então você está dizendo que pagaria a bebida de uma mulher desconhecida apenas por ser gentil, sem segundas intenções?

— Sim.

— Isso não tem nada a ver com a mulher ser gostosa? Pode ser sincero comigo, não vou te julgar.

A minha mente vagou até o dia em que a vi pela primeira vez. Naquela noite eu não enxerguei a mulher, apenas a pessoa que precisava de auxílio.

— Não — respondo sereno — a minha gentileza é desprovida de segundas ou terceiras intenções.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Baseado nisso, podemos presumir que outras pessoas também possam agir dessa forma. Portanto, o estranho poderia apenas estar exercitando a sua gentileza.

— Essa seria uma possibilidade... — *se ele não tivesse te comendo com os olhos*, penso.

— O que difere você do estranho? Na situação hipotética em que não nos conhecemos, você pagaria uma bebida para mim e me deixaria sem alternativas para recusar. Entretanto, esse seu ato poderia ser uma artimanha para seduzir e matar moças relapsas. Ou poderia ser um *psicolouco* que anda por aí atrás de vítimas fáceis e as obriga a frequentar seu consultório — ela completa a sua narração com um sorriso enorme no rosto.

A sua capacidade de imaginar situações me impressiona. Ela consegue montar toda uma história em poucos segundos e narrar de tal modo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que você fica atento, sedento pelos próximos acontecimentos. O meu lado racional diria, nesse exato momento, que ela deveria explorar esse seu talento em criar histórias. Retirar do pensamento e dar vida através das palavras escritas. Porém, o meu outro lado prefere se comportar como um garoto enciumado.

— Ok, da próxima vez deixo um estranho pagar pela sua bebida, satisfeita?

— Você precisará se esforçar mais do que isso para me deixar satisfeita! — Pisca em minha direção.

Meu celular vibra no bolso da bermuda e pego para conferir do que se trata. Quando se é terapeuta, você vive em total estado de alerta. É muito comum os pacientes entrarem em contato quando estão prestes a ter uma crise, ou ainda, quando estão passando por ela. Dessa vez, era uma

PERIGOSAS ACHERON

mensagem da minha mãe perguntando se a Márcia apareceria no almoço em família de hoje. Além de me informar que fez a minha comida preferida.

Os meus dias estão tão corridos que nem cheguei a comentar com meus pais sobre o término com a Márcia. Digitei uma resposta breve:

Chego no horário combinado. Beijo.

— Vamos, Bruna! — Chamo, devolvendo o celular ao bolso.

— Eu não vou para casa agora. Se você quiser pode desfrutar da minha companhia. Posso ouvir os seus sábios conselhos sobre não aceitar bebidas, doces e caronas de estranhos, o que seria um tédio, confesso. Mas também podemos falar sobre assuntos mais saborosos, digamos assim.

— Não temos nada para falar além do que

falamos no consultório. Além do mais, tenho um compromisso.

— Não estamos no seu consultório — ela me lembra — estamos fora da sua bolha, somos apenas Bruna e Yuri. Esse *blábláblá* é ensinado na faculdade? Ela ensina você a rotular as pessoas e situações? Eu estou apenas te convidando para sentar e conversar, que mal pode haver nisso? — Permaneço em silêncio — se você não tivesse esse compromisso sentaria e conversaria comigo, como se fôssemos dois amigos?

— Não somos amigos, Bruna — digo, no tom monótono que uso no consultório — você é a minha paciente...

— Que saco! Eu não sou apenas a porra da sua paciente. Será que você não consegue me enxergar de verdade?

— Eu compreendo...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai para o inferno com a sua compreensão! Eu não vou agarrar você se é o que você teme. Por mais que você não acredite, eu respeito à vontade das pessoas e se você disser *não* é *não*! Apenas pensei que poderia sentar para conversar, aproveitar os meus minutos de liberdade antes de voltar para o meu quarto e olhar para o teto.

— Me desculpa, eu...

— Não precisa se desculpar por não suportar a minha presença. Eu sei reconhecer quando alguém quer a minha companhia e aquele estranho ali quer.

— Você não vai sentar na mesa daquele estranho.

— Ah, eu vou! — Sorri — Até a próxima sessão, doutor Yuri.

Ela se afasta e segue em direção à mesa.

PERIGOSAS ACHERON

Parabéns, Yuri! Você acabou de jogar a sua paciente instável nos braços de um completo desconhecido.

Não posso interferir nas decisões dos clientes, apenas ajudá-los com as consequências... Se elas vierem, por isso, dou meia volta e sigo em direção contrária a Bruna. É o certo a se fazer, Bruna é adulta e está tentando apenas me testar.

Já na Avenida, andando entre as pessoas, não consigo desligar os meus pensamentos em relação ao que acabou de acontecer. Eles seguem uma linha tortuosa desde: “Ela não é sua responsabilidade, foi a própria quem escolheu se juntar ao desconhecido” até “da última vez que você a deixou sozinha, ela tentou se matar...” mas logo rebato: “Você sabe que esse é o jogo dela: Seduzir e confundir” e por fim: “Se algo de ruim acontecer você será o responsável...”

O pior é que a cada passo dado em direção oposta à Bruna, eu parecia mais próximo já que meus pensamentos não davam trégua. Logo, seria pior seguir em frente do que recuar.

Volto atrás em passos largos e rapidamente estou me aproximando da mesa do estranho.

— Vamos, Bruna! — Ela ergue os olhos ao notar a minha aproximação e vejo um misto de confusão e dúvida passar no seu olhar. — Vou te levar em casa!

— Não precisa fazer isso...

— Eu não vou embora sem você. — Sentencio. — Você decide se quer continuar essa conversa a três ou ir para casa comigo.

— Opção B — Responde, após alguns segundos. — Fiz a escolha certa, doutor? — Fecho a cara e ela sorri — Tchau, estranho — Acena para o homem que assiste a tudo sem entender.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

*"Eu sei que o meu corpo te incomoda
Sinto muito, o azar é seu
Abre o olho, eu tô na moda
E quem manda em mim sou eu"
Quem sabe sou eu – Iza*

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos demoraram a acreditar no que viam. Doutor Yuri, caminhando a passos firmes em minha direção.

Eu já tinha dado como derrotada a partida. Uma após outra, ele se desvencilhou das minhas armadilhas. Mas, para não acusar o golpe, fingi serenidade e sentei na mesa do estranho. Com o simples intuito de provocá-lo.

Por mais que ele negasse, seus olhos o traíram quando olhou o desconhecido. Vi neles, repulsa e tensão. Na cabeça do *psicogato* aquele homem deveria representar perigo.

Seus olhos também indicaram gostar do meu corpo exposto. Fora da sua zona de conforto ele foi traído pela surpresa e pareceu desconcertado. O homem de gelo derretia fora do consultório. A luta entre certo e errado estava evidente eu agradei aos céus pela escolha do top

PERIGOSAS ACHERON

de última hora.

Quando chegamos até o seu carro, estacionado a duas quadras, eu lembrei da Carla. Ela deveria estar a minha procura... Mas, essa era uma chance única e eu não poderia perder.

Informei o endereço e ele não precisou colocar no Waze para descobrir o caminho. Com o carro em movimento, me mantive sentada ao seu lado em silêncio. Yuri não ligou o som. Apenas permanecemos em silêncio. Um silêncio confortável. Ele mantinha-se concentrado no trânsito e eu vez ou outra o olhava de relance. Absorvendo cada gesto e reação sua. Tentando montar o quebra-cabeças.

— Você vem sempre a Paulista? — Sondo, em busca de informações.

— Eu prometi uma carona não uma conversa. — Bufo. Ele sorri abertamente, em

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta, e meu coração acelera por provocar o seu sorriso.

— Alguém já falou que você é chato?

— Muito mais do que você imagina.

— Eu posso imaginar. Numa escala de pessoas chatas da minha vida você e Olga disputam o primeiro lugar.

— Por que você a chama pelo nome?

— Ela detesta! — Dou de ombros— Chamei em determinada ocasião e ela reagiu irada. Hoje falo apenas para provocá-la.

— Que maduro da sua parte. — Ele sorri.

— Achei que psicólogos não julgavam.

— Não estou falando na condição de terapeuta. Estou fora da minha bolha, esqueceu?

— Até que você aprende rápido. — Pisco em sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, costumo frequentar a Paulista aos domingos. — Responde, um tempo depois.

— Não é o tipo de lugar que eu esperava te encontrar. Se bem que eu não sei que lugares você frequenta...

— Sou um homem normal, Bruna. Vou a supermercado, bancos, cinema, teatro.

— Nada de boates, shows, casa noturna?

— A probabilidade de você me encontrar nesses lugares é praticamente nula.

— Quer dizer que para te encontrar novamente devo acampar na Paulista ou frequentar supermercados e bancos...

— Há sempre a possibilidade de me encontrar no consultório. Durante as nossas sessões, quero dizer... — Completa.

— Nada mais natural que se sentir seguro no seu habitat. A minha segunda casa sempre foi as PERIGOSAS ACHERON

boates. O clima de pegação e bebidas me inebriavam. Era o momento em que eu poderia ser eu. Sem julgamentos ou acusações. Apenas uma mulher livre se divertindo — Minha mente vaga até todas vezes que eu me divertir munida de álcool e rodeada de amigos. — Antes eu sentia tanto e acabava por transbordar de tanto sentimento. Hoje eu não sinto nada. Será que algum dia eu voltarei a sentir prazer nas coisas que me faziam feliz? Hoje eu me sinto apenas um corpo vagando sem direção.

— Às vezes a vida nos vira do avesso para a gente descobrir que o avesso é o nosso melhor lado. — Fita-me longamente — Chegamos! — Olhei ao redor e notei que já estávamos em frente ao condomínio.

— Você realmente acredita nisso? Acredita que eu poderei ter o meu final feliz?

— Veementemente! — O adjetivo em

forma de palavrão, me faz sorrir. Yuri e seu vocabulário formal. — Conte comigo para alcançar a sua felicidade.

— Nunca disse isso, mas obrigada. As nossas sessões têm ajudado a organizar o meu mundo. Obrigada, *psicogato*. — O surpreendo com um beijo no rosto, próximo a boca, e disparo na direção contrária sem esperar pela sua reação.

Não paro de correr até pisar os pés na casa da minha mãe. Ela me aguarda, aflita, na sala de estar.

— Você está bem, filha? — Ela diminui a nossa distância e me envolve em um abraço apertado.

— Você está me apertando, Olga! — Reclamo e ela afrouxa o abraço, mas sem se afastar.

— Quando a Carla ligou para informar que

PERIGOSAS NACIONAIS

você havia desaparecido. Minha mente fantasiou mil cenários desastrosos — Ela completa com a voz embargada. Uma lágrima solitária escapa e ela trata de secá-la rapidamente.

— Eu sinto muito por preocupá-la. Eu estou bem, foi apenas um desencontro. Acabei encontrado um amigo e ficamos conversando...

— OK. — Assente. — Vou ligar para a Carla e informar que você apareceu.

— Pede desculpas a ela por mim.

— Bruna — ela me chama quando eu estou no alto da escada — promete que jamais irá desaparecer sem avisar onde está? — Vejo medo estampado nos olhos dela. — Não estou tentando controlar seus passos, eu apenas fiquei preocupada. Manda uma mensagem, um sinal de fogo, apenas avisa que está bem.

— Eu prometo tentar...

PERIGOSAS ACHERON

— Já é um bom começo — ela sorri.

— Ah, Olga, podemos tentar aquele lance de mãe e filha qualquer hora...

— Que tal hoje? — Pergunta, com um enorme sorriso nos lábios — É o meu dia de folga, podemos almoçar juntas e assistir a um filme depois. Ou passar no salão de beleza e fazer compras... O que você acha?

— Eu posso escolher o restaurante?

— Claro.

— Então está combinado.



Há muito tempo não almoçava com vontade. A comida parecia mais saborosa ou eu era o fato de eu me sentir bem ao lado de Olga. Entre uma garfada e outra conversamos sobre assuntos

PERIGOSAS NACIONAIS

banais como o lançamento da nova coleção do *Gucci* ou o clima da cidade da garoa que parecia inconstante a cada dia.

Quando saímos do restaurante estranhei o fato de o Jefinho não ter aparecido.

— Está procurando alguém?

— Um amigo... — Respondo tentando avistar o garoto em meio aos carros. Mas, não havia sinal dele.

— Vamos? — Minha mãe pergunta quando o manobrista se aproxima com o nosso carro.

— Sim.

Estou pronta para entrar no carro quando ouço o meu nome chamado a plenos pulmões. Viro a cabeça e avisto o dono da voz correndo, a passos largos, em minha direção.

— Já comeu, Bruna?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, procurei por você quando cheguei.

— O segurança do restaurante ameaçou chamar o conselho tutelar caso eu ficasse dando sopa por aqui.

— Que babaca! — Rosno.

— Algum problema, Bruna? — Olga se aproxima e olha para Jefinho com atenção.

— Não precisa se preocupar dona, eu e Bruna somos amigos.

— Amigo da minha filha é meu amigo também.

— Mãe? — Ele arregala os olhos. — Vocês parecem mais irmãs...

— Que gentil da sua parte. Qual o seu nome?

— Jefinho.

— Prazer, Jefinho. Eu sou Olga, tudo bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estende a mão para o garoto que a aperta.

— Mais ou menos. Acabei de perder o meu almoço — solta um lamento.

— Eu combinei com o Jefinho que sempre que eu pudesse apareceria aqui para almoçarmos juntos. — Explico.

— Não seja por isso, podemos retornar e fazer um novo pedido.

— Não, dona Olga. O segurança daí já me ameaçou...

— Como assim te ameaçou? — Ela assume uma postura protetora. A mesma postura que assumiu diversas vezes quando eu era criança para me defender das crianças que ridicularizavam o meu cabelo. — É inadmissível que eles hajam dessa forma. Você é apenas uma criança. Vou procurar o gerente e cobrar uma ação enérgica!

— Eu sou um zé ninguém, dona. Já tô

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acostumado... — Dá de ombros. — Agora *tô* no semáforo da avenida vendendo bala com minha irmã.

— Isso é um absurdo! — Comenta, extremamente irritada.

— Eu sei... — É bom estar ao lado de alguém que compartilha do mesmo sentimento de revolta com tal situação.

— Vamos resolver isso em outro momento. Agora, vamos atrás de outro restaurante para você almoçar.

— Sério? — Pergunto, surpresa.

— Sim, você gostaria de almoçar Jefinho?

— Muito!

— Ótimo. Entre no carro e me indique onde encontramos a sua irmã para levá-la para almoçar também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não pode sair sem vender todas as *bala* — explica — hoje o movimento *tá* fraquinho...

— Não se preocupe, pagarei por todas as balas — minha mãe dá meia volta e assume o volante.

— É mais de cem reais, dona Olga — tenta explicar o garoto.

— Sem o “dona” — ela pede — para onde vamos?

— A senhora vai pegar a primeira quadra e virar à esquerda, ela está no lado direito.

Minha mãe seguiu as instruções do Jefinho e encontramos a sua irmã, Juliana vendendo balas como ele informou. A garota de treze anos, se mostrou desconfiada, mas seu irmão acabou por convencê-la a nos acompanhar.

Seguimos até um restaurante localizado na
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

área nobre e fomos recepcionados por uma mulher sorridente que nos recebeu com alegria. Ela nos guiou até uma mesa na área externa e fizemos os pedidos.

Os meninos comeram rapidamente e enquanto saboreavam a sobremesa, responderam às perguntas de Olga, semelhantes as que eu mesma fiz quando nos conhecemos. Jefinho respondeu a todas e a irmã permaneceu calada.

— Vocês já foram ao cinema? — Minha mãe pergunta, por fim, antes de pedir a conta.

— Aquele negócio com um telão grande? — Jefinho pergunta, surpreso — Temos dinheiro para isso não, dona.

— Então serão os meus convidados, topam?

— Mas a gente *tá* todo sujo... — Juliana explica — Ninguém vai deixar a gente sentar nas cadeiras assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que vão! — Afirmo, sem muita convicção.

— A dona do restaurante é minha amiga e a casa dela fica aqui perto. Vocês podem tomar um banho se isso os fizer se sentirem melhor.

Olga levanta e vai falar com a mulher. Passo alguns segundos imaginando porque ela não sugeriu comprar as roupas, mas pelo nível de desconfiança da garota, poderia se sentir coagida.

A mulher aproxima-se sorrindo:

— Meus filhos têm basicamente a idade de vocês, acho que algo do guarda-roupa deles deve servir...

— Não sei... — A garota pondera.

— Não seja estraga prazer, Ju. — O irmão reclama — Quando a gente vai ter a chance de ir ao cinema outra vez?

— Vamos, Juliana — minha mãe incentiva

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— você pode vestir a sua roupa se não se sentir confortável em trocar...

— Eu topo dona Olga. Opa, sem o “dona”

— Jefinho sorri.

— E você Juliana? — Volto-me para a garota.

— Se o meu irmão vai, eu também vou.

Os filhos da Sônia, dona do restaurante, receberam Jefinho e Juliana com a mesma receptividade da mãe, foram gentis e deixaram a dupla de irmãos à vontade para escolher a roupa que mais os agradassem. Jefinho optou por uma bermuda com estampa de prancha de surf e camiseta branca e Juliana um macacão floral.

Depois de agradecer bastante, seguimos para o Morumbi Shopping e compramos os ingressos para a animação infantil em cartaz. Não me ative muito ao filme, estava mais atenta as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reações dos garotos. Eles pareciam hipnotizados pelo que viam e riam alto, aquela risada gostosa que contagia as pessoas ao seu redor.

Naquele momento, eles eram apenas duas crianças sem o peso diário das obrigações. A vida deles deveria ser mais colorida. Eles deveriam apenas se preocupar com a lição difícil de matemática e não se terão o que comer no jantar.

Eu agradeceria a Olga depois. Ela proporcionou a eles um dia inesquecível. Quem sabe juntas, consigamos proporcionar mais dias como esse? Quando o filme acabou, eles abraçaram afetuosamente a minha mãe em agradecimento.

— Sua mãe é da hora, Bruna! — Jefinho confessa, enquanto caminhávamos lado a lado até o estacionamento.

Minha mãe vem atrás, acompanhada de Juliana que bebe um *Milk Shake*.

PERIGOSAS ACHERON

— É, né? — Concordo, observando a cena.
Ainda está em tempo de descobrir isso.



Yuri

Ao contrário de alguns dos meus colegas, eu nunca tive do que me queixar quanto a minha profissão. A formação em psicologia era uma escolha consciente, eu gostava de ouvir as pessoas e auxiliá-las a compreender melhor o mundo ao seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

redor. Mas isso não significava que havia dias que eu me sentia sobrecarregado. Hoje era um desses dias, assim que o primeiro paciente sentou e despejou um amontoado de palavras antes que eu pudesse cumprimentá-lo, eu soube que seria um dia longo e exaustivo.

Um após outro, atendi os pacientes marcados para aquela manhã com uma onda de impaciência crescente, eu estava no meu limite e sentia que ia transbordar. Dessa vez, meus problemas não ficaram do lado de fora quando cruzei a linha do consultório. A minha bolha havia sido invadida e havia sinais de Bruna em toda a parte. Eu achei que conseguiria lidar com o problema, sem auxílio, mas estava errado. Havia apenas uma pessoa que poderia me ajudar e era ao seu encontro que eu iria.

— Você não acha que eu tenho razão, Yuri?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mirian pergunta, acordando-me do meu devaneio.

— Hum... — Hesito, porque não sei o que dizer, uma vez que não havia escutado nada do que ela disse nos últimos minutos e também não podia dizer isso a ela. — Não se trata de ter razão ou não...

— O quê? — Ela grita — Eu acabo de contar que rompi o meu noivado após descobrir que o homem que eu ia casar estava desviando dinheiro da nossa empresa e você me diz que não se trata de ter razão ou não?! Francamente! Você é igualzinho a ele! — Me acusa num tom firme — Acha que nós mulheres devemos servi-los e permanecer estática e muda diante de todas as merdas que vocês fazem! — Dito isso, ela se levanta e sai da sala num rompante de fúria, completamente alheia aos meus chamados.

PERIGOSAS ACHERON

Merda!

Eu não tinha condições de permanecer atendendo assim, os estragos da minha dispersão poderiam afetar meses de tratamento. Por isso, disco para Norma, minha secretária, enquanto envio uma mensagem para o responsável por alinhar a minha vida.

— Norma, cancele os pacientes da tarde — informo, assim que ela atende o ramal — remarque-os de acordo com a disponibilidade deles.

— Ok, doutor Yuri. Mais alguma coisa?

— Você está dispensada após concluir a tarefa.

— Obrigada.

Encerro a ligação e respiro aliviado quando leio a resposta da minha mensagem:

Ok! Tenho horário livre daqui a cinquenta
PERIGOSAS ACHERON

minutos.



Lá estava eu, mais uma vez, na sala aconchegante. Tudo está exatamente da mesma forma desde a última vez que estive aqui. O papel de parede com os ramos verdes e flores em um tom terroso, ornando com os móveis cuidadosamente escolhidos para recepcionar seus pacientes.

Dispenso o divã dessa vez e escolho o sofá de couro preto. Caminho até ele e sento com as mãos cruzadas contra o corpo. Cardoso caminha, a passos lentos, para a poltrona em frente ao sofá, trazendo nas mãos uma xícara com alguma bebida fumegante, provavelmente café. Seus olhos se concentraram nos meus braços e eu os descruzei. O gesto não passaria despercebido por ele.

Sempre admirei a figura do professor José Cardoso. Ele era considerado um deus na faculdade, temido pelos novatos e admirado pelos veteranos. Ainda que a sua postura dividisse opiniões, ele era aclamado e respeitado pelos estudantes de psicologia. Era referência de trabalho para muitos e comigo não era diferente.

Ainda que nossos estilos sejam distintos, temos em comum a objetividade e a racionalidade na resolução dos problemas. Por isso, eu estava ali retomando a nossa terapia depois de um tempo ausente.

— Quem é vivo sempre aparece... — Fala após depositar a xícara na mesinha de centro. — Cheguei a pensar que a criatura tivesse superado o criador. — Alfineta.

Cardoso fora uma espécie de mentor no início do exercício da minha profissão. Foi ele

quem me ajudou com os primeiros clientes.

— Estou aqui, não estou? — Rebato.

— A contragosto, presumo. — Fico em silêncio — Demorei um tempo tentando entender a sua mensagem.

Somente depois que enviei a mensagem a minha ficha caiu sobre o que todas aquelas palavras juntas poderiam sugerir a ele. A mensagem, escrita de forma despretensiosa, foi um mero despejo de pensamentos que nublavam a minha mente.

"Você sabe que não está mais no controle da sua vida quando a sua paciente abandona o consultório irritada, e com razão, porque você não a ouviu e abriu a boca para falar a primeira coisa que viesse a cabeça. Para completar, a minha mais nova paciente se apresenta como o meu maior desafio nesses anos. Com ela sinto

que não estou no controle completo da situação.

**Em uma consulta ela me presenteia com uma
narração erótica, na outra ela chora
compulsivamente e pede um abraço e tudo isso
me desestabiliza mais do que eu possa controlar.
Enfim, será que podemos conversar?"**

— Por onde quer começar? Pela paciente com a narração erótica ou a última paciente que saiu irada do consultório? — Ajeita os óculos de grau e recosta-se na poltrona.

— Pela minha capacidade de não manter o controle das situações. Esse é o motivo pelo qual estou aqui, as pacientes foram apenas para exemplificar a minha falha enquanto terapeuta. A tal barreira protetiva que criamos ao nosso redor, não está ativa. Os meus problemas pessoais adentram no consultório e o resultado tem sido

desastroso.

— A que você atribui esse rompimento? —
Hesito, pois sei que a minha resposta determinará o
rumo da nossa sessão.

— Trabalho em excesso, talvez — dou de
ombros — estou pensando em tirar umas férias
curtas, uma semana...

— É um começo. Mas não é o suficiente,
pois assim que você retornar dessas férias — usa
aspas, com os dedos, para enfatizar — estará
sobrecarregado em poucas semanas. Não seria mais
recomendável transferir uma parte dos seus
pacientes?

— A maioria dos meus pacientes são de
longa data. Eles teriam que se adaptar a um novo
terapeuta...

— A nova cliente, a da narração erótica,
então. Os laços são recentes, mais fáceis de serem

rompidos.

— Não é o indicado. Bruna, demorou para responder ao tratamento — argumento — abandoná-la agora é arriscado demais.

— Arriscado para Bruna ou para você?

— Para ambos — confesso — sinto-me responsável pelos meus pacientes, se algo de ruim acontecer com a Bruna me sentirei responsável.

— O que, de ruim, pode acontecer com a Bruna?

— Ela pode ter afirmações errôneas que o terapeuta a abandonou e isso pode levá-la a tentar o suicídio novamente.

— Yuri, achei que a essa altura você já saberia que não temos o controle da vida dos que nos cerca. O que como terapeuta fazemos é auxiliá-los nas escolhas, não decidir por eles.

— Eu não posso permitir que isso aconteça

PERIGOSAS ACHERON

novamente.

— Novamente? — Ele retira os óculos e massageia as têmporas — Bruna não é uma paciente recente? O que você está tentando me esconder, Yuri?

Respiro fundo e narro o dia em que socorri a Bruna.

— Não me olha com essa, cara! Não infringi nenhuma questão ética.

— Eu não disse nada... — Sorri.

— Não precisou, está estampado na sua cara. Não venha com aulas de psicologia, sei de todos os termos, não se esqueça.

— Então o que faz aqui? Porque, aparentemente, você não precisa ouvir nada desse velho terapeuta.

— Realmente eu não sei onde estava com a cabeça...

— Talvez você precisasse de alguém que fosse franco e direto. Alguém que verbalizasse as respostas que você vem tentando ignorar durante esse tempo. — Permaneço em silêncio, perdido em pensamentos e ele prossegue: —Mas, se posso dizer algo, direi que não tome nenhuma decisão que possa estragar a sua carreira baseado numa atração física. Bruna não é a primeira e nem será a última paciente que mexerá com seus sentimentos.

— Por que você acha que ela está me seduzindo?

— Eu te conheço, você jamais seduziria uma paciente.

— Talvez seja um jogo inconsciente, é verdade, mas ambos estão jogando.

— Então, recue seu time e se afaste. Não deixe que uma mulher que você acabou de conhecer determine o seu futuro. Ela é um

problema e você sabe disso.

— Ela não é um problema! — Rebato, irritado. — Eu sei por que passei tanto tempo adiando a nossa sessão. Era temor. Temia que o oráculo Cardoso me presenteasse com a sua racionalidade fria e calculista. Para você é simples solucionar os problemas a partir de afirmações cétricas. A paciente A é problemática, persista no tratamento e caso não alcance resultado transfira para outro. Sempre foi assim. Decisões pautadas visando o seu bem-estar em primeiro lugar. Isso explica o porquê seus relacionamentos não são frutíferos.

— Me atacar não mudará os fatos! Você sabe que estou com a razão, mas se prefere se prender no ideal romântico... Quem sou eu para interferir na sua vida? — Dá de ombros — Mas...

— Sempre tem um “mas”.

— Pense na Bruna. Você acha mesmo que é adequado para ela, na situação em que se encontra, ser assistida por um terapeuta instável? É justo com ela não ter acesso ao tratamento adequado?

E foi mais confuso do que entrei no seu consultório que segui até o meu apartamento. Perdido em pensamentos e sufocando as palavras que deveriam ter sido ditas.



Bruna

*“Confesso, acordei achando tudo indiferente
Verdade, acabei sentindo cada dia igual
Quem sabe isso passa sendo eu tão
inconstante
Quem sabe o amor tenha chegado ao final...”
Ana Carolina*

A vida é como uma roda gigante, sempre em movimento. Há momentos que você estará no topo e outros que você estará em declínio. Nesse momento eu estou seguindo para o topo. Sinto-me bem como não me sentia há meses.

A minha perspectiva da casa da Olga modificou. Não me sinto mais tão prisioneira, agora a minha liberdade é condicionada. Olga cumpriu a sua promessa e está me dando mais espaço. Posso sair durante o dia desacompanhada do motorista desde que eu a avise o meu destino. Todavia, ela ainda mantém o álcool distante da casa e os remédios escondidos a sete chaves. É natural depois do meu histórico.

Também sinto a nossa relação melhorando. A passos lentos, é verdade, já conseguimos trocar meia dúzia de palavras sem discutir e junto-me a

ela na sala de jantar todas as noites. Ela aproveita para compartilhar comigo os detalhes da nova coleção Lunardelli e eu faço um resumo do meu dia. O nosso assunto principal gira sempre em torno de Jefinho. Olga assim como eu compartilhava o desejo de ajudar a família dele.

Já meu pai... Bem, ele permanece o mesmo. Sempre ocupado demais para me visitar, mas ligando quase diariamente para saber se estou bem. Nas nossas conversas ele promete uma visita em breve e eu finjo que acredito.

As sessões de terapia estão me ajudando a lidar com o meu caos emocional, especialmente a minha relação com as pessoas que me cerca. Com o Yuri, aprendi que o meu bem-estar não pode estar atrelado ao outro. Eu preciso me bastar para me relacionar com os outros. É um processo longo, mas dia após dia estou tentando assumir as rédeas

da minha vida.

Por falar em terapia, as sessões dessa semana foram canceladas. Quando a Norma ligou para informar o cancelamento senti um vazio no peito. Estava ansiosa para compartilhar com o psicogato sobre Jefinho. Ainda não tinha tido oportunidade de falar sobre ele, pois a cada vez que meus pés pisavam no seu consultório eu apenas focava nos meus problemas e não compartilhava os raros momentos bons do meu dia.

Queria dizer o quanto me afeiçoei ao garoto. Falar que o dia que fomos ao cinema todos juntos foi o momento que eu mais sorri nos últimos meses. Também queria compartilhar que a minha mãe estava disposta a oferecer um emprego para a mãe dele. Quem sabe assim poderíamos dar uma vida melhor para todos eles?

Pouso a caneta sobre o meu *Moleskine* e confiro o horário no celular. Dez e trinta da manhã e nenhum sinal do *psicogato*. A minha ida a Paulista para reencontrar Yuri não tinha dado certo. Agora era torcer que os dias passassem voando e a próxima consulta chegasse para eu compartilhar as novidades.

Aperto o caderno de couro preto contra o peito e sigo em direção ao ponto de táxi. As palavras ali escritas expõem o meu mundo e revelam quem eu sou. Na adolescência ganhei um diário da minha mãe e desde então passei a pôr os meus sentimentos no papel, o resultado são centenas de anotações escritas em letras cursivas.

Até tentei substituir o diário físico pelo diário virtual no meu Iphone, mas não acostumei, então ainda conservo o hábito da escrita manual, por isso sempre carrego meu *Moleskine* na bolsa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Gosto do ato das palavras preenchendo a folha em branco. Dos borrões da tinta marcado pelas lágrimas, e principalmente, do ritual de, ao colocar o ponto final e fechar o caderno, sentir o peso do mundo sair dos meus ombros. As palavras escritas diminuem a carga da situação e é por isso que mantenho a escrita no meu dia.

Estou perdida nos meus sentimentos quando o avisto. Ele usa bermuda preta e camiseta rosa bebê, os óculos de sol escondem os seus olhos, mas eu os conhecia bem. Assim como cada parte sua estava registrado em mim feito tatuagem. Felipe Albuquerque era a personificação dos meus problemas, a figura dele me fazia lembrar da Bruna que um dia eu fui e que me trouxe até aqui. Como num *flashback* revivi cada momento ao seu lado, mas dessa vez a reprise não me causou sentimentos bons, apenas uma dor dilacerante.

PERIGOSAS ACHERON

Ele continua vindo em minha direção, sem notar a minha presença. Meus pés perdem a capacidade de se movimentar e permaneço ali, estática, sentindo cada vez mais perto o choque dos nossos mundos atuais. A sua atenção é apenas direcionada aos seus. O seu enteado, que segura a sua mão direita, e Aline que segura a outra. Felipe exibe um sorriso gigante nos lábios e olha em adoração para a sua eleita. O sorriso dela não é diferente. Está estampado no rosto deles o quanto se amam. Eles formam uma linda família. Quem diria que um dia Felipe e família estariam juntos na mesma frase?

Eu deveria continuar o meu caminho e ignorá-los, mas tudo o que fiz foi permanecer parada, observando a interação deles. Entre sorrisos e beijos, eles caminham completamente alheios ao mundo ao seu redor. Envoltos na sua bolha de felicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma lágrima rola pela minha face. E depois outra, e outras seguem o mesmo caminho. O aperto no coração se intensifica. É como se ele estivesse sendo esmagado. A cortina de lágrimas, a essa altura, nubla a minha visão, e ainda que eu não pudesse mais vê-los, eu sentia aquela felicidade contrastando com o meu mundo bagunçado.

Eles são luz enquanto eu sou trevas.

Eles sorriem enquanto eu choro.

Eles se amam e eu mendigo doses de afeto.

Nesse momento, eu entendo que não ter Felipe não é nada perto da ideia de nunca ser amada daquela maneira. Eu queria a minha própria bolha de felicidade. Queria alguém que me olhasse e enxergasse o melhor em mim. Queria alguém para andar de mãos dadas na rua e secar as minhas lágrimas quando elas surgissem. O que eu sempre quis era alguém que não quisesse somente o meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo, mas também o meu coração.

Qualquer que fosse esse alguém, eu só queria que ele existisse.

Não lembro em que momento minhas mãos buscaram o telefone. Não sei como os meus dedos procuraram o contato ou apertaram na chamada. A única coisa que sei é que a voz dele preencheu meus ouvidos rapidamente.

— Bruna? — Atendeu no segundo toque.

— Você disse uma vez que o seu número era apenas para urgências e acho que estou em uma — falo entre soluços.

— O que houve, Bruna? — Yuri pergunta em estado de alerta. — Você está bem?

— Eu não sabia para quem ligar e seu nome foi o primeiro que surgiu. Eu estou paralisada — fungo — pelo menos já estou falando... Me desculpe, eu precisava ouvir uma voz conhecida

PERIGOSAS NACIONAIS

para me acalmar e nada melhor que a de um psicólogo.

— Onde você está? — Escuto o barulho de um molho de chaves do outro lado da linha.

— Na Paulista, chorando feito louca. Eu vim até aqui na esperança de te encontrar e acabei encontrando o Felipe e sua família perfeita... — Digo em prantos.

— Respire fundo — ele ensina.

Eu obedeço e tento controlar as lágrimas.

— Vê-los juntos me desestabilizou. Eu sinto que todo o caminho que percorremos na terapia foi inútil, pois nada me preparou para isso. Mesmo estando a poucos metros de distância ele passou por mim como se eu não existisse. Não mudou o caminhou ou desviou o olhar, ele apenas passou por mim e não me notou. Eu era apenas mais uma pessoa entre todas as outras. Será que eu sou assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para todos eles? — Yuri está em silêncio durante o meu monólogo — Você ainda está aí?

— Sim — responde, um tempo depois — ouvi cada palavra que você disse e tenho que discordar de muitas delas.

— Típico de psicólogo — rebato e ele ri, mas uma risada alta e gostosa que acalenta a minha alma.

— Sou treinado para isso, para ajudar moças chorosas na Paulista a modificar os pensamentos errôneos. — Sorri — Como você se sente, agora?

— Melhor, você é muito bom no seu trabalho, doutor. Obrigada por atender a minha ligação em pleno domingo.

— Estou sempre às ordens.

— Até a próxima consulta... — Me preparo para desligar, mas ele rapidamente emenda:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bruna, estou no consultório quer antecipar a consulta?

— Agora? — Pergunto, surpresa.

— A menos que você tenha um compromisso...

— Nenhum.

— Estou no aguardo, então — encerra a ligação.

E eu corro em busca de um meio de transporte que me leve até o prédio onde o consultório fica localizado.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Uma semana longe do consultório e eu permaneço o mesmo: inquieto, confuso e irritado. Voltei a encontrar o doutor Cardoso, mas abandonei a sessão. Ele insistia em repetir as mesmas palavras e eu em refutá-las. Eu sabia os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conceitos de transferência, contratransferência e projeção e nenhum deles podiam ser aplicados a minha relação com a Bruna. Mas confessar isso é assumir sentimentos que não deveriam ter sido despertados.

Preenchi os meus dias entre leitura de livros, almoço com velhos amigos e os fortes treinos do crossfit, intensifiquei os treinos até apagar dolorosamente na minha cama. Mas a cada amanhecer eu lembrava dela e o ciclo vicioso se repetia. Eu queria saber o que ela estava fazendo, em quem estava pensando e como ela estava sem as sessões da semana.

Por isso, decidi ir até o consultório para tentar reconectar comigo mesmo e focar no meu ofício. A única coisa que eu ainda conseguia manter sob controle na minha vida. Val havia pedido a minha ajuda com a sua paciente. A mulher

PERIGOSAS ACHERON

fora vítima de violência doméstica e desenvolveu uma espécie de repulsa a figura masculina. Tudo isso é justificado pelo trauma psicológico que ela passou, é natural que mulheres vítimas da violência doméstica, seja ele física, sexual ou psicológica, enxerguem todos os homens como possíveis agressores. O temor é que o homem repita o gesto do anterior.

A paciente de prenome Amélia está encontrando dificuldades em realizar atividades simples como ir ao supermercado ou pedir um carro pelo aplicativo e o motorista ser um homem. Tudo isso por desconforto de estar frente a frente com um desconhecido. As crises de ansiedade se intensificaram e agora ela apresenta sintomas de agorafobia. Por isso, estamos juntos pensando em alternativas para aplicar a técnica de enfrentamento com Amélia. A ideia é que ela seja exposta a homens em rotinas comuns como no atendimento

PERIGOSAS ACHERON

no caixa do banco, por exemplo. Para que seu cérebro desassocie a figura masculina a agressão. É um processo lento e doloroso, mas necessário para alcançar o bem-estar da paciente.

Dediquei toda a manhã estudando o caso da paciente e traçando alternativas para apresentá-la a Val. Meu celular tocou em determinado momento e eu imaginei que fosse a minha mãe para perguntar se eu queria almoçar. Mas era ela. A responsável por virar o meu mundo do avesso.

Não contive o temor quando seu nome surgiu na tela e, assim que escutei o seu choro do outro lado da linha, quis ter o poder de teletransporte para estar ao seu lado e dizer que tudo ia ficar bem. Mas eu não podia fazer isso. Ela havia entrado em contato com o seu terapeuta e tudo que eu podia fazer era oferecer a minha ajuda profissional. Por isso, num impulso verbalizei as

palavras do meu consciente e perguntei se ela queria vir até o meu consultório.

Agora estou ansioso, aguardando a sua chegada. Quando ela abre a porta da sala é como se o ar retornasse aos meus pulmões.

— Bom dia, doutor! — Senta-se e deposita a bolsa ao seu lado, no sofá.

— Bom dia. — Cumprimento sorrindo — Como você está?

— Fisicamente bem, ainda que meus olhos inchados digam o contrário. — Ela sorri tristemente. Seus olhos estão vermelhos e inchados.

— Quer me falar sobre o que aconteceu ao reencontrar o Felipe?

— No caminho até aqui eu tive muito tempo para pensar e cheguei à conclusão que não foi o homem, Felipe Albuquerque, que me desestabilizou, mas sim o que ele representava nas

minhas fantasias — assinto e ela prossegue — Ele era o meu ideal de homem: Lindo, gostoso, safado, jovem, liberal e o sexo com ele era divino. Nunca bom, ou ótimo, era sempre espetacular — ajeito-me na cadeira, pronto para escutar mais uma narração erótica — ele era o meu número Yuri, ou ao menos eu achava que era. — Dá de ombros.

Seus olhos estão cheios de lágrimas, mas ela respira fundo e continua.

— Eu *stalkeava* ele nas redes sociais, então não era novidade que ele estava em um relacionamento sério com a Aline, com direito ao filho dela de adicional. Nas fotos, ele estava tão feliz que eu invejava a sua felicidade, ao mesmo tempo que torcia para o dia que Aline o abandonasse e destruísse esse mundinho cor de rosa que ele estava vivendo. A cada foto deles, eu morria por dentro. Era eu quem deveria estar

desfrutando aquela felicidade. Era comigo que ele deveria pensar em construir uma família. Até que o destino os coloca na minha vida hoje para que eu pudesse ver toda aquela felicidade de perto. E dessa vez eu invejei a Aline. Mas não a inveja costumeira de querer estar no seu lugar, com aquele homem — nega enfaticamente com a cabeça — eu a invejei por ter a chance de ser amada daquela forma. O amor que Felipe nutre por ela é realmente invejável, ele só tem olhos para ela e não tem vergonha de expor isso, seja nas redes sociais ou no simples gesto de andar de mãos dadas, trocando beijos e carícias em qualquer lugar. E aí eu me perguntei: será que algum dia eu serei amada dessa forma ou devo me contentar com pequenas doses de amor e deixar para as minhas fantasias esse ideal romântico?

— Um dia você encontrará alguém que a ame com toda a sua intensidade e ainda descobrirá

PERIGOSAS ACHERON

que o amar é multiplicar-se e não se diminuir...

— Você já encontrou esse amor? Já amou alguém com toda essa intensidade?

— Não... Ainda não — hesito — mas isso não significa que eu não acredite no amor como potência transformadora.

— Eu nunca confessei isso para ninguém, mas eu sempre sonhei em casar na igreja. Desde pequena eu já fantasiava com isso: a marcha nupcial, meu pai guiando-me até o altar, todos os olhares voltados para mim enquanto eu olho para o meu noivo... Nas minhas fantasias, ele chora ao me ver vestida de noiva. Eu sou uma idiota, eu sei — enxuga uma lágrima solitária.

— Não é — discordo afetuosamente — nenhum sonho é idiota. Ainda mais aqueles que nos tornarão mais felizes.

— Isso porque eu não compartilhei com

PERIGOSAS NACIONAIS

você o meu sonho de ser uma Kardashian. Sério, eu queria ser adotada pela Kris Jenner!

— O casamento é mais fácil de acontecer — sorrio e ela sorri de volta.

— Super fácil. Só preciso de um homem louco o suficiente para me amar e que lide com as minhas neuras. Será que você não tem um amigo médico para me apresentar? Seria um caminho mais fácil namorar alguém apresentado pelo meu terapeuta.

— Não, definitivamente não — a simples ideia me incomoda.

— Seus amigos são chatos ou você não quer correr o risco de me encontrar no *happy hour* da sexta? — Ela arqueia a sobrancelha e não desvia o olhar do meu.

— Nenhum amigo meu merece você — sentencio.

PERIGOSAS ACHERON

— Que mentiroso! — Gargalha. — Mas meu ego agradece em ouvir isso.

— É a mais pura verdade.

— Já que você insiste — dá de ombros — Então vou instalar o Tinder e buscar um amor por aí, quem sabe meu *match* não vira um casamento?

— Você não precisa sair buscando um amor, Bruna. — Falo, irritado — Será que você não percebe que o amor não é um produto que você adquire? Não se vende amor, se vendesse as pessoas o comprariam.

— O que você sabe sobre o amor? Não foi você que falou que jamais amou alguém assim? — Desafia-me, as mãos cruzadas contra o corpo.

— Sei o suficiente para saber que não é assim que o encontramos — levanto da poltrona e caminho em direção a porta. A conversa havia fugido do controle. — A gente continua essa

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa na próxima sessão.

— Não! — Ela levanta e marcha na minha direção, parando alguns centímetros antes de me tocar — agora eu quero saber onde encontro o amor, doutor!

— Bruna, por hoje acabou!

— Não! Eu quero saber onde encontro essa porra desse sentimento de merda! Quero experimentar uma vez na vida esse tal amor — lágrimas molham o seu resto. — Não mereço que um homem me veja além do meu corpo? É pedir muito ser amada o mínimo que seja?

Bruna parece uma bomba prestes a explodir. Então, eu faço a coisa mais idiota que eu poderia fazer: a envolvo em um abraço. No início, ela luta para se soltar e bate os punhos fechados contra o meu peito, mas depois ela perde a luta contra as lágrimas e usa os braços para me envolver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando seu soluço desaparece, um tempo depois, afasto nossos corpos apenas o suficiente para erguer o seu rosto e olhá-la nos olhos.

Foi a minha perdição.

Não sei quem toma a iniciativa, mas quando os nossos lábios se tocam pela primeira vez, eu deixo vir à tona todos os sentimentos sufocados.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

*“Se vai me decepcionar, me decepcione
suavemente
Não finja que você não me quer
Nosso amor não são águas passadas”
Water Under The Bridge – Adele*

É como uma explosão de fogos artificiais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todo o meu corpo acende e explode quando os nossos lábios se tocam. Sua boca pressiona a minha e desperta as partes adormecidas do meu corpo. As sensações que haviam desaparecido retornam com força total. A minha mente inquieta se concentra apenas em seu beijo.

A pressão suave da sua boca faz meu coração acelerar, transmitindo calor a todos os músculos. Meu cérebro esquece que segundos atrás eu o odiava por despir a minha alma, deixando-me exposta. Tudo que eu consigo pensar agora é no contato das nossas bocas.

Ele emite um som profundo quando envolvo o seu pescoço e acomodo o meu corpo ao seu. Nossos corpos se ajustam perfeitamente, assim como nossas línguas que logo se encontram em sincronia e fazem o meu mundo explodir em pedacinhos, como se fosse réveillon.

PERIGOSAS ACHERON

Yuri interrompe o beijo e enterra o rosto no meu pescoço, sorvendo meu perfume. Beija cada centímetro de pele exposta na camiseta branca e não contenho o suspiro quando ele beija o entorno dos meus seios. O som que escapa dos meus lábios o desperta. Ele ergue a cabeça e me encara, os olhos assustados demonstram desejo, mas também arrependimento. Ele não recuaria, não agora que eu me sentia viva. Tomo a sua boca de assalto e ele luta por alguns segundos. A minha língua insiste e quando ele abre os lábios para recebê-la, me prova que ele deseja aquele beijo tanto quanto eu.

Desta vez, o beijo é avassalador. Tão feroz que ele não tem outra alternativa senão deixar-se guiar pelo desejo. Eu queria mais. Queria que ele realizasse os meus sonhos eróticos de ser tomada contra a parede, no divã, na poltrona, em cada parte daquele consultório.

Daríamos àquelas paredes, que já escutaram tantos lamentos e relatos, uma nova história, permeada de gemidos e suspiros.

Um momento depois, o sinto tenso. Então, ele levanta a cabeça e me fita longamente, como se não me reconhecesse. Em seguida, dá um passo para trás e leva as mãos à cabeça. Eu continuo de pé, com as minhas pernas trêmulas, sentindo o meu mundo ser virado de cabeça para baixo.

— Desculpa! — Sua voz sai fraca.

— Não peça desculpas — toco seus lábios com o dedo indicador, silenciando-o — você me fez sentir viva!

— Isso jamais deveria ter acontecido! —
Rebate.

— Mas aconteceu e o que vamos fazer com isso?

— Nada! — Sentencia. — Preciso que você

vá embora, por favor.

— Não! Você está me tratando como se eu fosse um problema que você não sabe resolver.

— Você não é o problema.

— Então para de agir como se eu fosse.

— Ok — respira fundo — sente-se, vamos conversar. — Indica o sofá e sinto sua postura enrijecer.

— Eu não quero conversar com o terapeuta, quero conversar com o homem que me beijou — digo, sem me mover.

— Os dois são o mesmo homem.

— Não, não são — discordo — o homem que me tocou e me beijou me trata como igual. Éramos duas pessoas aproveitando da companhia um do outro. O terapeuta Yuri está no patamar que eu estou longe de alcançar. Ele é polido, sisudo, prudente, analista, monótono, usa palavras difíceis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e deixa a razão comandar a sua vida.

— Está me chamando de enfadonho?

— Sim — dou de ombros — ao menos uma parte sua é tediosa.

— Você não está facilitando as coisas...

— Por que estou dizendo as coisas na sua cara? — arqueio a sobrancelha — Achei que os analistas gostassem de pessoas francas.

— Eu sou o seu analista, agora?

— Não me envolva no seu jogo de palavras, doutor Yuri. Deixe o seu diploma de lado e se concentre em nós.

— Não existe nós sem a relação terapeuta-paciente. — Pontua, com uma calma fingida.

— Não me venha com explicações sobre projeção, contra projeção, transferência erótica ou qualquer outro conceito da psicanálise. Já

PERIGOSAS ACHERON

pesquisei no Google e sei o que eles significam.

— Então sabe que o que você sente por mim é transferência erótica, presumo.

— E o que você sente por mim? — Vou direto ao assunto — Que nome daremos a isso?

— Um erro de julgamento. Eu achei que estava no controle da situação, mas não...

— Conte-me mais sobre isso — sorrio e sento no seu lugar. Ele senta no sofá a minha frente, invertendo nossas posições. — Eu sou a primeira paciente que você beijou? — Indago, curiosa.

— Sim, esse não é um comportamento corriqueiro. Jamais me envolvi com os meus pacientes além do necessário para auxiliá-los na terapia.

— Fala sério! Você é lindo, tem um corpo gostoso e, além de tudo, é inteligente. É mais do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que natural que as suas pacientes femininas o enxerguem além da postura intimidadora do terapeuta. Eu não me surpreenderia em saber que você já ficou com uma delas. Vai me dizer que nunca se sentiu atraído por uma paciente?

— Lamento desapontá-la, mas não. O meu histórico com pacientes sempre foi estritamente profissional, até...

— Eu aparecer — completo.

— Exato — ele retira os óculos e deixa de lado — você deve estar se perguntando o porquê?

— Sim. Embora, eu credite esse fato a minha narração erótica no nosso primeiro contato.

— Aquela não foi a primeira vez que nos vimos, Bruna.

A minha mente cataloga rapidamente as pessoas que passaram pela minha vida e nenhuma delas parecia o Yuri, eu não esqueceria dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boate Kiss & Fly faz você lembrar de algo?

O aniversário da Di. Aquela noite era um borrão na minha mente, eu recordava de ficar com dois caras no banheiro da boate, mas nenhum deles era o Yuri... Ou era? Depois recordo de passar mal e um desconhecido me oferecer ajuda...

— Eu era o desconhecido — encaro seus olhos aflitos — achei que estava ajudando ao levá-la em casa em segurança. Eu deveria ter ligado para alguém, poderia ter evitado...

— Se não fosse aquela noite seria em qualquer outra. Eu estava decidida a pôr um fim na minha vida — ele desvia o olhar e se concentra em um ponto qualquer no horizonte.

— Quando você apareceu e eu descobri o motivo que a trouxe aqui, me senti péssimo — rompe o silêncio, minutos depois — e, naquele dia,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu decidi que não iria cometer o mesmo erro. Eu estava determinado a ajudá-la.

— Você quer dizer que quando me olha, me vê como uma mulher que precisa ser salva?

— Não só... Também enxergo uma mulher de múltiplas facetas e que precisa ser lembrada diariamente do quanto é fantástica — as palavras dele me surpreendem — é por isso que não posso ser mais o seu terapeuta. Não consigo ser neutro em relação a você. E antes que você formule pensamentos errôneos, não estou abandonando você! Se existisse qualquer outra opção, eu a escolheria. Mas não tem e o melhor para você hoje é um terapeuta que esteja apto para orientá-la e despertar o seu potencial.

— E se eu quiser ficar? Podemos fingir que o dia de hoje nunca existiu.

— Você conseguiria? — Ele encara os

PERIGOSAS ACHERON

meus olhos. — Eu não. Não sou imune a você, Bruna. Não existe a menor possibilidade de olhar para você e não desejar sentir os seus lábios novamente.

— Podemos tentar mais uma vez — insisto — não quero outra pessoa, além de você, nesse meu mundo turbulento. Sem você a chance de eu regredir são imensas. Cada vez que penso em fazer uma besteira, me pergunto: o que o Yuri iria pensar de mim?

— Não — ele balança a cabeça, em negativa — a chave da cura é sua! Sou um mero condutor.

— Mas e se eu não souber assumir as rédeas? Para quem eu vou ligar quando sentir meu mundo desmoronar?

— Um dia de cada vez, lembra? — Assinto — Não é no destino que devemos focar, mas sim

PERIGOSAS NACIONAIS

no percurso. Lembre-se de quem te ama, você sempre poderá contar com eles.

— Então, isso é um adeus?

— Um até breve soa menos dramático — ele sorri.

— Não ganho um beijo de despedida?

— Não — dessa vez o som da sua risada preenche o ambiente — mas ganha um aperto de mão e votos de felicidade — me estende a mão.

— Tem certeza? Já que burlamos a regra, poderíamos quebrá-la mais uma vez.

— Está fora de cogitação — sorri — Ainda preciso manter meu diploma válido.

— Eu tentei — dou de ombros, sorrindo — obrigada por não me julgar, por secar as minhas lágrimas e despertar o melhor em mim. Foi um enorme prazer invadir a sua bolha. — Aperto a sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu apenas trouxe à tona o que você mantinha escondido. — solta a minha mão, deixando o rastro do seu contato na minha pele — ficamos por aqui.

É a deixa para eu pegar as minhas coisas e ir embora. Já estava na porta quando a sua voz me faz parar.

— Até breve, Bruna — Ele substitui o tradicional “até a próxima consulta”.

— Até, Yuri — Sorrio e continuo a caminhar em direção oposta a dele.

Ele tinha razão, era hora de seguir em frente e não recuar.

Estranhamente, me sinto muito melhor do que quando entrei.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

— Você está atrasada!

— Nossa que forma mais delicada de receber uma amiga que não vê a meses... —
Valquíria sorri e eu levanto para abraçá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa — sorrio e puxo a cadeira para ela sentar.

— Está perdoado — sorri — mas só porque você me trouxe em um restaurante caro. Lembra quando almoçávamos no bandejão da USP? — Assinto, sorrindo.

Anos depois e ainda sou capaz de sentir a textura da comida. O feijão duro e o arroz “unidos venceremos”. A proteína era quase sempre frango empanado, o qual apelidamos carinhosamente de esponja de óleo.

— Ainda tenho pesadelos com aquele empanado — ela faz careta.

— A comida melhorou bastante. Pensei em marcar o nosso almoço lá para matarmos a saudade da faculdade.

— Não, obrigada — dispensa, sorrindo — falando nisso como é voltar a faculdade?

PERIGOSAS ACHERON

— Desafiador...

Enquanto aguardávamos os nossos pedidos relatei a Val como estava a minha vida de professor substituto no curso de Psicologia da USP. Depois que dispensei a Bruna, minha vida demorou a voltar aos eixos. Não tê-la no consultório semanalmente não diminuiu os pensamentos constantes a seu respeito. Eu sentia falta de ouvir a sua voz, inalar o seu perfume e, principalmente, saber sobre a sua vida.

A última notícia dela que eu tive foi que compareceu a primeira consulta da psicanalista que indiquei, a minha amiga Valquíria. Era contra a ética falar ou passar informações sobre pacientes. Prezamos pelo sigilo absoluto. Tudo que é dito em sessão, morre na sessão.

Eu sabia que seria complicado, mas eu tinha tomado a decisão correta e era preciso seguir em

frente, por isso guardei a Bruna em uma gaveta bem alta no meu cérebro e me concentrei no trabalho. E foi assim que decidi me aventurar em novos caminhos, me inscrevendo para a vaga de professor substituto da faculdade. Passei com louvor nas etapas e, há alguns meses, minha agenda se divide entre lecionar pela da manhã, atender no consultório às tardes e à noite treinar. Vez ou outra saía com meus amigos. Eu estava sobrecarregado de tarefas, mas estava curtindo a nova fase. Assim, eu não tinha muito tempo para pensar na minha ex-paciente.

— Você divide a sala com o professor Cardoso? — Pergunta, curiosa.

— Professor substituto não tem sala, no máximo uma cadeira no departamento de Psicologia.

— Que deprimente! — Sorri. — Prefiro,

PERIGOSAS NACIONAIS

mil vezes a minha sala gigantesca com o ar-condicionado no máximo, café expresso e cadeira confortável.

— Você está renegando o passado Valquíria? Lembra quando a gente dividia a sala minúscula que mal cabia as cadeiras e o paciente?

— Claro! Isso sem falar no vizinho do andar de cima que vivia numa eterna obra e me irritava com as batidas ritmadas da sua picareta.

— Freud explica seu problema com picaretas — perturbo e ela gargalha.

— Além de gato, psicanalista, professor universitário, agora é humorista nas horas vagas? *Tá* com tempo livre? Tem umas louças na pia lá de casa, não quer dar uma passadinha lá para lavar, não? Poderia aproveitar e levar a Fani, minha linda cachorrinha, para passear também. Ah, e responder o meu *direct* do perfil profissional.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Lei Áurea é realidade entre nós, sinto-lhe informar.

— O *Porta dos Fundos* deveria fazer uma esquete tendo você como personagem principal. Já tenho até título para o vídeo: O psicanalista crossfiteiro.

— Você deveria aderir ao crossfit, é relaxante.

— Prefiro tomar sorvete enquanto atualizo as minhas séries, gato.

— Ainda sobra tempo para isso? Seus pacientes estão dando muita folga a você. Como está a vida de terapeuta? — Tento soar o mais natural possível.

— Dividida entre o meu consultório e o grupo de mulheres no Rio. Continuo na ponte área São Paulo-Rio a cada quinze dias. — Val coordena um grupo de mulheres vítimas de violência

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

doméstica que não tem dinheiro para pagar tratamento terapêutico. — Falando nisso, tem vaga na sua agenda para uma palestra?

— Claro, só me dizer a hora.

— Pergunte.

— O quê?

— Eu sei que nosso caso de amor é antigo, mas não foi por saudades da nossa amizade que você insistiu tanto por esse almoço.

— Ela está indo às consultas? — Pergunto, por fim.

— Ela? Quem é ela? — Finge não entender, se divertindo com a situação.

— A Bruna.

— Que Bruna?

— Valquíria, isso não tem graça.

— Eu discordo, é bem engraçado olhar para

PERIGOSAS ACHERON

sua cara de cachorrinho pidão — dá de ombros — mas ela está bem.

— Está comparecendo as sessões? Continua sendo acompanhada pelo doutor Plínio?

— Tudo o que posso dizer é que ela está bem — responde, corretamente e faz um sinal de zíper sendo fechado contra a boca.

— Você está certa...

— Eu sempre estou — sorri.

Nosso almoço transcorre bem, como sempre costuma ser. Conversamos, sorrimos e nada mais sobre a Bruna foi dito.



— Eu encontrei a Márcia no supermercado ontem — minha mãe diz, despretensiosamente, enquanto prepara o jantar — Ela perguntou por

PERIGOSAS NACIONAIS

você...

Seco a louça e balanço a cabeça em concordância na falta do que falar, depois do nosso término por telefone não voltamos a nos falar. Todavia, a minha mãe continua o assunto.

— Ela vem jantar conosco — joga a informação.

— Como assim? Ela aceitou?

— Na mesma hora. Conversamos muito sobre você. Ela ficou feliz em saber que você agora é professor universitário.

— Unhum... — Limito-me a responder.

— Ainda não acredito que vocês terminaram. Vocês formavam um belo casal.

Assenti com a cabeça mais uma vez.

— Quem formava um belo casal? — Meu pai se junta a nós na cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O nosso filho e a Márcia. — Ela responde e ele lança um olhar curioso para mim.

— Vocês voltaram? — Pergunta, por fim.

— Não.

— Então por que esse assunto?

— Não posso falar que gosto da minha ex-nora? — Minha mãe diz, na defensiva — Além do mais, a Márcia sempre foi uma querida.

— Não está mais aqui quem falou — meu pai levanta os braços — o cheiro está maravilhoso podemos comer?

— Não, teremos visita hoje.

— Teremos?

— Sim, a Márcia irá jantar conosco.

— Você a convidou? — Ele me questiona e eu nego com a cabeça — e, pela sua cara, deduzo que não sabia desse convite.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, mas não tem problema algum. A minha relação com a Márcia sempre foi pautada no respeito e no carinho, continuo torcendo pela sua felicidade.

— Não tem chance de vocês reatarem? — Meu pai arregala os olhos — Ué, Antônio. Qual o problema? Ela confessou que continua solteira e nosso filho acabou de dizer que ainda nutre carinho por ela.

— Não, dona Fatima. Não existe chance — sorrio — agora estou me concentrando no meu trabalho.

A campainha toca e eu respiro fundo antes de Márcia retornar para o meu mundo. Quando volto para a sala, cumprimento-a normalmente.

— Tudo bem, Márcia? — Retribuo o abraço que ela me dá. Apertado demais para o meu gosto.

— Melhor agora. Ah, estava com saudades

de vocês.

— Eu também, estava dizendo hoje mesmo não foi, Antônio?

— Ah, sim...

— Estou com fome, vamos mãe? —
Interrompo o saudosismo.



Parecia um jantar comum, com todos ao redor da mesa, como já tínhamos feito tantas outras vezes, mas as coisas estavam diferentes. Márcia era uma peça que buscava se encaixar de qualquer forma no quebra-cabeça, mas não era assim que o jogo funcionava. Ela riu das histórias repetidas sobre a antiga vida de motorista do meu pai, como se estivesse ouvindo-as pela primeira vez; repetiu a sobremesa a base de leite condensado, mesmo

tendo abolindo o mesmo do seu cardápio há anos e perguntou sobre a minha vida profissional com um interesse que jamais havia demonstrado antes.

Tirando essa peça desencaixada, o jantar foi agradável. A comida da minha mãe continuava deliciosa e o meu pai mantinha o mesmo senso de humor.

Como de costume, quando acabamos de comer, eu tirei a mesa e segui para a cozinha para lavar os pratos.

Enquanto ensaboo os copos, ela aparece e permanece ao lado da pia, de braços cruzados.

— Quanto tempo, né? Lembra a primeira vez que me trouxe para conhecer seus pais? — Balanço a cabeça em concordância. — O gato comeu a sua língua?

Ela toca o meu braço e eu me afasto automaticamente. O gesto abrupto faz o copo que

eu segurava escorregar e se despedaçar no chão da cozinha.

— Droga! — Reclamo.

— O que aconteceu? — Minha mãe aparece na cozinha, poucos segundos depois — passa para lá, Yuri. Deixa que eu termino de lavar os pratos. Antônio, vem me ajudar por favor — não me oponho, não adiantaria argumentar.

— Estou indo — ele grita em resposta.

— Machucou? — Márcia segura minha mão e analisa o filete de sangue.

— Não — afasto a mão, dessa vez com mais delicadeza.

— Pelo visto foi uma péssima ideia aceitar o convite da sua mãe... Mas, eu não consegui dizer não, ela insistiu! E depois que ela revelou que você permanecia solteiro, pensei em várias coisas...

— O que você pensou, Márcia?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei lá — dá de ombros — que talvez você tivesse se arrependido.

— Não fui eu quem colocou um ponto final no nosso relacionamento — esclareço.

— Mas você também não lutou, nem insistiu. Eu estava confusa...

— Não estou te acusando — olho nos seus olhos — faz tempo, vamos ficar com as boas lembranças.

— Quem é ela?

— Não sei do que você está falando.

— É alguma aluna da universidade? Do crossfit? Só pode ser outra mulher!

— Não tenho que lhe dar satisfação da minha vida, Márcia — caminho até a varanda.

— Você tem razão, desculpa — ela força um sorriso — eu sinto saudades de você, minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama sente a sua falta — suas mãos se aproximam da barra da minha camisa e seus dedos entram ali, tocando meu abdômen — a gente pode relembrar os velhos tempos...

— Não, não pode — seguro as suas mãos, antes de tirá-las do meu corpo.

— Qual é Yuri, é apenas sexo sem compromisso.

— Não, obrigado, você deixou bem claro que não era satisfatório.

— Que inferno! Está agradecendo o convite? Que porra é isso? Eu sou a mulher que você fodeu repetidas vezes durante um ano! Não uma estranha que está te oferecendo cartão de crédito da loja de departamento — sua pupila está dilatada e ela bufa irritada.

— Eu não entendi o motivo da sua aparição — ignoro o seu ataque de fúria e falo calmamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— o que você esperou? Que eu continuasse apaixonado por você? Você terminou nossa relação por telefone, eu tentei conversar pessoalmente para evitar esse tipo de mal-entendido.

— O que eu pensei? Que pela primeira na vida você fosse como os outros homens — rebate — nenhum homem de verdade nega uma trepada!

— Eu sinto muito se não correspondi as suas expectativas, querida.

— Querida é o caralho! — Ela rosna. — Eu sou uma idiota por achar que você poderia ter mudado. Uma idiota! — Dá meia volta e segue em direção ao portão — diga a sua mãe que o doce estava doce demais — solta, antes de fechar o portão com força.

— Onde está a Márcia? — Minha mãe pergunta, um tempo depois — eu coloquei aqui nessa *Tupperware* um pouco da sobremesa, já que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela repetiu achei que ia gostar de levar mais um pouco para casa.

— Ela teve um imprevisto, mas agradeceu pelo jantar — minto — eu fico com isso! — Sorrio e pego o potinho que ela estava segurando.

— Filho, vai começar o jogo do Timão.

— Já estou indo pai — respondo alto.

— Eu vou ficar aqui respirando um ar puro — minha mãe sorri — Deus, sabe o quanto vocês viram passionais assistindo futebol.

— Fala isso pelo pai, né? Sou sempre racional.

— Quem foi que xingou até a décima geração da família do juiz da última vez?

— O cara roubou na cara dura, mãe! — Argumento.

— *Anhan* — ela ri e beija o meu rosto —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vá, antes que seu pai grite mais uma vez e acorde os vizinhos.

— Te amo, dona Fátima — beijo o seu rosto — muito mais do que o Timão.

— Repita isso na frente do seu pai, quem sabe assim ele não aprende por osmose.

— Yuri, já começou! — o velho grita mais uma vez — Fátima, depois você conversa com ele. Agora é hora do Timão!

— Eu avisei — ela dá de ombros, sorrindo.

Como eu amo tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

— Finalmente se lembrou que tem uma filha! — Levanto da cadeira do restaurante e abraço o meu pai, que retribui com carinho.

É a terceira vez, depois que saí da clínica,

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele me visita. Ele me ligava, quase que diariamente, e nessas chamadas prometia passar uma semana inteira comigo, mas esse dia nunca chegou.

— Eu nunca esqueço, você é a minha princesa — sorri — mas a minha vida é bastante atribulada. Não sou como a sua mãe que tem horários flexíveis — Alfineta.

Um fato que se repete constantemente é o meu pai tentar diminuir o trabalho da minha mãe como se, para ele, o trabalho dela fosse inferior. Como se ser dona de uma das maiores marcas de moda praia do país fosse algo simples.

— Você não faz ideia do quanto precisei ajustar a minha agenda para almoçar com você hoje.

— Fico feliz que esteja aqui — limito-me a responder.

PERIGOSAS ACHERON

O celular dele toca.

— Só um minuto, amor — ele faz sinal com a mão para eu silenciar, enquanto atende a ligação — Ok, pode falar — diz para a outra pessoa do outro lado da linha.

E a história mais uma vez se repete. Nunca erámos apenas nós dois, ele sempre tinha uma ligação importante para atender, uma reunião de urgência para comparecer ou qualquer outro assunto prioritário que exigisse a sua atenção.

— A senhora deseja algo? — O garçom se aproxima e evita que eu me perca em pensamentos.

— Um suco de laranja, por favor — peço e o homem se retira.

Olho meu celular por alguns minutos, distraíndo-me nas redes sociais, até que ele se desocupe.

— Trabalho — meu pai diz, como desculpa,

e deposita o celular sobre a mesa. — Como você está? O seu semblante está ótimo!

— Estou bem.

— Que bom! Pois, tenho uma proposta para te fazer. Que tal morar em Brasília? Assim eu poderia ficar mais próximo de você. Você conheceria novas pessoas, respiraria novos ares... Vai te fazer bem!

A pergunta me pegou de surpresa, depois do divórcio dos meus pais, eu sempre desejei morar com ele. Mas a sua vida não permitia que ele dedicasse atenção para mim, por isso Olga ficou com a minha guarda. Eu deveria estar feliz, por agora ele me convidar, mas sinceramente não sinto a menor vontade de ir.

— Hum... — Hesito. — Ainda estou realizando o tratamento com o psiquiatra e o psicólogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos profissionais extremamente capacitados em Brasília, quanto a isso não precisa se preocupar.

— Posso pensar? — Pergunto, sem querer magoá-lo.

— Claro! Mas se tiver como dar uma resposta rápido seria o ideal. Estou de olho num apartamento, próximo ao bairro que eu moro e pode não estar mais disponível se demorar muito...

— Achei que eu fosse morar com você... — Não escondo a decepção.

— Ah, não — sorri — você precisa da sua independência ou vai me dizer que está amando morar na casa da mamãe?

— Não é tão ruim quanto imaginei...

— Mas nada como ter o seu próprio espaço, não é? — Fico em silêncio — Você pode convidar a sua mãe para se mudar para Brasília também, o

PERIGOSAS ACHERON

que acha?

— Por que eu faria isso?

— Pensei que fosse ficar feliz com uma reaproximação da família...

— Então esse é o motivo do convite inesperado? — O garçom traz o meu suco e meu pai pede um copo de Whisky.

— Eu gostaria de ter as duas mulheres da minha vida mais perto de mim — diz, por fim, quando estamos a sós novamente.

— O que faz você acreditar que ela deseja reatar com você? Durante anos você foi ausente, seu trabalho sempre esteve acima de nós... Olga, merece um homem que a coloque em primeiro lugar. Assim como certamente merecia uma filha melhor que eu, que reconhecesse todos os seus esforços... — Confesso.

— Você está sendo injusta comigo, filha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu trabalhei para dar conforto a vocês ou você acha que a boa vida que você tem hoje é fruto, exclusivamente, do trabalho da sua mãe?

— Eu trocaria essa boa vida por sua presença. Você sabe quantas vezes eu chorei sentindo saudades suas? Inúmeras. Era assim nas apresentações escolares quando você prometia aparecer e não comparecia porque surgiu uma reunião de última hora. Ou quando era semana da família e você simplesmente não aparecia, todos os meus colegas com os pais ao lado e eu só tinha a Olga.

— Eu sinto muito... — Ele pega a minha mão. A culpa está estampada no seu rosto pela primeira vez.

— Agora sabe o inverso? Sabe quantas vezes ela abdicou da própria vida por mim? — Meus olhos ficam marejados quando, finalmente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me dou conta disso — ela me levava diariamente para a escola mesmo a gente tendo motorista. Quantas vezes ela adiou os seus compromissos para cuidar de mim quando eu ficava doente? Quantas vezes ela enxugou as minhas lágrimas e não desistiu de mim nas minhas crises de adolescente? Você não sabe, pai. Não sabe porque sempre foi ausente. Eu demorei muito tempo para compreender que a raiva que eu nutria por ela era ocasionada pela saudade que eu tinha de você. Eu creditava nela toda a culpa por você não ser um pai presente. Como eu fui burra... — minha voz falha e as lágrimas caem silenciosas. Eu as enxugo. — Ela não é a culpada por isso.

— Filha, por que você nunca contou como se sentia? Eu não fazia ideia....

— Sinto muito. Se hoje estou dizendo tudo isso é porque aprendi a verbalizar os meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentimentos, a terapia me ajudou a organizar os meus pensamentos.

— Me perdoa, Bruna — ele afaga a minha mão — eu sinto muito, mesmo.

— Eu sei...

— E só para você saber, se pudesse voltar atrás Olga possivelmente trocaria de marido, mas jamais trocaria de filha. Ela te amou antes mesmo de você nascer. Sempre foi a menina dela. Você sabia que assim que você retornou da maternidade ela me expulsou da cama para dormir próxima a você? — Ele sorri, perdido em lembranças — ela não suportava a ideia de você dormindo sozinha no quarto ao lado. Durante a noite ela velava seu sono e admirava você. Nada mudou, Bruna. Você continua sendo a menininha dela. Quando você estava no hospital, ela fez a mesma coisa. Não tirou os olhos de você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sou pega de surpresa com esses comentários, minha mãe jamais havia compartilhado essas informações comigo. Sinto-me mal por nossa relação. Há muito tempo eu havia deixado de responder às suas declarações de afeto e mesmo assim continuava me oferecendo o seu amor.

— As suas palavras me surpreenderam, mas você tem razão: Olga merece que a amemos com gestos e palavras. Eu deixei escapar a minha oportunidade como marido, mas você não. Você é filha, um laço indestrutível, portanto diga tudo isso que acabou de me dizer a ela. Verbalize o quanto ela é importante para você. Não espere muito para dizer a ela como se sente.

Sorrio e assinto.

— E por favor, não deixe de ser sincera comigo. Puxe a minha orelha para que eu não continue sendo um pai ruim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não é um pai ruim, só não é tão presente quanto eu gostaria...

— Vou tentar ser, amor.

— Não prometa o que não pode cumprir, pai — digo, sorrindo, porque sei que é difícil mudar velhos hábitos.

— Eu te amo, Bruna. Não duvide disso, eu faço qualquer coisa por você, mesmo que nem sempre pareça.

— Eu sei — ele enxuga minhas lágrimas.

O garçom se aproxima com a bebida do meu pai e eu peço um minuto para me recompor no banheiro. Quando volto, almoçamos e relembramos vários momentos da minha infância.



Encaro o teto branco, relembrando o meu

PERIGOSAS ACHERON

dia e verbalizando o almoço que tinha tido com o meu pai.

— Eu havia levado a carta para entregar a ele, mas não tive coragem. — Faço menção a carta fruto da minha terapia com o doutor Yuri, muito tempo atrás.

— Por que não teve coragem, Bruna? — Valquíria pergunta, sua voz suave sempre faz com que eu fale mais e mais.

— Acho que fiquei com medo de magoá-lo — confesso — eu sempre idolatrei o meu pai, ele estava num patamar que não permitia que eu enxergasse os seus defeitos. Eu criei uma fantasia de pai perfeito para afrontar a minha mãe.

— Afrontar a sua mãe? Por qual motivo?

A minha terapeuta pergunta de forma serena, como fazia todas as vezes. A sessão de terapia com ela consistia basicamente em eu relatar

PERIGOSAS NACIONAIS

os assuntos que me incomodavam e a partir deles a gente estabelecer uma análise da minha fala para buscarmos a compreensão dos fatos e sentimentos.

— Eu sempre a responsabilizei pelo divórcio e nada mais natural, na minha cabeça, que eu a atacasse. Então fechei os olhos para as ausências do meu pai e continuei atribuindo a culpa de tudo a Olga. É louco, eu sei. Mas, passei anos acreditando veementemente que ela era a única culpada por afastar meu pai de mim.

— O que a Olga é para você?

— A mulher que me gerou e esteve ao meu lado... Mesmo quando eu não mereci.

— Por que é tão difícil dizer a palavra mãe?

— Questiona e eu fico calada — Ela não é apenas a sua genitora. Você mesmo já confessou que ela sempre foi uma mãe dedicada, por que a dificuldade de chamá-la de mãe?

PERIGOSAS ACHERON

— É difícil você chamar de mãe uma mulher que mais parece a sua irmã. Eu cresci com os meus colegas de turma enchendo o saco sobre a beleza dela. Era sempre: “Lá vem a mãe gostosa da Bruna”, “Sua mãe é uma delícia, Bruna”. Era como se ela ofuscasse o meu brilho... Primeiro vinha a “mãe da Bruna”, para só depois vir a Bruna.

— Você acha que ela sabe a dimensão disso? Acredita que, de alguma forma, ela contribuiu propositadamente para essa rivalidade mãe x filha?

— Acho que não. Ela sempre agiu como mãe e isso é que fodeu tudo — sento, com a postura enrijecida — A gente ficou com o mesmo cara, eu sabia que não era a única mulher que ele fodia, mas não imaginava que a minha mãe fosse uma dessas mulheres — encontrei os olhos de Valquíria surpresos — a história é longa e temos

apenas mais alguns minutos de sessão, mas, em resumo, essa infeliz coincidência foi obra do destino. Nenhum de nós fazia ideia dessa ironia da vida e quando a minha mãe descobriu que transava com o *meu* Felipe, ela rompeu definitivamente a relação com ele.

— Por que acha ela fez isso?

— Não sei... — Minto.

— Você sabe a resposta, Bruna — ela me olha e prossegue: — Sua mãe fez isso porque te ama. Quando amamos, somos capazes de abnegar tudo pela felicidade do outro.

— Eu não pedi que ela fizesse nada — seco rapidamente a lágrima solitária que escapa do meu olho direito — seria mais justo se ela deixasse para ele escolher...

— Justo para quem? — O despertador do celular toca, indicando o término da consulta e eu

respiro aliviada.

— Nosso tempo acabou — digo, forçando o sorriso.

— Ainda temos alguns segundos. Você confessou que se sentiu em paz após a conversa franca com o seu pai, que tal tentar estabelecer a mesma conversa com a sua mãe? Experimente dividir com ela as suas angústias, conte como se sentia em relação aos seus amigos da escola... Faça isso por você.

— Vou tentar. Agora posso ir?

— Sim — Valquíria sorri — até a nossa próxima sessão Bruna.

Saio da sala realmente disposta a fazer isso.



Bruna

Quando o vi andando de um lado para o outro, na sala de estar, soube que algo estava errado.

— O que aconteceu? — Pergunto, no fim da tarde, ao Fábio.

Depois da terapia, eu saí para fazer compras. Precisava me distrair e nada melhor que usar e abusar do cartão de crédito. Eu sei que existem outras maneiras, mas essa estava ao meu alcance e não envolvia substâncias ilícitas.

Dessa vez as compras não eram para mim. Substituí as grifes femininas por lojas infantis, eu queria presentear o Jefinho e seus irmãos com roupas novas. Além de calçados, roupas de cama, toalhas e, lógico, brinquedos! Que criança não gosta de brinquedos?

A mãe do Jefinho aceitou a proposta de emprego da minha mãe e, atualmente, exerce a função de auxiliar de serviços gerais na *Lunardelli*. O emprego garantia, além do salário fixo, ticket de alimentação, plano de saúde e creche para os gêmeos. A *Lunaderlli* disponibiliza creche para as crianças menores de cinco anos, fiquei muito feliz

PERIGOSAS NACIONAIS

em descobrir isso. Segundo Olga, a maioria das suas colaboradoras eram mulheres e ela queria propiciar às mães um contato maior com os seus filhos após o retorno da licença maternidade. A mãe de Jefinho se comprometeu em matricular as crianças mais velhas na escola e o fez assim que o ano letivo começou.

— Não vai me dizer que isso é preocupação pela minha demora? Eu avisei a Olga que sairia depois da terapia, estava no Shopping.

— Não, senhorita Moura — Fábio parece desorientado — a senhora Lunardelli não se sentiu bem durante o trabalho e desde que chegou em casa não sai do quarto.

— Pensou em bater na porta e entrar? — Arqueio a sobrancelha.

— Não sou autorizado a entrar nos quartos — desvia o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Fala, sério. Ela pode estar desmaiada no azulejo frio do banheiro, a essa altura!

A expressão de Fábio estava aterrorizada, assim como a da Lindaci, a nossa empregada doméstica.

— Valei-me meu Deus! — Lindaci faz o sinal da cruz. — A senhora Olga sempre foi uma mulher cheia de saúde.

— Foi uma suposição — tento acalmar os dois — vou até o quarto dela, averiguar. Lindaci, venha comigo para o caso de ela estar desmaiada e eu precisar de ajuda, já que o Fábio não pode entrar no quarto da patroa — ironizo.

— Sim, senhora.

Subo as escadas correndo.

— Olga? — Abro a porta após duas batidas sem resposta. Lindaci permanece do lado de fora, o quarto está completamente escuro, escutava-se

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas alguns gemidos. E de repente, me veio à cabeça que ela poderia estar na cama com um homem.

Ligo a luz para afugentar essa possibilidade e encontro apenas um corpo embaixo de uma cabana formada por edredom.

— Olga — chamo mais uma vez — Você está bem? — Ela apenas emite um fraco ruído. Aproximo-me um pouco mais da cama para ouvi-la melhor.

— Aumenta a terapeuta do ar condicionado, por favor. Estou morrendo de frio.

O display do ar condicionado marca 25º graus, é impossível que ela estivesse sentindo tanto frio. Afasto as camadas de edredom e toco a sua testa. Ela está ardendo em febre. Sua pele está suada e seus lábios tremem

— Você está com febre — digo o óbvio —

PERIGOSAS ACHERON

vou chamar o Fábio para te levar até a urgência.

— Não — ela toca a minha mão e fala com dificuldade — é apenas uma gripe.

— O que faço então? — ela não responde a minha pergunta e fecha os olhos.

Ótimo, eu não fazia a mínima ideia de como agir.

— Ela está bem? — Lindaci pergunta quando saio do quarto.

— Está ardendo em febre — a apreensão estava evidente no rosto da mulher — balbuciou que era fruto de uma gripe.

— Tadinha da patroa, por isso ela não desceu para jantar. Vou preparar uma canja de galinha, é tiro e queda!

— E enquanto isso eu faço o que? Não seria indicado levá-la a urgência ou um só antitérmico resolveria o problema?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos tentar o remédio e acompanhar a temperatura. Se não diminuir nas próximas horas procuramos um médico.

— Certo, onde encontro a caixa de remédios? — Pergunto e a mulher arregala os olhos. Claro, considerando o meu histórico, eu era uma suicida em potencial. — Esse não é um pedido, é uma ordem — Uso um tom firme, que jamais havia usado com um empregado.

— A dona Olga vai me matar!

— Ela está sem condições de decidir. E você precisa preparar a canja, não é? — Ela assente — Precisa confiar em mim, Lindaci.

— Não é desconfiança dona Bruna...

— Eu sei, mas a minha mãe está doente e eu preciso fazer alguma coisa por ela, entende?

— Vou pedir para o Fábio trazer o remédio e a água enquanto preparo a canja.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada — toco a mão da mulher.

Minutos depois, Fábio bate na porta do quarto e me entrega um único comprimido e o termômetro. Ajudo Olga a sentar e engolir o remédio, dando-lhe água em seguida. Ela volta a se deitar e eu ponho o termômetro embaixo do seu braço. Vejo na internet quanto tempo devo aguardar para observar a temperatura e, cinco minutos depois, o termômetro me informa que que a sua temperatura corporal está elevada. Marcando a temperatura de 38,2°C.

Fico desesperada, enquanto minha mãe balbucia coisas sem sentido e seu corpo treme.



É impressionante quanto uma doença, por mais simples que seja, faz a gente mudar de perspectiva, não é? Depois da conversa com meu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pai e do conselho da terapeuta, eu deveria ter vindo direto para casa, para falar tudo para a minha mãe e me desculpar por ter sido tão imbecil durante tantos anos.

Mas não, fui para o shopping, tentar adiar um pouco mais a conversa e quando chego em casa a encontro assim, delirando e tremendo de febre. Tento manter a expressão serena ao descer para falar com Lindaci e Fábio, mas estava assustada. Me sentia impotente e perdida, sem saber o que fazer.

E o se o pior acontecesse?

O que eu faria sem ela?



— A canja já está pronta? — Pergunto ao entrar na cozinha, uma hora depois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já estava levando... — Linda diz.

— A febre baixou, senhorita? — Fábio questiona.

— Sim, bem pouco, mas já é alguma coisa. Agora o termômetro apresenta 37,8°C. O que indica que o remédio está surtindo efeito, não é?

— Está sim, ela vai ficar boa logo... — a mulher sorri.

— Pode deixar que eu levo — estendo as mãos para a bandeja que a mulher acaba de preparar.

Ela me entrega e eu subo as escadas, devagar.

— Mãe, a Lindaci preparou uma canja deliciosa — digo, depositando a bandeja no criado mudo.

— Não estou com fome — resmunga quando eu puxo o edredom.

PERIGOSAS ACHERON

— Resposta errada. A resposta correta é: que delícia, estava desejando mesmo uma canja! — Digo e seus lábios se movem em um pequeno sorriso.

Interpreto isso como um “sim” e a ajudo a se sentar, ajeitando os travesseiros para ela se sentir mais confortável.

Coloco a bandeja em seu colo.

— Eu não sou fã de canja — ela faz careta após a primeira colherada.

— Eu não sou fã de atividade física e agora sou adepta de treinos e caminhadas ao ar livre — rebato, sentando na cama ao seu lado.

— Eu devo estar péssima mesmo para você está fazendo graça — ela fala e leva uma colher cheia aos lábios.

— Com toda a certeza — sorrio — quando me aproximei da cama achei que você estivesse

sido engolida por um panda! As suas olheiras estão péssimas. Vai precisar de bastante corretivo para escondê-las...

— Eu realmente me sinto péssima — pausa a colher na bandeja — preciso de um banho.

— Eu concordo, mas antes precisa comer o resto da sopa.

— Estou satisfeita — argumenta.

— Você quer correr o risco de cair pelada no box do banheiro e o Fábio ter que te socorrer nesse estado deplorável? Eu não correria esse risco se fosse você — dou de de ombros.

E ela voltou a segurar a colher. Alguns minutos se passam sem que a gente precise falar. Ela se esforça para tomar a sopa e eu me sinto um pouco mais satisfeita do meu trabalho de babá.

Quando ela acaba, eu a ajudo a levantar e ir até o banheiro. Ela recusa minha oferta de deixa-la

pelada e eu dou privacidade, deixando o espaço.

— Ela está bem? — Fábio pergunta quando apareço na cozinha para devolver a bandeja e pegar uma fruta para mim.

— Sim, está tomando banho. De qualquer forma passarei a noite ao seu lado para ficar de olho se a febre voltar a subir.

— Tem certeza que não é melhor irmos ao hospital? — Ele insiste.

— Não sei — confesso — jamais precisei cuidar de outra pessoa. Mas confio no julgamento da Lindaci quando diz que amanhã ela estará mais disposta.

— Ok, se me permitir, gostaria de passar a noite aqui. No quarto dos empregados, é claro.

— Você precisa descansar — argumento — eu não vou sair do lado dela.

— Não vou conseguir dormir sabendo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você duas estão sozinhas. Você pode precisar de ajuda e não ter ninguém aqui.

— Não adianta argumentar, né? — Sorrio e ele nega com a cabeça — Certo, mas durma no quarto de hóspedes, garanto que a cama é mais confortável.

— Não se preocupe comigo, cuide dela. Boa noite.

— Boa noite — respondo — Ah, Fábio, Obrigada! Vou me sentir mais segura sabendo que estará aqui.

— Eu também — ele diz antes de seguir pelo corredor.



— Filha — acordo com uma voz ao longe — filha?

PERIGOSAS ACHERON

Merda, eu havia apagado!

— O que foi? — Pergunto atordoada. — Vou chamar o Fábio.

— Calma, Bruna. Eu estou bem, estou te chamando apenas para ir dormir na cama.

— Ufa! — Deixo o ar escapar, aliviada. — Que horas são? — Pergunto, sonolenta.

— Quinze para seis da manhã.

— Apaguei — me espreguiço, sentindo minhas costas reclamarem por dormir numa poltrona.

— Você passou a noite aqui? — assinto com a cabeça — estou me sentindo melhor, pode ir para o seu quarto.

— Você tem a continuação da série *Resonable Doubt*? Achei o primeiro livro no criado mudo e não parei até ler a última página. Agora estou ansiosa para saber mais sobre o Andrew.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem spoiler! — Ela tapa os ouvidos, sorrindo — ainda não acabei de ler.

— Como você pode interromper esse livro? Eu li num fôlego só!

— Eu leio apenas um capítulo antes de dormir, essa é a explicação — sorri.

— Mas você tem ou não a continuação? Se não tiver vou sair correndo para a livraria em busca deles.

— Sim, eles estão no meu escritório comprei semana passada e esqueci na minha sala.

— Quero para ontem!

— A noite eu trago para você.

— Você não vai trabalhar hoje. Ardeu de febre a noite toda, precisa descansar.

— Eu me sinto melhor — insiste — estamos em reta final de lançamento da nova

PERIGOSAS ACHERON

coleção. Não posso deixar que uma febre...

— Se fosse o contrário? Se eu estivesse queimado de febre a noite inteira você iria trabalhar?

— Claro que não! Nem que eu precisasse trazer a *Lunardelli* para cá deixaria você sozinha.

— Por que você não faz isso por você?

— Não posso...

— Tire a manhã de folga, pelo menos. Não quero ter que bancar a babá novamente. Eu tive que fingir que sabia o que estava fazendo, mas estava apavorada.

— Obrigada por cuidar de mim, meu amor.

— É isso que os filhos fazem pelos pais, cuidam deles quando precisam, não é? — Sorrio

— Agora volte a dormir.

— Não consigo — morde os lábios —

dormi por mais horas do que estou acostumada.

— Então conclua a leitura do livro para conversarmos no café da manhã, certo?

— Só se você deitar ao meu lado. Sinto saudades de enrolar seus cachinhos enquanto você dorme.

— Bondade sua né, mãe. Na maioria das vezes você estava tentando desfazer o nó formado pelos cachos — digo, deitando ao seu lado na cama. Suas mãos seguem em direção aos meus cabelos. O toque terno me remete a minha infância.

— Também sinto saudades de ouvir você me chamar de mãe. Foi a primeira palavra que você falou e eu saí feito louca gritando para todos que você tinha me chamado de mãe — revela, nostálgica — a cada vez que você balbuciava mãe eu bombardeava você de beijos.

— Como você é piegas, *mãe*. Então para

PERIGOSAS NACIONAIS

evitar essa cafonice vou abolir essa palavra do meu dicionário.

— Não faz isso — implora — eu prometo me controlar, mas eventualmente encherei você de beijos.

— Fala sério, *mãe*! — Sorrio e ela deposita inúmeros beijos no meu rosto.

— Eu te amo muito! — Diz, ao me abraçar.

— Eu também!

Fecho os olhos e relaxo com seu toque carinhoso.

Acabei adormecendo e dormindo bem, como não acontecia há muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

Essa semana estava sendo intensa. Primeiro, minha mãe ficou doente e agora tínhamos o problema do Jefinho para resolver. Enquanto eu almoçava no nosso restaurante, ele me abordou e pediu abrigo. Eu não quis perguntar muito naquele

PERIGOSAS ACHERON

momento e o levei para casa.

— Bom dia, dorminhoco! — Cumprimento, quando Jefinho aparece ainda sonolento na sala de jantar.

— Bom dia! — se espreguiça. — Que horas são?

— Oito e trinta. — Respondo.

— Eu dormi tudo isso? — pergunta com os olhos arregalados — Você deveria ter me acordado antes. Perdi o café da manhã das tias da marquise.

Antes que eu diga que ele não precisa se preocupar com a comida, minha mãe retorna para a mesa de onde havia saído para atender uma ligação.

— Dormiu bem, Jefinho?

— Sim, a cama é muito boa.

— Que bom! Agora sente-se para tomar café da manhã conosco. Temos muito o que

conversar — minha mãe indica o lugar ao seu lado. Jefinho obedece e ela o ajuda se servir. Ele recebe o pão francês com muçarela e presunto de peru e come rapidamente, como se quisesse ir embora daqui o quanto antes.

— Bruna me contou o que aconteceu com você...

— Não se preocupe, dona Olga eu já estou indo embora da sua casa, assim que eu comer mais um pão.

— Você pode ficar aqui pelo tempo que quiser — Olga sorri para ele — mas precisamos conversar. Tudo bem? — Ele concorda com a boca cheia. — Por que você fugiu de casa?

— *Tô* de saco cheio do meu padrasto — dá de ombros — meus irmãos e eu passamos o dia com os pés no asfalto para ter umas notas para comprar o que comer. Aí, no fim do dia, quando a

gente volta para casa ainda tem que escutar os *esporro*. Ele grita e xinga todo mundo, sobra até para os gêmeos que são bebês. Isso sem falar nos dias que ele resolve castigar a gente com socos e tapas — o rosto da minha mãe se contorce de dor ao ouvi-lo falar.

— Ele sempre bate em vocês? — Jefinho responde afirmativamente, com a cabeça. — Esse foi o motivo pelo qual fugiu?

— Também. Mas, eu já sou grande e aguento as pancadas. Agora os gêmeos não, eles são pequenos ainda...

— Posso ver as marcas no seu corpo?

O garoto enfia o restante do pão na boca, de uma só vez e fica de pé. Quando levanta a camisa, eu tento não me jogar no chão e chorar como uma criança desesperada.

Há cicatrizes marrons nas costas que

deixam claro que ele já foi surrado com cinto várias vezes ao longo da vida. Os braços, tem manchas esverdeadas, o que me faz pensar que dedos firmes devem tê-lo apertado.

Não há sangue, mas há pequenos ferimentos os quais não consigo nem imaginar como foi que surgiram.

— Ele ficou com muita raiva, porque eu empurrei e ele caiu de bunda no chão. Mas eu não queria machucar ele, só queria defender meus irmãos. Quando ele se ergueu ele usou a corda que prendemos o cachorro para me bater.

Os olhos de Olga estão horrorizados, mas ela se controla e não mostra para o garoto nada demais.

— Você não deveria apanhar por defender seus irmãos. Aliás, nenhum de vocês deveria apanhar para início de conversa. Precisamos ir

PERIGOSAS NACIONAIS

conversar com a sua mãe sobre isso — ela diz com a voz calma.

— Ela não vai ouvir, o conselho tutelar já conversou e ela prometeu que isso não ia mais acontecer, mas uma semana depois lá estava meu padrasto batendo em todo mundo.

— Dessa vez será diferente — é a minha vez de argumentar.

— Quem me garante? — Questiona. — Eu não quero ser o responsável pela surra dos meus irmãos.

— Eu garanto! — Minha mãe assegura. — Eu dou a minha palavra que nada vai acontecer a você e seus irmãos. O intuito da minha conversa com a sua mãe é estabelecer um diálogo. De mãe para mãe. Ela deve estar preocupada com o seu desaparecimento.

— Duvido...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou mãe Jefinho e se o meu filho desaparecesse eu estaria aflita esperando qualquer notícia que fosse.

— Ela não é como a senhora. Às vez eu acho que ela queria se livrar de todos nós... — Seus olhos fitam os meus e noto o seu semblante triste e meu coração se aperta. Uma mãe sempre deveria amar os seus filhos, pelo menos é isso que crescemos ouvindo.

— Você quer tomar banho de piscina? — Pergunto e minha mãe me lança um olhar de repreensão. Ela sabe que estou tentando adiar por mais tempo essa conversa. Eu acredito nas palavras de Jefinho e temo muito confirmar tudo indo até a sua casa.

— Aqui tem piscina?

— Tem sim, o que acha de ir mergulhar?

— Eu posso? — Pede permissão a minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe.

— Claro que pode — Minha mãe sorri.

— Sobe e troca de roupa, em uma daquelas bolsas no quarto tem um calção de banho — digo e ele corre em disparada.

— Filha, não podemos manter ele aqui para sempre, eles são a família dele.

— Eu sei, mas quem nos garante que eles são boas pessoas? E se for verdade que a mãe dele não dá a mínima importância para a sua fuga? Talvez, essa primeira conversa deva ser realizada longe do Jefinho — ela pondera alguns segundos

— Você tem razão. Vou sozinha para conversar com seus pais.

— Eu vou junto! — Sentencio. — Não vou deixar você ir sozinha.

— Alguém precisa ficar com o Jefinho — Argumenta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lindaci pode cuidar dele.

— Você não vai mudar de ideia, vai?

— Não, eu prometi ao Jefinho que iríamos resolver esse problema e é isso que vou fazer.

— Lindaci — minha mãe chama e a mulher aparece, segundos depois — Você poderia cuidar de Jefinho enquanto Bruna e eu resolvemos um problema?

— Claro, senhora.

— Já estou pronto! — Jefinho informa com um enorme sorriso no rosto.

— Lindaci vai ficar com você enquanto vamos conversar com seus pais, certo?

— Sim, Lindaci é bem legal, ela me deu bolo — ele sorri.

— Ela é mesmo! — Concordo.

— Antes de você curtir a piscina, preciso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nos diga o seu endereço. — Ele dita o endereço e minha mãe anota no celular. Com um sorriso enorme, o garoto sai na companhia de Lindaci.



Com o endereço em mãos seguimos para a casa do Jefinho. A residência do garoto ficava localizada no entorno da comunidade Paraisópolis. A fachada da casa estava descascada e coberta por limo, dando indícios do interior da residência. A casa simples não tinha campainha e batemos palmas algumas vezes, até sermos recebidas por uma mulher com uma criança no colo.

— Quem é? — Ela grita, sem se aproximar do portão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou eu, a Olga.

— Dona Olga! — A surpresa estava evidente na sua voz. Com passos curtos, ela chega até onde estamos. — Eu estava procurando um tempo para ir lá na empresa e dizer que não vou mais trabalhar lá — trata de se justificar — aconteceu uns problemas e eu tenho que ficar em casa.

— Não foi para falar do trabalho que vim aqui... Essa é a minha filha, Bruna — a mulher me analisou longamente — será que podemos entrar para conversar?

— Sim, só não repara a bagunça — ela destranca o cadeado e nos dá passagem para entrar.

Não me atenho aos detalhes da casa, a minha atenção está na Bete. Para uma mãe cujo filho desapareceu há dois dias ela está bastante serena.

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos aqui por causa do Jefinho —
minha mãe vai direto ao assunto.

— O que esse moleque aprontou dessa vez?

— Nada — trato de defendê-lo — seu filho
me procurou e pediu abrigo. A senhora não estava
preocupada com a fuga dele?

— Não é a primeira vez que ele faz isso —
respondeu serenamente — basta o padrasto dar uma
bronca mais forte que ele some.

— Bronca? — Questiono. — Seu filho traz
marcas pelo corpo dessa bronca.

— Bruna... — Minha mãe toca meu braço.

— Ele não é esse santo que a senhora pensa.
Jeferson sempre foi desobediente.

— Eu compreendo — minha mãe intervém
e me lança um olhar longo. Entendo como o pedido
para que eu silencie e deixe ela conduzir — a
Bruna também aprontava das suas na idade dele,
PERIGOSAS ACHERON

mas a violência não é a melhor solução.

— Com todo respeito dona Olga, mas do meu filho cuido eu.

— Eu não tive a intenção de ensiná-la como educar os seus filhos — minha mãe se desculpa.

— Que barulheira é essa? — Um homem trôpego, muito alto e magro, com a barba malfeita, surge na sala. Ele se encosta na parede para conseguir ficar de pé. — Quem são elas?

— A minha ex-patroa e sua filha — Bete explica — o Jefinho foi pedir abrigo na casa dela.

— Aquele moleque acha que as duas madames vão querer ele? — Sorri, debochado — a senhora pode enxotar ele. O lugar dele é aqui!

— Eu jamais expulsaria o filho de vocês.

— Aquele peste não é meu filho! — Vocifera e eu sinto meu sangue fervilhar. Está mais do que explicado porque Jefinho fugiu de casa. —
PERIGOSAS ACHERON

Filho meu não tem nariz arrebitado e mania de grandeza.

— O que meu marido quer dizer é que o Jeferson, ao contrário dos irmãos é muito sonhador.

— Não é errado sonhar... — Olga diz.

— Quando você é pobre os sonhos são distrações — Bete sentencia — ele precisa se acostumar com a realidade dele.

— Qual seria a realidade dele? Crescer sendo agredido pelo padrasto? — Não me contenho e falo abruptamente.

— Vai me dizer agora que ele é uma criança? — O homem reage, seu tom é sarcástico — na idade dele eu trabalhava duro na construção. A madame, sabe o que é carregar fardo de cimento nas costas? Sabe o que é chegar em casa à noite e não ter o que comer? O que a senhora chama de agressão eu chamo de surra corretiva. Cresci sob o

cinto do meu pai e não virei vagabundo.

Só um bêbado agressor de merda.

— Realmente não passei por isso, mas é isso que você quer para seus filhos? — Minha mãe tenta apaziguar — Que eles cresçam nas mesmas condições austeras que você cresceu? Eu tenho certeza que vocês desejam o melhor para eles.

— Ele reclamou da nossa casa? — O padrasto pergunta irritado. — Ele tem um teto para dormir e comida na mesa todo dia, deveria ser grato. Depois apanha e não sabe o porquê...

— Você não vai dizer nada, Bete? — Questiono a mulher. — Ele apanhou para proteger os irmãos. Seu filho tem um enorme coração e ama você. Ele está assustado e querendo que você o proteja, é isso que mães fazem, não é? Protegem os filhos contra o mundo.

— Eu amo os meus filhos, mas não posso

tirar a autoridade do meu marido. Se eu fizer isso eles jamais vão respeitar. Além do mais, ele não apanha sempre.

— Apenas quando o seu marido bebe — completo — e a julgar pelo estado dele deve ser dia *sim* e o outro *também*. Você está optando um verme desse ao invés do seu filho?

— Escuta aqui — ele avança na minha direção e Olga toma a frente.

— Se você encostar um dedo na minha filha, eu vou esquecer todas as promessas que fiz ao Jefinho e jogar você atrás das grades — fala alto, com o dedo em riste — porque lá é o lugar de homens como você.

— Fora da minha casa! — O bêbado grita, transtornado — Fora daqui agora sua vadia!

Meu coração está disparado e minhas mãos soam pela confusão toda. As coisas saíram de

controle e se esse homem encostar um dedo na minha mãe, eu vou matá-lo.

— Vão embora daqui antes que eu arraste as duas pelos cabelos! — Ele grita ainda mais alto, dando um passo em nossa direção.

— O que está acontecendo aqui? — Fábio, que nos aguardava do lado de fora, invade a sala e eu respiro um pouco mais aliviada. — Vocês estão bem? — Ele assume uma postura protetiva e se coloca entre o homem e nós.

— Trouxe seu capanga para se defender? Eu acabo com ele também, venha cá seu cachorro de madame...

Nós nos afastamos, dando alguns passos para trás.

— Bete, você pode vir embora conosco — minha mãe ignora os insultos e se volta para a mulher. A criança no seu colo se debate e chora —

PERIGOSAS NACIONAIS

você e seus filhos não merecem passar por isso.

— Esse é o meu lugar — ela responde com os olhos marejados.

— O lugar de uma mãe é perto dos seus filhos — minha mãe insiste — vocês estarão seguros, eu prometo!

— Eu já tomei a minha decisão, vou ficar.

Eu sei que não deveria julgá-la, mas quando eu pensei no garoto doce e inteligente que estava na minha casa, não consegui ficar quieta.

— Que tipo de mãe é você? — Pergunto, com a voz embargada pelo choro. — Você está preferido um homem ao seu filho...

— Por favor, vá embora — a mulher pede.

— O Jefinho não quer nada mais que seu amor. Será que é tão difícil para você entender isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é surda, porra? Vaza! — Ela berra.

— Vamos, filha — minha mãe me abraça e seguimos amparada pelo Fábio.

— Ele não pode morar aqui — soluço e minha mãe intensifica o abraço. As lágrimas também molhavam o seu rosto — O que a gente vai fazer, mãe?

Não ouvi a sua resposta naquele momento, mas não foi preciso. Minha mãe encontraria uma solução. Ela sempre encontrava.



Eu sempre quis ter um irmão, apesar de amar ser filha única. É contraditório eu sei, mas eu gostava da ideia de ter alguém para disputar a atenção dos pais, compartilhar as minhas aventuras, alguém que eu pudesse confiar e dividir a vida.

PERIGOSAS ACHERON

Com o divórcio dos meus pais isso parecia um sonho inalcançável. Nenhum deles assumiu um novo relacionamento e eu desencanei da ideia. Até o Jefinho aparecer na minha vida. Na nossa primeira troca de palavras eu senti uma energia inexplicável. Eu queria proteger aquele garoto que eu acabara de conhecer.

Jefinho apareceu na minha vida em um momento que nada ia bem. Ele não só me deu um novo sentido para viver como foi uma ponte entre a minha mãe e eu. Ver que a minha mãe compartilhava do mesmo carinho com Jefinho ajudou a destruir a redoma que criei para impedir a sua aproximação.

Eu não estava mais sozinha na missão de proteger o garoto, minha mãe estava comigo e juntas iríamos encontrar uma forma de tornar a vida dele e seus irmãos menos árdua, foi o que pensei na

época, mas não tínhamos a real dimensão dos problemas enfrentados por eles. Oferecer o emprego, a creche e tudo o mais não foi o suficiente e tivemos certeza disso aquele dia na casa dele.

Apesar de ainda não compreender os motivos que levam uma mãe a optar pelo seu companheiro ao invés de seu filho pequeno, eu concordei com Olga: aquela era a família dele. Aquela mulher, com todos os defeitos, era a sua mãe e eles deveriam ficar juntos.

Olga, por intermédio de um advogado, buscou conciliar esse impasse. Apresentamos o caso a Vara da Criança e a mãe dele, quando foi intimada, revelou perante as autoridades o desejo de não receber o seu filho de volta. O choque da sua confissão pegou todos de surpresa, principalmente o Jefinho que ouviu da boca da própria mãe ela

negando a maternidade.

O juiz concedeu de forma provisória a tutoria de Jefinho para a minha mãe. Ele permaneceria conosco até que o imbróglio familiar fosse solucionado. Perdi as contas de quantas audiências de conciliação foram realizadas. O maior temor da minha mãe, assim como meu, era que ele fosse levado para um abrigo, onde provavelmente jamais seria adotado. A sua idade era um grande empecilho, além do fato das pessoas optarem por bebês e/ou crianças brancas.

A assistente social ouviu os envolvidos, uma vez que a sua mãe demonstrou inaptidão e a vontade explícita de não abrigar o seu filho na sua residência e, no fim o desejo de Jefinho prevaleceu: ele não voltaria ao seio da sua família.

Não foi com surpresa que recebi a notícia do desejo da minha mãe em adotá-lo

definitivamente. Jefinho se manteve ciente de todo o processo e ficou radiante quando Olga compartilhou que havia pleiteado, junto a equipe do Juizado da Infância e da Juventude, a sua guarda definitiva.

A prática denominada adoção consentida, se pautava na entrega voluntária do filho para adoção. Em vez de buscar o filho nos abrigos, já destituído da família original, a criança é entregue diretamente pelos pais biológicos que desejam entregar o filho à adoção. Sem a necessidade prévia do cadastro nacional de adoção. É uma brecha legal para que o processo de adoção seja mais ágil, todavia a seriedade do processo é a mesma. Olga passou por um crivo de profissionais para que atestassem a sua aptidão para cuidar de uma criança e só depois ela recebeu a guarda definitiva.

Dessa forma, Jeferson de Jesus Santos

PERIGOSAS NACIONAIS

passou a ser Jeferson Lunardelli. Ele era oficialmente um membro da família e se integrou de forma tão natural nas nossas vidas que parecia que ao nosso lado sempre fora o seu lugar. E eu não conseguia mais pensar em como vivi todos esses anos sem ele.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

As coisas estavam indo bem, mas ainda precisava pôr um ponto final em uma história inacabada. Desde que a minha mãe ficou doente, isso vem martelando em minha cabeça.

— Interrompo? — Abro a porta da sala da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mãe — A secretária disse que eu poderia entrar.

— Você nunca interrompe, amor. — Ela faz sinal para que eu entre.

A sala é um pouco menor que a do Rio de Janeiro, mas ainda mantém a característica Lunardelli de elegância e conforto. Cresci vendo a minha mãe trabalhar, ela sempre estava incrivelmente bem vestida sentada atrás de uma mesa e com inúmeros papéis a sua volta. Recordo das vezes que eu adentrava no escritório e ela largava tudo que estivesse fazendo para me dar atenção. Exatamente como ela faz agora.

— Agora você usa óculos? — Pergunto, sentando na cadeira a sua frente.

— Não sei se notou, mas estou ficando velha — sorri — preciso deles para ler as letras miúdas dos contratos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava lembrando das vezes que fiquei aqui enquanto você trabalhava — confesso.

— Eu não me sentia segura em deixar você em casa com a babá, mas precisava honrar os meus compromissos e então levava você para o escritório. — relembra, sorrindo — quantas tardes eu cantei para você dormir, nos meus braços, enquanto eu decidia com a equipe de produção a escolha das malhas para a próxima coleção...

— Você se arrepende de ter sido mãe? — Pergunto, curiosa.

— Jamais! Nunca houve um só dia da minha vida em que eu me arrependi de você, filha. Não vou dizer que as coisas sempre foram fáceis, não foram. Após o seu nascimento eu me culpava muito por trabalhar. Eu não precisava, gozava de uma boa vida, então na minha cabeça eu estava sendo menos mãe por dividir as minhas horas entre

PERIGOSAS ACHERON

você e a *Lunardelli*.

— Foi por isso que o seu casamento com o papai chegou ao fim? — É a primeira vez que falávamos sobre o assunto sem acusações da minha parte. Eu queria ouvi a versão dela.

— Também. Seu pai não entendia que eu precisava trabalhar para me sentir útil e isso degastou muito a nossa relação. Ele esperava que eu fosse a linda esposa e a mãe da sua filha. Mas eu queria mais. Queria ser reconhecida pelos meus méritos e não apenas por ser a esposa do Bernardo Moura. A *Lunardelli* é muito mais que uma marca de biquíni, ela é uma parte de quem eu sou. A tímida marca alcançou o reconhecimento nacional. A cada vez que eu olhava para você, dormindo nos meus braços no escritório, eu sabia que o meu esforço valeria a pena. Cada lágrima e culpa que eu carregava eram transformados em um único

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamento: quero que a minha filha entenda que, assim como eu, ela é dona do seu caminho e que nenhum amor deve fazê-la abandonar os seus sonhos.

— Pelo visto eu não aprendi a lição... —
lamento.

— Nunca é tarde para aprender — ela sorri.

— Será? Eu precisei ver você fragilizada para lembrar o quanto você é importante para mim. Enquanto você delirava por causa da febre, não parava de pensar em todas as vezes que gritei que te odiava. Eu sou uma puta egoísta, tenho consciência disso, mas eu estava rezando para que você ficasse bem para eu poder ficar bem. Perder você nessa altura da minha vida era me levar de volta para o precipício.

— Eu estou bem, amor. Foi apenas uma gripe.

PERIGOSAS ACHERON

— E se fosse algo mais grave? E se você morresse antes que eu tivesse oportunidade de pedir perdão?

— Você não precisa fazer isso, filha.

— Eu preciso e você sabe disso — ela abre a boca para protestar — nos últimos anos as nossas raras conversas se resumiram aos meus gritos histéricos e o seu silêncio ensurdecedor em meio as minhas provocações.

Respiro fundo para aquietar o meu pensamento e manter o controle para continuar a falar.

— Era difícil demais saber que o homem que eu mais amei na minha vida estava apaixonado pela minha mãe. Eu olhava para você como uma rival que eu deveria liquidar.

— Preciso que você entenda, de uma vez por todas, que eu nunca soube que ele era o *seu*

Felipe — a culpa está estampada no seu rosto e é evidenciada pelas lágrimas.

— Ele nunca foi meu, mãe.

— Você sabe que eu jamais teria me envolvido com ele se soubesse de vocês. Eu quis morrer quando constatei naquela sala de reunião.

Como num *flashback*, sou transportada para o momento em que ela se refere.

Eu estava animada por que depois de uma discussão acalorada na noite anterior eu havia convencido Olga a administrar a minha parte da sociedade com a *Carpe Vita*.

A boate era o sonho do Felipe. Na época, era apenas um projeto de um empreendimento e necessitava de uma bolada financeira para tirá-la do papel. Quando ele compartilhou comigo o sonho, eu me ofereci, sem titubear para ser a sua sócia, era mais uma das formas de eu dizer que estava com

ele para o que ele precisasse.

Meu pai, sempre racional, não aceitou liberar o dinheiro sem garantias que teria um retorno do valor, dessa vez eu não estava querendo comprar uma bolsa da *Gucci*. Estávamos falando de uma quantia de mais de seis dígitos. Olga, como sempre, resolveu intermediar a situação e fez um acordo com o meu pai: ela seria responsável para atestar que o dinheiro não estava sendo gasto de maneira irresponsável. Eu seria sócia apenas no nome, toda a burocracia seria com ela. Era um bom acordo, eu ficaria com a parte legal e ela com a chata. E, claro, teria o Felipe todo grato.

Mas, é claro, nada disso deu certo.

— Quando cheguei para assinar o contrato, senti o chão se abrir aos meus pés — prossegue — eu queria poder voltar no tempo e jamais ter conhecido o Felipe, mas eu não tinha esse poder.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, eu expulsei ele da minha vida e implorei que ele jamais confessasse sobre nós.

— Você não deveria ter feito isso... Ele te amava.

— Eu não seria feliz com a sua infelicidade.

— Você o amava? — Pergunto, porque precisava saber. Ela fica em silêncio, lágrimas rolam em sua face — a gente nunca conversou abertamente sobre isso. Mas a terapia me fez entender que o assunto não morre quando colocamos uma pedra em cima, muito pelo contrário, ele fica apenas adormecido e retorna com toda a força nos piores momentos.

— Honestamente? Não sei — ela diz, enxugando as lágrimas — ele era jovem, carinhoso e me fez me sentir viva... Estar com o Felipe me lembrou que eu tenho que deixar um espaço na minha vida para a Olga mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E ainda assim você abdicou disso por mim — constato — eu não sei se faria o mesmo por você se fosse o contrário, entende?

— Perfeitamente. Não é tão simples como parece. Mas nada era mais importante do que você, Bruna.

— A dor que eu senti ao descobrir sobre vocês foi dilacerante — confesso — eu me senti duplamente traída.

— Eu sinto muito — ela lamenta — eu não me arrependo de ter aberto mão. Faria mil vezes se fosse preciso. Mas não foi o suficiente. Eu achei que você iria me odiar menos... Você não imagina como eu me senti quando tentei te ligar diversas vezes, depois de ver o seu status de despedida no WhatsApp, e não tive resposta. Eu morri um pouco a cada segundo. E, quando eu a encontrei desmaiada no apartamento, em meio às cartelas de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

remédios, a culpa que eu vinha carregando rompeu todas as barreiras e eu desabei. Eu estava entre os motivos pelos quais você tentou tirar a própria vida e ainda que você sobrevivesse nada aplacaria a minha dor.

— Você não teve culpa.

— Não diretamente — discorda — Felipe foi a ponta no iceberg que chocou nossos mundos. Depois dele, a nossa interação que já era ruim, tornou-se impraticável. Você me evitava e era sempre rude comigo. Mas tinha seus motivos e eu seguia torcendo pelo dia que você me perdoasse. Eu tentei te proteger e acabei piorando a situação — as lágrimas transbordam dos seus olhos — você me perdoa, meu amor?

— Eu que te devo um pedido de perdão, mãe — minhas lágrimas juntam-se as dela — eu repeti tantas vezes que te odiava que acabei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo você acreditar que era verdade. Mas, eu te amo, *tá?* Você merecia uma filha doce, serena, amável... Não esse combo de defeitos que eu sou.

— Você é a minha menina e eu amo você do jeito que você é — olho feio para ela — Ok, você poderia ser mais doce com a mamãe — sorrio — Será que eu posso te dar um abraço? — assinto e levanto, indo até ela.

Suas mãos me envolvem num abraço apertado.

— Eu sinto muito por todas as vezes que eu gritei que odiava você — minha voz sai entrecortada pelo choro — obrigada por segurar a minha mão e permanecer ao meu lado em todas as situações.

— Ainda que você não queira, estarei ao seu lado para sempre. Para mim, você sempre será a minha menina que precisa de colo. Você sabe que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pode contar comigo para tudo, né? — Faço que sim com a cabeça. — Eu sei que estou sendo muito chata e controladora, mas é que estive muito perto de perder você e não quero dar brecha para que isso ocorra novamente. — Afrouxa o abraço para me olhar nos olhos — minha vida não tem sentido sem você. Não duvide do quanto você é amada. Você foi amada desde o meu ventre e continuará sendo até o fim dos meus dias. Eu te amo!

— Eu também te amo!

Batidas na porta obrigam a nossas lágrimas a cessarem.

— Eu devo estar péssima... — Enxuga as lágrimas. — Pode entrar.

— Desculpa interromper, mas o senhor Dias já está aqui para a reunião. — A secretária informa.

— Ok, eu vou me recompor e aviso para ele entrar. Preciso voltar ao trabalho, que tal jantarmos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a noite ou pegar um cinema? O que você prefere?

— Por que não, os dois? — Sorrio.

— Combinado.

— Ah, já ia me esquecendo. Tenho um presente para você — Enxugo as lágrimas e caminho até a minha bolsa e retiro uma sacola de papel de presente. Ela desembulha rapidamente e sorri quando vê o que é.

— Uma caneca de Supermãe? — Indaga, surpresa.

— Sim, para você lembrar o quanto você é uma. É mais do que uma piada, é um troféu por me suportar.

— Vou usá-la na próxima reunião.

— Sério? Você teria coragem?

— De mostrar para todo mundo que você me considera uma supermãe?! Óbvio que sim!

PERIGOSAS ACHERON

— Vou lembrar de dizer isso mais vezes só para ver esse sorriso no seu rosto.

Mesmo que não parecesse possível, o sorriso dela se ampliou ainda mais e me contagiou. Nossas lágrimas viraram risos e, a partir daquele momento, no que dependesse de mim, seria sempre assim.



Yuri

Estou, mais uma vez, sob o comando do professor Magalhães para um treino aberto. Dessa vez, o parque Ibirapuera é o local escolhido para a aula. Eu praticava crossfit há anos, mas recentemente fui apresentando por um amigo a um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grupo que tinha como lema: “Corpo são, mente sã”. Na prática, isso significa uma série de atividades que, além do crossfit, inclui artes marciais, meditação e ioga. Desde então, eu me reúno com o grupo aos sábados pela manhã.

Um ponto positivo nesse grupo é que não há individualismo. Trabalhamos em microgrupos, no máximo de quatro pessoas, com o objetivo de um participante incentivar o outro. Cada aluno da turma começa fazendo a sequência do exercício e só passa para o outro quando o integrante anterior chega. É como uma corrida de bastão, na qual a equipe precisa estar entrosada para garantir que todos cumpram o objetivo.

A turma é heterogênea, temos desde os alunos iniciantes aos que praticam atividade física há mais de quinze anos. Mais do que um corpo sarado, buscamos alinhar a nossa mente e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resultado disso é uma consciência corporal e controle. Além de estabelecer elos de amizade. Com direito a um grupo de WhatsApp e encontros mensais para celebrar o aniversário dos integrantes.

Estava realizando a última série de exercícios e quase ponho tudo a perder quando a vejo.

— Cansou, Yuri? — Magalhães questiona, mas não respondo. Meus olhos estavam atentos para me certificar de que era ela, já que eu só via seu perfil — Yuri! — Ele chama a minha atenção novamente.

— Desculpa — respiro fundo e termino minha parte, passando a vez para o meu colega de grupo. Sem perder de vista onde ela está. Só pode ser o destino.

Quando o último integrante encerra, deixo a corda cair e corro de encontro a ela que não havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ido muito longe porque andava devagar, olhando a tela do celular.

— Bruna? — Grito para ser ouvido e ela olha para trás.

Ela está usando um short jeans com esses rasgos da moda e uma camiseta com a frase “Chocolate is my boyfriend”, mas o que realmente chama a minha atenção é o sorriso que ela traz no rosto.

— Por um momento achei que eram vozes do além — sorri ainda mais quando me aproximo.

— Se a voz atender por Yuri, eu posso ser considerado uma voz do além — tento fazer graça, sem fôlego — piada ruim, né? — Coço a cabeça, desconcertado.

— Muito ruim — ela gargalha e o som da sua risada vale a pena a minha tentativa de fazer piada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não costumo fazer piadas, você sabe.

— Bruna, me espera! — Um garoto, em cima de um skate se aproxima e me avalia de cima a baixo. — Quem é esse?

— Essa é a educação que você recebeu? — Bruna reclama com o garoto, que bufa irritado — fale direito.

— Oi — exhibe um sorriso falso — quem é você? E o que quer com a minha irmã?

— Jeferson! — Bruna fuzila o irmão.

— Oi, eu sou o Yuri — estendo a mão para ele que ignora o gesto. — Sou... Um amigo da sua irmã.

— Nunca ouvi falar de nenhum Yuri...

— Estamos quites, porque eu também não ouvi falar de você — sorrio e levanto as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho uma explicação e você? Não deve ter importância para ela — a resposta dele é quase um soco no meu estômago, mas não deixo transparecer.

— Chega, Jeferson! — Bruna o repreende em um tom firme — Desculpa o mau humor do dele, Yuri. Ele ainda está aprendendo a ser o irmão mais novo. — Ela o envolve em um abraço e bagunça o seu cabelo.

— Logo, logo você acostuma — respondo.

— Você também é irmão mais novo? — Pergunta, curioso.

— Não, sou filho único.

— Então não devia dizer isso — dá de ombros — vamos embora, Bru? Estou com fome.

— Só um minuto, estou conversando.

— Mas eu estou com fome e você sabe que quando fico com fome fico irritado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês não me esperaram — a voz feminina faz com que a gente olhe para trás.

Uma mulher tão bonita quanto a Bruna, mas um pouco mais velha, se aproxima. Está usando uma calça jeans preta e uma camiseta branca.

— Yuri, essa é a minha mãe — Bruna confirma as minhas suspeitas — Mãe, esse é o Yuri.

— Muito prazer, meu nome é Olga — ela sorri e exhibe o mesmo sorriso da filha.

— É um prazer conhecê-la, Olga.

— Ninguém me apresentou oficialmente...
— O menino resmunga.

— Yuri esse é o Jefinho, o meu irmão chato. Jefinho esse é o Yuri.

— Jeferson para você.

— Prazer em conhecê-lo, Jeferson —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio.

Mãe e filha trocam olhares, uma comunicação visual que eu não conseguir decifrar.

— Yuri, se você nos dá licença, vou levar esse rapazinho para comer — Olga rompe o silêncio — vem, filho!

— A Bruna não vai?

— Ela nos encontra depois.

— Isso, vai com ela. Você estava morrendo de fome.

— Falou certo, eu estava. Não estou mais.

— Mas eu estou! — Olga insiste. — Faminta para comer aqueles *churras* do carrinho.

— Eu posso ficar aqui com a Bruna enquanto você compra — Olga lança um olha que não deixa espaço para discussões — Tá certo...

— Tchau, Yuri. Filha, estou com o celular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te ligo quando acabar aqui — Bruna acena.

— Ainda acho que ela deveria *vim* com a gente... — Escuto o garoto resmungar.

— Quer dizer que você tem um irmão?

— A história é *looooonga*.

— Eu tenho tempo...

— Yuri, a carona ainda está de pé? — Roberta grita e Bruna estreita os olhos.

— Sua amiga discorda.

— Claro que sim só me dá alguns minutos — grito de volta. — O carro dela está impedido de circular pelo rodízio, por isso vou dar uma carona para ela e sua namorada.

— Não precisava explicar...

— Mas, eu queria — hesito por alguns segundos antes de tomar coragem — Que tal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marcarmos algo para colocar o papo em dia? Estou ansioso para saber do seu irmão e de você, obviamente.

— Claro, vamos sim!

— Seu número mudou? — Pergunto, por fim.

— Não, ele continuou o mesmo todo esse tempo... — Sorri.

— Então eu te ligo para marcarmos.

— Certo.

— Foi bom te reencontrar.

— Digo o mesmo.

— Então é isso — coloco a mão no bolso — eu te ligo para marcarmos uma pizza.

— Fico no aguardo — ela sorri.

Convida agora, Yuri. Chama ela para jantar, andar de pedalinho, praticar levantamento

PERIGOSAS ACHERON

de peso ou qualquer outra coisa. Só não perde essa oportunidade do destino.

— Eu preciso ir. Tchau, Yuri.

— Tchau.

Ela dá meia volta e se afasta, enquanto Roberta e sua namorada se aproximam.

Demorou demais, amigo.

Perdeu a chance, babaca.



Bruna

O dia amanheceu ensolarado e, logo no café da manhã, meu irmão intimou eu e Olga para passarmos a manhã na piscina. Ela tinha levado trabalho para casa, mas não resistiu nem dez segundos ao pedido e assim que terminou de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comer, subiu para se trocar. Para mim, ele não precisou insistir, corri para o quarto fiz um coque alto no cabelo e vesti um biquíni, branco e pequeno, para tomar sol.

Depois de alguns mergulhos e brincadeiras, saí da piscina para continuar a leitura de outro livro que peguei emprestado da minha mãe. Consigo ler cinco páginas antes que ela me interrompa.

— Seu amigo é um homem muito educado. Se quiser pode convidá-lo para jantar qualquer dia desses... — Minha mãe diz, despretensiosamente, quando se aproxima da beira da piscina.

— Quem me dera, mãe... — Sorrio.

Encontrar o Yuri tinha sido inesperado. Meu coração quase parou ao ouvir meu nome e quase achei também que estava ficando louca. Até ver aquele corpo maravilhoso todo suado, não era loucura, era puro tesão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum, então tem algo mais do que amizade — ela constata.

— Do que vocês estão falando? — Jefinho se aproxima e espirra água sobre nós.

— Pare, vai molhar o livro! — Reclamo.

— Estamos falando do amigo da sua irmã, aquele que conhecemos ontem.

— Aquele chato? — Fecha a cara — Não achei graça.

— Eu posso enumerar tudo que vi e até o que desejo ver — sorrio e minha mãe me repreende com o olhar — seria bem engraçado!

— Você está com ciúmes da sua irmã — minha mãe constata, sorrindo.

— Claro que não. Só estou dizendo que ele se acha!

— Você não sabe de nada — perturbo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você que sabe? Esperta — e pula na piscina de propósito e quase molha o livro.

— FEIO! — grito.

— Bruna! Você é mais velha, se comporte...

— Ele que começou! — Rebato e ela gargalha.

Meu celular toca sobre a mesa de vidro e eu levanto para ver o que é. Há a notificação da chegada de uma nova mensagem. Meus olhos demoram a acreditar no que veem:

O que você acha de jantarmos hoje à noite?

— Finalmente, Yuri! — Não contenho o gritinho de felicidade e minha mãe me olha sem entender.

Achei que o seu bora marcar fosse um clichê de
PERIGOSAS ACHERON

**quem encontra um conhecido após um tempo
sem se ver Hahahaha**

Ps! Convite aceito ;)

**Não era para soar dessa forma... O convite é o
meu real desejo.**

Ps! Fico feliz pelo seu sim.

As cartas, finalmente, estavam na mesa e eu
não era mulher de recuar:

**Eu que fico feliz pelo convite e por saber que se
trata do seu real desejo.**

Te pego às 19h, ok?

Naquele mesmo endereço?

Exatamente ali.

Vou aguardar ansiosa! Até mais tarde.

Quando levanto os olhos do celular, a minha mãe estuda atentamente as minhas reações.

— O que foi?

— Eu que pergunto — ela fala baixinho para meu irmão não ouvir — era o seu amigo?

— Sim.

— E pela felicidade irradiando do seu rosto, ele te convidou para sair.

— *Tá* tão na cara assim?

— Muito — sorri — fico feliz em ver você feliz.

— Então, não vai criar um caso por eu dormir fora de casa hoje... — Jogo a informação.

— Mas já? — Arqueia a sobrancelha — Achei que vocês estavam se conhecendo...

PERIGOSAS NACIONAIS

— E tem forma melhor de se conhecer do que entre quatro paredes? — Questiono, sorrindo — Cinema, piscina, carro, avião... — Minha mente registra todos esses lugares a serem explorado com o *psicogato*.

— Ok, eu já entendi.

— Garota esperta! — Pisco para ela que sorri.

Não quis mais saber de piscina depois daquela mensagem. Minha mente pisou no acelerador e disparou cenários quentes e deliciosos para essa noite. Lá no fundo, uma vozinha, dizia bem baixinho que aquele encontro podia ser apenas para uma conversa de um ex-terapeuta preocupado, mas tratei-a de sufocá-la com os gemidos que eu imaginei.

Porra, era inevitável, eu estava sem sexo há mais de um ano. Um ano! Não que eu sentisse falta.

PERIGOSAS ACHERON

Se me dissessem, um tempo atrás, que eu passaria tanto tempo sem um pau entre as minhas pernas eu riria alto. Mas diante de tudo o que aconteceu, foder não tinha sentido. Na verdade, cheguei à conclusão que quase nada que eu costumava gostar tinha sentido.

Passei a tarde me preparando: lavei, hidratei e sequei os cabelos; me liberei de todos os pelos do meu corpo; fiz limpeza e esfoliação na pele e passei algumas horas decidindo o que usaria. Quase pirei e saí para uma loja em busca de lingerie, porque não achei nada sexy o suficiente entre o que tinha em casa, mas contei até dez e lembrei que não importava muito o que eu colocasse por baixo da roupa já que eu me livraria de tudo em dois segundos. No fim das contas, coloquei um conjunto de calcinha e sutiã cor de vinho, de microfibra e detalhes em renda. A calcinha fio dental valorizou minha bunda. E o sutiã foi descartado assim que eu

PERIGOSAS ACHERON

decidi que usaria um vestido preto, frente única e de alças finas.

O tecido abraçou o meu corpo feito uma segunda pele. E eu agradecia aos céus por ter voltado a me alimentar direito e pelas corridas com a Carla, meu peso estava controlado e meu corpo, saudável.

Olhos marcados, boca nude, perfume aplicado, salto alto e bolsa em mãos: doutor Yuri, vem quente que eu estou fervendo!



— *Vai pra que festa, Bruna?* — O garoto parece um cão de guarda ao pé da escada.

— *Vou jantar com um amigo, estou bonita?*
— Pergunto, dando uma voltinha.

— *Tá, mas não gostei da roupa* — ele

aponta.

— Qual é o problema com a minha roupa?

— Parece que vestiu uma bola de assopro e ela rasgou, *tá* toda pelada atrás...

— Uma bola de assopro?

— É grudada!

Será que exagerei? Mas antes que eu pudesse subir para trocar de roupa, meu telefone toca e avisa o recebimento de uma mensagem:

Estou te esperando.

— Boa noite, Jefinho, eu e a minha bola de assopro estamos de saída!

— Espero que não rasgue o resto — ele dá de ombros e corre escada acima.

Saio pela porta já puxando meu vestido

PERIGOSAS NACIONAIS

mais para baixo, mas assim que o vejo, parado do lado de fora do carro, esqueço qualquer coisa que não seja aquele homem. Yuri está usando uma camisa bege, de botões brancos, com as mangas levantadas até os cotovelos. O tecido parece justo ao seu peito, ressaltando ombros largos. A calça é preta e nem me dou o trabalho de olhar os pés, volto meu olhar para o rosto, quando me aproximo. A barba parece por fazer, mas um olhar mais atento mostra que ela é cuidadosamente aparada e emoldura uma boca linda. Só em lembrar do nosso único beijo, eu começo a esquentar. Parece mesmo que ele é a chave para destravar meu corpo enferrujado!

— Acho que bege é a minha nova cor favorita — digo depois de quase comê-lo com olhos.

— Verde tem sido a minha há um tempo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— ele sorri.

— Meu vestido é preto, vou perdoar porque está sem óculos.

— Seus olhos são verdes. E estou usando lentes de contato.

Meus olhos. Acho que ele não reparou o meu vestido de bola de assopro, afinal.

— Vamos? — Digo, por fim, sem agradecer o elogio.

Yuri abre a porta do carro e eu me acomodo no banco do passageiro.

— Não sabia o que gostava de comer, então fiz reserva em um italiano. Acho que todo mundo gosta de massas, certo?

— Eu odeio macarrão — digo e ele se contrai no banco — é brincadeira, mas se fosse ainda teria risoto, nhoque, pizza... não precisava se desesperar, doutor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava quase fazendo a volta para ir a um japonês...

— Pode ser nosso próximo jantar.

— Você não sabe se o de hoje vai ser legal e mesmo assim já quer combinar um novo?

— Não tem como não ser legal com a sobremesa que eu tenho em mente — insinuo.

— Bruna...

— Se quiser, podemos pular direto para a sobremesa... — ele não responde — ah, qual é? Eu entendi tudo errado de novo?

— Não, não entendeu, eu te chamei para sair, mas convenhamos que isso não é bem algo com que eu esteja acostumado...

— Sair para jantar com mulheres e transar com elas depois?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também.

— Não me diz que é casado, por favor — eu praticamente me ajoelhei para implorar — você não usava aliança, eu notei isso desde que te vi pela primeira vez.

— Segunda vez — ele lembra. — Não sou casado.

— Noivo? Relacionamento estável? Namorando?

— Solteiro.

— Então qual é o problema? Virgem? Vou adorar ser a primeira... — ele ri.

— Não tem problema, só não estou acostumado com sua franqueza.

— Pare o carro!

— Como assim?

— Entre nesse supermercado e estacione —

PERIGOSAS ACHERON

ele não questiona e faz a manobra rapidamente.

— Você está bem? — Ele pergunta, mas decido mostrar.

Tiro o meu cinto de segurança e estico o meu corpo um pouco, aproximando minha cabeça da dele.

— Eu preciso que me beije. Nesse momento...

Poucos segundos se passam entre o momento em que digo essas palavras e o que ele atende a minha necessidade. Mas eu sinto tudo transcorrer em câmera lenta. Os olhos dele encaram os meus e seguem para minha boca, se fixando ali. Seus lábios se entreabrem um pouco e eu não sei ele sente a mesma dificuldade que eu para respirar ou se está surpreso com o meu pedido. Pouco importa o motivo, ele se perde no momento em que suas mãos seguram o meu rosto e nossas bocas se

tocam.

O beijo poderia ser suave, mas a necessidade me domina. Assim que sinto o leve roçar na minha boca, levo minha mão direita até sua nuca e aprofundo o que nem havia começado. Minha língua vasculha em busca de contato e quando encontra sua semelhante, se entrelaça e se enrosca. Os lábios dele são deliciosamente macios e tudo o que eu mais desejo é senti-los por todo o meu corpo.

Liberto meu desejo, deixando minha mão percorrer o peito dele. E sinto, entre os meus dedos, que ele ainda usa o cinto. Aperto o botão e destravo, dando-lhe liberdade de movimento. Yuri liberta minha boca, levando seus beijos até o meu pescoço.

Eu preciso de mais.

Em um movimento rápido, sento no colo

PERIGOSAS NACIONAIS

dele. De frente, com uma perna de cada lado do seu corpo. O espaço é apertado, o volante nas minhas costas faz com que eu deliciosamente me cole a ele. Consigo sentir a ereção dele por baixo da roupa. Me esfrego ali buscando qualquer resquício de alívio.

Ele respira fundo no meu pescoço. Suas mãos se movem pelas minhas coxas, mas param antes de chegar ao quadril.

— Você não precisa fazer isso... — e é o verbo dessa frase que ressoa em minha mente. Precisar. Eu paro de me esfregar em seu colo.

— Você não quer? — Digo, com a respiração ofegante.

Meu coração está acelerado, consigo ouvi-lo como uma bateria de escola de Samba em uma noite silenciosa.

— O que *você* quer?

PERIGOSAS ACHERON

— Que pare de me analisar e me foda!

— O que *realmente* quer, Bruna?

— Que você me deseje — reconheço, me afastando o máximo que posso, considerando que continuo em seu colo.

Ele toca o meu queixo, fazendo com que nossos olhos se encontrem.

— Não há nada que eu deseje mais no mundo.

— Então por que estamos conversando e não transando?

— Eu quero transar com você, não tenha dúvidas disso... Mas eu te convidei para jantar. Para conversar. Para estar com você e não para te foder no meu carro e te dispensar logo depois.

— Você sabe que não tenho problema nenhum com a foda no carro, não é? Yuri, não tenho a menor condição de ir a um restaurante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora. Meu corpo está implorando para ser tocado...
Por você!

— As minhas mãos suplicam a mesma coisa. Que tal irmos ao meu apartamento? Posso pedir nosso jantar.

— Combinado.

— Pode sair do meu colo para que eu possa continuar sendo racional?

— Tudo bem, doutor, um a zero para a racionalidade — sorrio, voltando ao meu lugar. — Mas vou sentar aí novamente assim que chegarmos lá — enfatizo onde vou sentar, massageando o local com os dedos.

Ele ri. Coloca o cinto de segurança e acelera.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

*“Minha cabeça está debaixo d'água
Mas estou respirando bem
Você é louca e eu estou fora de mim”
All Of Me - John Legend*

Essa foi uma das poucas vezes em que me deixei levar pela emoção. Meu lado racional, que sempre costumou prevalecer, berrou para que eu não fizesse isso, mas nada conseguiu me impedir de enviar a mensagem convidando-a para jantar.

Nessas horas, eu adoraria ser o cara do “foda-se”. Foda-se o fato de você ter sido terapeuta dela, foda-se o fato de que isso pode ser apenas transferência... foda-se!

Finja que perdeu a memória, só hoje.

Era o meu plano inicial. Jantar, conversar e ver no que a noite dava, como duas pessoas normais. Mas o plano começou a falhar quando eu a vi naquele pedaço de pano que deixava pouco para minha imaginação e foi totalmente para o lixo quando estacionei no supermercado.

Nós quase transamos ali. Mas eu não podia deixar que as coisas saíssem tanto de controle, pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

amor de Deus! Eu sabia a importância que ela dava ao sexo nas relações e seria totalmente errado da minha parte ceder ao meu desejo, fingindo atender o dela.

Eu era melhor que isso.

Mas nem tanto.

Se fosse não estaria abrindo a porta do meu apartamento, sem ao menos tê-la levado para jantar como o prometido.

— Sigo o plano original e peço massa? —
Digo ao fechar a porta.

Ela está parada, olhando para mim.

Bruna, no meio da minha sala, é como a materialização dos sonhos mais loucos que tive ao longo desse tempo em que estamos sem nos ver. Assustadoramente linda, sensual e perigosa.

— Prefiro ir direto para a sobremesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bruna...

— Yuri, sou adulta, não bebi e estou sendo sincera. Não é manipulação, é desejo. Líquido e quente, correndo nas minhas veias como há muito tempo não acontecia. Faz mais de um ano que eu não fico com ninguém... E o mais perto que eu tive de um orgasmo foi com aquela narração, na nossa primeira sessão. Pode, por favor, parar de pensar um pouco?

— Que análise mais sensata, quem é você?

— Estou achando que essa chatice terapêutica pega pelo ar! — Ela perturba e nós dois rimos. Muito.

— Desculpe. Aceita um copo de água, suco?

— Nada, obrigada. Sobre o que vamos conversar? Sobre sua profissão ou o que te levou a ela fará com que o clima fique pesado. Sobre a

PERIGOSAS ACHERON

minha vida e todas as merdas do meu passado também. Não pode me culpar por querer ir para a parte legal da noite.

Ela tem razão, claro. Tudo isso é complicado demais e deixar nossos corpos nos guiarem pode ser a melhor maneira. Posso, ao menos, dar uma significação aos nossos atos.

— Vamos dançar.

— Dançar? Olha só, solta o batidão DJ!

Ando até a mesa de centro e pego o notebook que está repousando ali. Digito na busca da minha playlist, *All Of Me* de John Legend, música que tem me feito companhia várias vezes durante os últimos dias. Quando a encontro, ativo o modo de repetição e aos primeiros acordes do piano, me aproximo dela, estendendo a mão.

Bruna sorri e aceita minha mão, nossos dedos se entrelaçam quando ela se levanta. O corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

dela se aproxima do meu, em um abraço. Minhas mãos se encontram em suas costas nuas, sentir sua pele quente sobre os meus dedos envia uma vibração desconhecida por todo o meu ser.

Por um momento ficamos ali, parados, enquanto a música envolve o espaço e a nós mesmos.

*O que eu faria sem a sua boca inteligente
Me atraindo, e você me afastando
Minha cabeça está girando, sério, eu não consigo
te decifrar
O que está acontecendo nessa mente linda?
Estou em sua jornada mágica e misteriosa
E eu estou tão tonto, não sei o que me atingiu, mas
eu ficarei bem*

Ao fim da primeira estrofe nós nos movemos tão lentamente que qualquer expectador

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acharia que estávamos parados. Em um passo nosso, nos sentimos e dançamos.

*Minha cabeça está debaixo de água
Mas eu estou respirando bem
Você está louca e eu estou fora de mim*

Minhas mãos ganham vida, percorrendo a pele a mostra pelo decote nas costas do vestido. Devagar, sinto a temperatura aumentar na ponta dos dedos. Bruna se aconchega em mim, virando o rosto para a curva do meu pescoço. Seus lábios depositam ali um beijo molhado e eu me arrepio inteiro em resposta a ele. Ela traça beijinhos desde a minha mandíbula até o meu queixo e eu permito que os meus dedos naveguem até sua bunda, acariciando de leve.

Ainda nos movemos devagar em nossa dança.

PERIGOSAS ACHERON

*Quantas vezes eu tenho que te dizer
Mesmo chorando você é linda
O mundo está te castigando, eu estou por perto
acompanhando tudo
Você é minha ruína, você é minha musa
Minha pior distração, meu ritmo e minha melodia
Eu não consigo parar de cantar, está tocando, em
minha mente para você*

É a vez dos dedos dela se moverem. E eles trabalham em sintonia, abrindo os botões da minha camisa. Ao completar o serviço, escorregam-na pelos meus ombros até que caia em qualquer parte do chão. Para seguir para próxima tarefa: abrir a calça. Em poucos segundos, tiro o sapato e as meias. E então, a peça se vai junto com a cueca.

Nós paramos de dançar. Ela olha o meu corpo. As mãos alisam o meu ombro e descem pelo meu peito até a barriga. Respiro fundo para não

surtar com o toque que desejei por vezes.

— Você é lindo... — ela diz antes de tocar a minha ereção.

— Você é maravilhosa, Bruna, e eu não preciso tirar sua roupa para constatar. Mas o farei porque preciso conhecer você inteira.

*Porque tudo de mim
Ama tudo de você
Ama as suas curvas e seus contornos
Todas as suas imperfeições perfeitas
Me dê tudo de você
Eu darei tudo de mim para você
Você é o meu fim e o meu começo
Mesmo quando eu perder estarei ganhando
Porque eu te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você
Me dá tudo de você*

Eu a viro de costas para mim e deposito um beijo em seu ombro esquerdo, antes de descer a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alça fina do vestido. Levanto seus cabelos e sinto a maciez da sua pele em meus lábios enquanto percorro o caminho até o ombro direito, repetindo o processo antes de baixar a segunda alça. Ela desvencilha os braços das alças e eu a dispo como um presente, com cuidado de quem deseja preservar a embalagem frágil.

Perco o fôlego ao encontrar sua bunda empinada vestida em uma pequena calcinha cor de vinho, que se perde entre as partes. A cor fica perfeita na pele morena. Eu a observo de costas com os cabelos cacheados e a bunda disputando a atenção dos meus olhos e não consigo dizer qual dos dois é o mais bonito.

Ela se vira, porque eu devo ter passado tempo demais apenas admirando-a, mas eu me perco novamente na dúvida sobre o que é mais bonito naquela mulher. Os seios dela são lindos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grandes e convidativos. Com o bico marrom como chocolate, entumecido e pronto para ser provado.

— Perfeita — exclamo a única palavra que vem em minha mente.

— Ainda estou de calcinha — ela faz graça.

— Detalhes — sorrio antes de estender novamente a mão para ela.

Eu a guio até meu quarto e enquanto ela tira a calcinha, pego preservativos e deixo no criado mudo.

— Nunca fiz nada com tanta calma — ela confessa, deitando na cama com a barriga para cima.

— Quer que eu apresse as coisas?

— Quero que me dê o que preciso...

— E o que você precisa, Bruna?

— Preciso de você, Yuri.

PERIGOSAS ACHERON

Ela abre as pernas e toda nossa lentidão dançante parece distante. Me posiciono entre elas, beijando sua boceta. Molhada, minha saliva se mistura a sua excitação, através da minha língua que explora os espaços.

Bruna levanta os quadris e flexiona os joelhos, pousando os pés no colchão. Suas mãos vão para o meu cabelo e puxam a minha cabeça para sua boceta, se esfregando contra meu rosto. Eu chupo e manipulo, acelerando cada vez mais os movimentos da minha boca e língua. Dois dedos se enfiam ali e escorregam, para dentro e para fora rapidamente.

— Isso... — Bruna geme, sorvendo o ar mais rapidamente. — Não pare!

Eu não paro, nem mesmo quando ela solta os meus cabelos, deixando suas mãos irem até os seios, apertando-os. Substituo minha boca pelos

dedos da outra mão, enquanto dois dedos da mão direita a fodem, outros quatro, da esquerda, masturbam seu clitóris em movimentos circulares, até que ela não aguento mais.

— Ahhhhhhhhhh — sinto as suas paredes internas apertando os meus dedos e só quando relaxam, eu paro de mexê-los.

Meu corpo inteiro reage ao orgasmo dela, em reverência. Meu próprio coração acelera e o meu pau fica mais excitado, pronto para se liberar. Dou um beijo rápido na boceta dela antes de me afastar para vestir a camisinha.

— Eu disse que sentaria no seu colo e é o que vou fazer agora — ela aponta a cama.

Eu sento, me encostando na cabeceira. Bruna passa a perna direita sobre mim e segura a minha ereção, posicionando-a em sua entrada. Quando ela escorrega, é impossível conter o

PERIGOSAS NACIONAIS

grunhido que escapa. A sensação de tê-la descendo no meu pau é indescritível. Sua carne se abre e me recebe, centímetro a centímetro, quente e macia.

Quando ela chega na metade, tira quase completamente e repete a tortura, só que mais depressa. E assim, ela me tem. Os cabelos balançando, bem como os seios, quando ela sobe e desce, repetidas vezes.

O prazer se alastra, incendiando desde os meus pés até o meu pau. Tudo se concentra ali, pulsando e vibrando. O sangue corre mais rápido, meu coração acelera e o abdômen se contrai, se preparando para expurgar todo o meu desejo.

Ela me encara, prende o olhar no meu e sente quando estou quase lá porque cessa os movimentos e sai do meu colo. Antes que eu consiga pensar, ela tira o preservativo e me masturba. Meu desejo se acumula e eu me contraio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bruna me coloca na boca e seus dedos e mãos continuam a me masturbar. Não consigo evitar, explodo em um gozo forte, ejaculando na boca dela.

— Bruna!

Suas mãos não param, nem sua boca e, por alguns segundos eu grito, e libero tudo que há em mim.



— Quando acordei e não te vi achei que era mais um sonho erótico... — Bruna aparece na sala vestindo uma camiseta minha. Eu poderia facilmente me acostumar com ela perambulando pela minha casa usando apenas uma camiseta. Ou nada.

Dormi por algumas horas e quando acordei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não consegui voltar a dormir. Por isso, levantei com cuidado para não acordar e decidi afastar as minhas inquietações com o trabalho.

— Não vai perguntar se foi melhor que o meu sonho? — Ela afasta os livros espalhados pelo sofá e se senta de frente para mim.

— Não — respondo calmamente fechando o livro que segurava.

— Isso que eu chamo de um homem que confia no seu taco — Bateu palmas — Ou seria pau? — Não contenho o riso.

— Não se trata disso... — Esclareço — apenas não sou o tipo de homem que necessita desse tipo de confirmação. — Ela me interrompe antes que eu conclua o pensamento.

— Que tipo de homem você é? — Ela pega o bloco de anotações e caneta e finge tomar nota. — Achei que os homens em geral apreciassem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comentários sobre a performance na cama.

— Acho que estou fora dessa curva — sorrio — não quero dizer com isso que eu não tenho os meus temores ou que me acho o deus do sexo. Apenas que quando estou no meu momento de intimidade, curto o momento e tento tornar a experiência boa para ambos.

— Desisto — ela larga o bloco — depois do seu relato eu quero me jogar nos seus braços e nunca mais sair. — As palavras dela fazem meu coração acelerar — Você é muito fofo!

— Fofo já é sacanagem — minha resposta arranca uma gargalhada dos seus lábios.

— Eu gosto de sacanagem — ela se inclina em minha direção e morde meu lábio inferior, mas se afasta antes que eu possa reagir— você é a dosagem necessária de que preciso: fofo, gostoso e bom de cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Aprecie sem moderação — faço piada e ela sorri.

— Moderação? Você está falando com a mulher que sofreu overdose medicamentosa — a naturalidade com a qual fala do fato, faz com que eu perceba que esse é um assunto superado. — É uma piada de humor negro, eu sei. Mas não podia perder a chance de fazer!

— Fico feliz que esteja bem.

— Eu diria que pronta para outra, mas eu temo que você analise o meu discurso e deduza, erroneamente, que estou em regressão.

— Eu não analiso as pessoas com que me relaciono.

— Estamos nos relacionando? — Arqueia a sobrancelha — conte-me mais sobre isso.

Meu despertador toca e me lembra que a minha vida, infelizmente, não se restringe ao meu
PERIGOSAS ACHERON

apartamento e a Bruna. Eu queria poder ignorar o mundo lá fora e fazer esse momento perdurar.

— Esse é o sinal para nos lembrar que precisávamos sair da nossa bolha?

— Infelizmente sim, eu preciso trabalhar — é bom saber que assim como eu, ela lamenta essa interferência.

— Alguém ter que ser o adulto da relação — perturbou.

— Eu queria poder passar mais tempo com você, mas se eu não chegar as sete em ponto na sala de aula meus alunos vão festejar achando que eu morri.

— Agora você dá aula?

— Sim, na USP.

— Quer dizer que você agora também arranca suspiros das universitárias? Primeiro seduz as suas pacientes, agora as alunas... Seu plano é PERIGOSAS ACHERON

dominar o mundo? — Sorri.

Sei perfeitamente que é para ser uma piada, mas não consigo conter aquela sensação que eu estou tentando ignorar. Talvez, ela nunca consiga me enxergar além do terapeuta.

— Eu preciso tomar banho ou vou acabar me atrasando — forço um sorriso.

— Eu falei algo que te chateou? — Ela deve ter percebido a minha mudança de humor.

— Não, relaxe, realmente preciso trabalhar.

— OK.

Caminho até o banheiro e agradeço por ela não me acompanhar, pois eu, provavelmente, acabaria despejando as minhas inquietações e aquele não era o momento ideal.

— Yuri — ela me chama antes que eu desapareça do seu campo de visão. — Sei que não importa para você, mas o meu retorno ao mundo

PERIGOSAS ACHERON

sexual não poderia ser melhor. Você fez valer cada segundo dessa longa espera.

— A recíproca é verdadeira — sorrio e respiro aliviado quando o sorriso surge nos seus lábios.



Yuri

*“Estou pensando em como
As pessoas se apaixonam de maneiras
misteriosas
Talvez apenas o toque de uma mão
Eu me apaixono por você a cada dia”
Thinking Out Loud – Ed Sheeran*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, Yuri — Cardoso senta e deposita a caneca fumegante na mesinha de centro.
— O que trouxe você aqui?

Deito no divã e fecho os olhos. Não era simplesmente falar, principalmente quando sei que o assunto que me levou até ali é um ponto delicado na minha vida.

— Não preciso lembrar a você que estamos em um ambiente neutro, onde você é convidado a despir as máscaras e revelar o que te aflige.

— Eu passei os últimos doze meses sendo comandado pela minha racionalidade. Estava fazendo o que era esperado que eu fizesse, mas nunca foi tão difícil seguir a razão quando a emoção dominava os meus sentidos e questionava as minhas escolhas.

— O que era esperado que você fizesse?

PERIGOSAS ACHERON

— Que eu fosse racional e ético.

— E você foi?

— Se considerarmos que a minha ética significou o rompimento definitivo com a Bruna, sim. Você tinha razão quando me fez enxergar que eu deveria colocar o bem-estar dela em primeiro lugar.

— Como se sentiu em relação a isso?

— Péssimo — confesso — eu não queria afastá-la de mim, eu estava disposto a correr todos os riscos que um envolvimento com uma paciente possivelmente acarretaria. — Abro os olhos e fixo a minha atenção no teto — Era o meu lado emocional afalando eu reconheço, mas parecia o certo a fazer.

— Por que não prosseguiu? — Indaga, de maneira firme.

— Porque eu não tinha certeza dos sentimentos dela por mim. Talvez para ela eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre seja o terapeuta que a auxiliou em um momento delicado da sua vida. Além do mais, eu não me sentiria bem em arrastá-la para esse caos, Bruna já tinha seus próprios monstros internos e não precisava dos meus.

— Você perguntou isso a ela?

— Não.

— Por quê?

— Eu temia por qualquer uma das suas respostas, fosse ela afirmativa ou negativa.

— E optou pela ignorância?

— O que você queria que eu fizesse? Que confessasse a minha paciente que estava perdidamente apaixonado, ao ponto de colocar em risco tudo que construí com esforço?

— Não era o que você queria fazer?

— Não era o correto a ser feito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem sempre escolhemos o que é correto, não é fácil.

— Eu, mais do que ninguém, sei disso. Lidei com as minhas escolhas e repeti diariamente que havia seguido pelo melhor caminho. Mas isso não aplacou os meus desejos. Eu continuava consciente da sua presença no meu ser e quando nos reencontramos... Os sentimentos me inundaram e me permiti, por uma única noite ser irracional — olho em sua direção e encontro uma expressão serena em seu rosto — Bruna sempre foi a minha escolha, todas as renúncias que fiz foi para poder um dia amá-la por inteiro.

— Como se sentiu nessa noite?

— Muito bem. Completo, eu poderia dizer, ou até mais feliz do que nunca. Mas pela manhã, uma frase simples me fez temer.

— Ter medo é normal, é inerente ao ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

humano e terapeutas são humanos, você sabe bem. Você disse que fez as renúncias para amar por inteiro, esse dia chegou?

— Eu estou mais do que pronto para tentar — confesso.

— E ela?

— Ela me quer, mas não sei se pelos mesmos motivos que a quero. Tenho inúmeras perguntas sem respostas.

— Uma conversa franca pode ser tudo que você precisa para sanar as suas dúvidas.

— E se nessa conversa eu perceber as reticências por trás da sua fala? E se eu constatar que para ela tudo isso não passou de uma aventura?

— Você não pode viver uma vida com base no *se*, Yuri.

— Eu sei disso, mas não é simples quando você teme a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não disse que era — ele sorri — mas não é mais difícil viver com as perguntas martelando na cabeça? O outro só tem a chance de sanar as nossas dúvidas quando perguntamos. Dê a ela a chance de responder as suas perguntas.

— Estou surpreso, esperei encontrar um ambiente hostil diante dessa situação. Você havia deixado claro a sua opinião sobre ela ser um problema...

— O papel de um terapeuta não é decidir pelo paciente, mas sim mostrar a ele as ferramentas necessárias para a resolução do seu problema. A decisão final é sempre dele, quer concordemos ou não, mesmo que se trate de um brilhante colega de profissão.

E esse é um dos motivos pelo qual eu sou apaixonado pela Psicologia. Somos fios condutores na resolução dos problemas. A nós cabe apenas

levar o paciente, a partir de questionamentos e ilações, a encontrar a chave mestra do problema, o que ele faria com isso era uma decisão exclusiva dele. Chegou a vez de aplicar essa máxima na minha vida pessoal.

Faria as minhas perguntas a Bruna e a partir delas pensaria no que fazer. O que eu não podia era viver com essa incógnita entre nós.

— Nosso horário chegou ao fim — ele olha para o relógio — podemos deixar marcado a nossa próxima sessão?

— Sim, por favor.

— Até breve, Yuri.

— Até, mestre — ele ri alto e eu caminho em direção a porta.

Saio do consultório mais aliviado, mas ainda tinha uma outra pessoa com quem eu preciso ser franco e é para ela que ligo enquanto ando até o

PERIGOSAS ACHERON

carro.



— Fiquei preocupada com a sua ligação —
Valquíria me recebe em seu consultório após
atender o último paciente. — E pela sua cara não
deve ser um bom assunto.

— Eu trouxe comida! — Eu havia passado
na confeitaria no caminho para cá.

— Por que eu tenho a sensação que você
está alimentando a fera para não ser devorado? —
Arqueia a sobancelha enquanto abre a embalagem.
— Brigadeiros trufados? — Leva um dos
brigadeiros inteiro a boca. — Você está perdoado
— fala com a boca ainda cheia — esse brigadeiro
isenta você de toda a culpa.

— Se é assim vou dar a meia volta e ir

embora — sorrio.

— Nada disso, você atiçou a minha curiosidade. Desembucha de uma vez!

— É com esse jeito doce que você fala com os seus pacientes?

— Não recordo de receber o seu pagamento — sorrio, ela me estuda por alguns segundos, Val é boa em analisar expressões faciais — você está diferente, com uma expressão mais relaxada, um sorriso genuíno nos lábios sem nenhum motivo aparente, também está sem os óculos. Quem é a eleita?

— Achei que a minha falta de pagamento me descredenciava de um possível paciente — sorrio.

— Chato! — Mostra a língua.

— Também amo você — ela assente enquanto devora mais um brigadeiro. — O motivo

que me trouxe até aqui é a Bruna.

— A sua Bruna?

— Ela não é minha...

— Não vamos ficar nesse jogo de palavras, doutor Yuri.

— Ok — pondero — Bruna e eu nos reencontramos recentemente e estamos nos conhecendo melhor.

— Yuri — seu tom sobe alguns decibéis — eu não posso ser a sua amiga e atender a sua namorada. É, no mínimo, conflito de interesse.

— Mas ela ainda não é minha namorada, oficialmente — ela me fuzila com o olhar — é por isso que estou aqui, queria ser o porta-voz da notícia e preparar o terreno.

— Você sabe que não tenho outra alternativa a não ser encerrar as sessões com a Bruna, não é? — assinto em concordância — mas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não precisa se preocupar que farei a transição para o novo terapeuta de forma gradativa.

— Obrigado.

— Nada disso, você me deve mais uma dezena de brigadeiros.

— Amanhã eles estarão na sua mesa.

— Modo terapeuta desativado... — ela levanta da sua cadeira e vem até perto de mim, sentando na mesa. — Quero saber dos detalhes sórdidos. Vocês transaram no seu consultório? Desde quando vocês estão juntos?

— Eu não vou satisfazer a sua curiosidade quando o assunto envolve terceiros.

— Estamos entre amigos e amigos compartilham confidências.

— Tecnicamente, a Bruna ainda é a sua paciente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tecnicamente, ela também era a sua e hoje vocês são um casal.

— A gente não transou no meu consultório — respondo de uma vez.

— Como assim!? — Exclama surpresa — não acredito que você não realizou a fantasia sexual mais recorrente em análises: o terapeuta que fode com o paciente no divã.

— Valquíria — repreendo.

— Yuri, *peloamor*! Se é para ir até o inferno, vamos de primeira classe — o seu comentário me arranca uma gargalhada. — Eu sei que você é um homem ético e racional, mas deve correr um sangue nas suas veias. Eu conheço a Bruna e ela é muito bonita. Vai dizer que não rolou nada enquanto você a atendia? Eu prometo que não perguntarei mais nada e jogarei essa conversa para o campo do esquecimento do meu cérebro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um beijo na nossa última sessão.

— Caralho! — Ela bate palmas, eufórica.

— Finalmente uma mancha na sua reputação ilibada.

— Você não deveria ficar feliz ao saber que seu amigo agiu em desacordo aos princípios éticos.

— Eu não deveria comer carboidratos — dá de ombros — além do mais, você é tão correto que chega a dar raiva, às vezes. Você está sempre agindo de forma racional, comportada e certinha... Às vezes a gente também precisa ligar o foda-se e acelerar.

— Que profundo isso — perturbo — depois você me envia o nome dos filósofos que pregam o foda-se como estilo de vida. Estou precisando me atualizar.

— Pode deixar que enviarei um compilado — ela sorri — agora vamos que ainda preciso pegar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu carro na oficina e depois seguir para o supermercado. Você poderia me dar uma carona?

— Claro. O que aconteceu com o seu carro?

— O que não aconteceu você quer dizer né?
O mecânico apresentou um prognóstico tão gigantesco que eu quase mandei acender uma vela de sétimo dia — gargalho — espero encontrá-lo vivo.

— Você não existe, Valquíria.

— Exatamente o que meu pai me falou quando eu contei o caso.

Minha amiga continuou contando a sua saga do carro a beira da morte durante o nosso trajeto. Estar ao lado da Val era sempre divertido, ela me transportava para a minha época de universitário onde os meus problemas pareciam mais fáceis de resolver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

“Se o outro não souber lidar com a sua intensidade não adianta se repartir em miniversões suas. Você é a sua primeira fonte de amor, se ame e se coloque em primeiro lugar. Se o outro, verdadeiramente, te amar será do jeito que você é,

PERIGOSAS ACHERON

com todas as suas exclamações”.

Essa poderia ser facilmente uma daquelas frases compartilhadas no Instagram sobre amor próprio, mas não é, se trata da resposta da minha terapeuta para o meu impasse em relação ao Yuri. Após eu compartilhar com ela que havia reencontrado uma pessoa do passado e que, mesmo após um longo tempo distante, os meus sentimentos continuavam os mesmos, mas estava com receio de agir.

Perdi as contas de quantas mensagens escrevi e não tive coragem de enviar, apagando letra por letra. Além dos áudios longos, eu falava e falava, e cancelava sem enviar ao destinatário. Isso sem falar nas respostas para as nossas conversas. Estava me podando ao ponto de ele me mandar um simples: “Bom dia, tudo bem?” e eu ponderar mil e uma respostas, mas acabar enviando apenas: “Tudo

ótimo, e você?”.

Essa não sou eu, a Bruna mandaria algo tipo “Melhor agora que você me mandou mensagem” acrescido de um emoji de diabinho. O problema era que eu estava com medo de compartilhar os meus sentimentos, com medo que ele recuasse diante do turbilhão que eu poderia ser. O cara é terapeuta, pelo amor de Deus!

Eu não estava sendo eu e ainda assim, estava correndo o risco de estragar tudo nessa minha versão *light* que não demonstra interesse. Eu já assumi essa versão antes e as coisas não terminarem bem para mim. Por isso, eu jogaria as cartas na mesa e revelaria como eu me sentia. Se não desse certo, paciência. Ao menos eu ficaria em paz comigo ao saber que ao menos tentei.

Quando ele surge no restaurante, no horário que enviei, não pude conter a inquietação. Eu havia

mandado uma mensagem direta convidando-o para jantar, informei o endereço e o horário e desliguei o celular sem esperar a confirmação. Era arriscado, mas essa sou eu.

Não desvio os olhos dele enquanto atravessa o extenso corredor até a mesa, reservada para dois, ao fundo do restaurante. Dessa vez, ele usa os óculos de grau que o deixa com um ar de *nerd sexy*. A calça jeans clara contrasta com a camisa de tecido azul marinho. A minha vontade é de correr em sua direção e me atirar em seus braços.

Meu cérebro executa uma parte da ação, eu estou de pé quando ele chega até mim.

— Você está bem? — Seu olhar encontra o meu, havia medo e outra coisa que eu não sabia identificar ali.

A minha capacidade de falar desaparece,

PERIGOSAS NACIONAIS

por isso balanço a cabeça em afirmação. E então deixamos nossos corpos falarem por nós, seus braços envolvem o meu corpo e eu me aninho em seu peito. Ficamos ali abraçados por alguns segundos.

— Senti a sua falta! — Dissemos quase ao mesmo tempo e sorrimos com a coincidência.

— Eu ia ligar para te convidar para jantar amanhã, mas você foi mais rápida — sorri e puxa a cadeira para eu me sentar à sua frente.

— Acho que tem um espaço na minha agenda, posso encaixar você — bebo a água gelada para aplacar o calor ocasionado pela sua presença.

— Ótimo! — Ele sorri. — Você está bebendo? — Ele olha para taça de vinho, pela metade, sobre a mesa.

— Dizem que faz bem para o coração. — Dou de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os cardiologistas recomendam um cálice por dia... — Concorda sorrindo.

— O que os psicólogos recomendam para o coração?

— Certamente a ausência de álcool. Bebida e coração não é uma combinação legal — sorri.

— Como vocês são caretas! — Rio alto.

— Não esqueça do metódico! — Faz menção a uma das nossas conversas.

— Você lembra de cada palavra que eu disse? — Arqueio a sobancelha.

— As relevantes, principalmente.

— Isso quer dizer que quando você olha para mim ainda vê a mulher que apareceu no seu consultório afundada em tristeza e problemas? — A sua resposta determinaria os próximos passos.

— Não, quando olho para você vejo uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher inteligente, sensível, bem-humorada... Alguém que eu convidaria para correr ao meu lado na Paulista e para dividir o açaí enquanto falamos qualquer bobagem — ele diz tudo isso com um sorriso imenso nos lábios e meu coração bobo acelera com as suas palavras.

— Nunca ninguém me elogiou sem citar o meu corpo como uma característica — constato.

— Eu não passei anos da minha vida estudando sobre a *psiqué* humana para resumir uma mulher ao seu corpo. Ele é apenas uma embalagem, o que me atrai em você vai além da sua aparência física.

— Espero que seja uma embalagem gostosa, pelo menos.

— Põe gostosa nisso! — Pisca para mim e o garçom chega com as nossas entradas, que eu havia pedido antes mesmo de o Yuri chegar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O resto da noite foi preenchida por sorrisos e conversas. Como, no nosso encontro anterior — uma semana antes — tínhamos nos restringido a beijos e abraços, dessa vez compartilhei com ele todos os momentos importantes da minha vida. Foi um resumo e tanto, mas revelei que através da terapia eu consegui fazer as pazes com a minha mãe e expressar a importância dela na minha vida. Assim como a conversa franca com o meu pai, que culminou numa mudança de postura dele e melhorou ainda mais a nossa relação. Até o ponto de virada na minha vida: a adoção de Jefinho.

— Sabe aquele papo de irmãos de alma? — Ele assente. — Eu sinto que eu conheço o Jefinho de outras vidas, não consigo imaginar mais a minha vida sem aquele pirralho.

— Além dos seus pais, agora tenho que temer pelo seu irmão mais novo? — Brinca.

PERIGOSAS ACHERON

— Está pensando em oficializar a nossa relação?

— Estou considerando todas as hipóteses — sorri — e um irmão ciumento é algo a ser considerado. Eu vi a forma como ele me olhou naquele dia.

— Aquela cara de marrento é apenas uma máscara, um dia ao seu lado e você se torna o melhor amigo dele.

— Estou contando com isso — ele ri.

Yuri olha para o relógio de pulso discretamente, mas o gesto não passa despercebido.

— Seus alunos te esperam pontualmente amanhã?

— Dessa vez não. Amanhã o meu dia inicia no consultório e finaliza com uma palestra no fim da tarde.

— Fiquei cansada só de ouvir — sorrio —

posso pedir a conta?

— Sim, mas antes quero te fazer uma pergunta que vem rondando os meus pensamentos — assinto — quem eu sou para você?

— Foi por isso que você ficou estranho logo após ficarmos?

— Sim, eu reconheço que deveria ter sentado e explicado para você que eu estava confuso. Mas eu não sabia como chegar para a mulher que eu estou apaixonado e dizer que a atração que ela sentia por mim era um possível fruto da projeção.

— Você disse apaixonado? — Não contendo o sorriso de felicidade.

— Sim — confessa e meu coração dá pulos de alegria. — O tempo que estivemos distantes foi uma tortura para mim. Eu acordava e o meu primeiro pensamento era você, as coisas não

mudaram — sorri — Eu queria saber como você estava, sentia saudades da sua voz. Tentei racionalizar os meus sentimentos, mas a cada vez que você surgia, passava por cima da minha racionalidade feito um rolo compressor. Sabe Bruna, eu não vou mentir e dizer que eu não desejei te esquecer. Querer você ia contra todos os meus princípios morais e éticos. Você era a minha paciente e ainda que a nossa aproximação fosse consensual, não era o correto a fazer. Por isso, eu cortei os nossos laços por completo. Mas se engana se acha que nesse período eu desejei menos você. Tudo que eu mais queria era que o tempo corresse para que eu pudesse te procurar sem o peso da culpa entre nós.

— Você não sabe como eu me esforcei para não aparecer na porta do seu consultório completamente nua! — Digo, de uma vez e ele arregala os olhos, surpreso. — Sim, eu sou capaz

PERIGOSAS ACHERON

disso e muito mais. Sou impulsiva, inconstante, intempestiva, intensa e tudo o mais que você já deve ter percebido, mas eu aprendi a respeitar o espaço do outro e, principalmente, a ser paciente. Eu sabia que não era tão fácil para você, eu pesquisei bastante sobre relação terapeuta-paciente e sabia que a minha aproximação poderia colocar você em risco. Então eu recuei e esperei. E durante esse tempo eu constatei que o homem que eu admirava e desejava não era o terapeuta. Foi ele que me conduziu até o Yuri-homem e é esse que quero ao meu lado. O homem inteligente, bom-ouvinte, o ombro amigo, aquele que faz meu corpo esquentar somente com o olhar. Quando eu olho para você não consigo deixar de pensar que o destino poderia ter nos aproximado em outra ocasião e aí tudo seria mais simples. Mas se fosse simples não seria o roteiro da minha vida — digo e ele sorri — eu não mudaria nenhuma linha de tudo

que vivi, porque mesmo tortas, elas me trouxeram até você e estou pronta para escrever um novo capítulo ao seu lado. Não estou querendo pressionar você ou nada do tipo, mas quero ter certeza que estamos na mesma frequência, entende?

Digo tudo de uma só vez, despejando os meus sentimentos sem medir as palavras ou sem imaginar o que ele poderia pensar. Sou sincera e exponho meu coração para ele. É quase como se tivessem tirado uma tonelada de cima das minhas costas, sinto-me mais leve.

— Você não faz ideia em como eu entendo — ele exhibe um sorriso enorme e acaricia a minha mão sobre a mesa — eu sei que a gente deveria ir mais devagar...

— Yuri, se a gente for mais devagar o Rubinho nos ultrapassará — perturbo e o meu comentário arranca uma gargalhada sua e eu me

junto ao som da sua risada.

— Você tem razão — conclui, sorrindo — sem reservas, sem análises, apenas eu e você.

— E todos os minutos de sexo atrasado que você me privou nesse tempo. — Acrescento.

— Então é melhor a gente correr atrás do prejuízo — acena para o garçom se aproximar — a conta rápido, por favor.

— Alguém está ansioso — estico minha perna, por baixo da mesa, até que ela alcance as dele. E movo meu pé, cariciando o seu pau com o meu pé. Ele me encara e eu continuo esfregando até senti-lo começar a enrijecer.

— Bruna... — A voz que deveria ter o tom de uma bronca, sai fraca.

O garçom se aproxima e o Yuri me encara, estreitando os olhos para me repreender. Esfrego um pouco mais e movo os dedos do meu pé,

PERIGOSAS NACIONAIS

apertando-o sobre a calça.

— Aqui está a conta, senhor.

Meu acompanhante está desconcertado com a situação e eu me divirto por vê-lo não ter o controle da situação.

— Pode ficar com o troco. — ele diz ao abrir a carteira rapidamente e retirar algumas cédulas.

— Tenham uma boa noite — o garçom se afasta e o meu pé também, até encontrar o salto no chão.

— Vamos? — Sorrio com uma falsa inocência.

— Para onde?

— Para o seu apartamento ou um motel.

— Você sabe que agora não estou em condições de ir para nenhum lugar nesse estado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sempre temos o banheiro para situações emergenciais.

— Eu não vou transar com você no banheiro do restaurante.

— Qual é o problema? Careta! — Mostro a língua. — Eu posso me esgueirar por debaixo da mesa e chupar o seu pau, se preferir. Eu me colocaria entre as suas pernas e abriria o zíper, seu pau saltaria na minha frente e eu abocanharia de vez até senti-lo fundo, depois eu usaria a minha língua e lamperia feito um pirulito. Meus dedos dedilhariam os seus testículos e, num movimento ritmado, mãos e línguas trabalhariam até você se derramar de prazer e quando isso acontecesse eu sorveria cada gota.

Eu poderia apostar que seu pau estava duro feito uma pedra nesse exato momento. O olhar dele faiscava de desejo, mas seu cérebro relutava e o

PERIGOSAS ACHERON

mantinha firme.

— Caralho, Bruna! O que você acabou de fazer é tortura — ele bebeu um grande gole de água. — A sua narração apenas serviu para piorar a situação.

— Eu diria melhorar. Então, qual das duas opções? Uma foda rápida no banheiro ou o oral embaixo da mesa?

— Nenhuma das possibilidades — ele respira fundo — só preciso de alguns minutos e tudo estará sob controle.

— Tem certeza? Eu posso garantir que o seu pau pensa o contrário.

— Bruna — me repreende.

— Eu estava apenas querendo ajudar

— De boa intenção, o inferno está cheio.

— Essa é a frase que a minha vó diria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que mais a sua vó diria? — Encaro-o sem entender o rumo da conversa — estou tentando pensar na sua avó repreendendo você por mal comportamento. Esse tipo de pensamento ajudará o meu cérebro a parar de enviar sangue para o meio das minhas pernas.

— Que sacrilégio usar a minha falecida avó para você brochar — sorrio.

— Sua avó, com toda a certeza, me perdoará. Afinal, ela sabe a neta que tem.

— Enquanto você pensa na minha vozinha e nas crianças da África morrendo de fome, vou retocar meu batom no banheiro. Se eu não aparecer em dois minutos, você pode ver o que aconteceu — me inclino sobre a mesa e lambo a sua boca.

— Você é um passaporte para o inferno — resmungo.

— Eu estou sendo boazinha, acredite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então vamos embora, antes que eu ceda aos seus caprichos.

— Estou conseguindo? — Indago, sorrindo.

— Não, mas só porque eu sou um homem racional.

— Você é um homem chato, isso sim. — Ele sorri — Mas eu sou obstinada e paciente. Em pouco tempo, arrancarei a racionalidade enraizada nas suas entranhas. Você não perde por esperar.

— Isso é um desafio? — Arqueia a sobancelha. — Eu gosto de desafios.

— Que vença o melhor, que no caso serei eu.

— Não cante vitória antes do tempo — ele me provoca.

— Cala a boca e vamos embora que você me deve orgasmos múltiplos.

PERIGOSAS ACHERON

— Será, literalmente, um prazer proporcioná-los a você.

— A gente poderia começar agora, por exemplo...

— Não comece, Bruna — levanta e estende a mão — vamos antes que você decida pôr em prática, mais uma vez, o seu plano de destruir a minha racionalidade.

— Vamos, senhor certinho — seguro a sua mão e caminhamos de mãos dadas — mas você sabe que água mole em pedra dura tanto bate até que fura, né?

— Também sei que quem cedo madruga, Deus ajuda. E ainda preciso desempenhar com louvor a minha missão de proporcionar prazer a senhorita e dormir para acordar disposto para enfrentar mais um dia.

— Em um ponto concordamos: a sua

PERIGOSAS NACIONAIS

missão é me proporcionar prazer.

— Espero passar com uma excelente média.

— Você é um bom aluno — perturbo — se continuar se esforçando, atingirá uma nota alta em breve.

— Antes que você perceba serei condecorado com medalhas de honra ao mérito pelo êxito na missão em te fazer feliz.

Não sei de quem era o maior sorriso, se o do rosto dele ou do meu que não desaparece nenhum minuto ao seu lado.

— Não esperava nada diferente vindo de você, doutor.

Nós seguimos em direção ao apartamento dele, que cumpriu com louvor, sua promessa. Adormeci satisfeita e muito, muito feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

- Família: ok.
- Bem-estar: ok.
- Sexo: ok.
- Festas: em andamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava feliz, afinal a minha vida estava voltando ao eixo. Faltava apenas riscar um item da minha lista imaginária e ele seria realizado hoje.

Depois de mais de um ano longe das noitadas, eu me sentia mais do que pronta para curtir uma festinha ao lado de velhos amigos.

Era como se reencontrar com a Bruna do passado. Eu queria expulsar todos os fantasmas e nada melhor do que provar, de uma vez por todas, que eu podia manter o controle das coisas num ambiente repleto de deliciosas tentações. Convidei Yuri para estar ao meu lado nesse retorno, mas ele alegou cansaço e trabalho e eu não insisti.

Minha mãe, como sempre, estava receosa com a minha exposição ao álcool. Eu entendia o seu temor, para ela a bebida poderia ser um passaporte para a regressão, mas eu não tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intenção de revisitar o passado dessa maneira, havia aprendido com os meus erros. Obviamente, estava longe de ser um exemplo de pessoa, entretanto eu estava vivendo um dia de cada vez e hoje eu queria ser a Bruna que reencontra os amigos.

Assim que o motorista do aplicativo de carros estaciona em frente à mansão dos pais da Diana, meu corpo reage em expectativa. A música convidativa vinda do interior da residência é o sinal de boas-vindas que eu precisava para entrar no clima.

O segurança na portaria me reconhece e a minha entrada ao paraíso é liberada. Do lado de fora, o clima já é de curtição. Avisto alguns rostos conhecidos, alguns dos quais cumprimento, mas há bastante gente que eu nunca vi na vida. A vadia havia informado que era uma reuniãozinha para

PERIGOSAS ACHERON

comemorar o seu regresso ao Brasil, mas o conceito dela de festa íntima era atrofiado, porque devem ter em torno de cinquenta pessoas apenas na área externa.

— Vadia! — Diana grita ao me ver e se joga nos meus braços.

— Que saudades que eu estava de você, sua vaca! — Constato e digo, sincera, abraçada a ela.

Diana havia retornado para o Brasil depois de uma temporada viajando pelo mundo. Segundo a minha amiga, ela precisa se encontrar e nada melhor do que uma viagem. Mas a verdade era que ela estava fugindo da pressão dos pais para assumir o império da família.

— Eu tentei te arrastar comigo, mas você preferiu a companhia da mamãe a desfrutar a vida ao meu lado.

— Que safada! — Sorrio. — Você me ligou

PERIGOSAS NACIONAIS

as onze da noite para embarcar as seis da manhã. Nem se eu quisesse conseguiria arrumar a mala em tempo hábil.

— Não importa! — Faz biquinho — Você poderia levar uma mala de mão e estourar o cartão de crédito do seu pai.

— Pelo visto a sua viagem foi um saco sem mim, né?

— Você não sabe o quanto sofri com sua ausência enquanto esquiava na Suíça ou enquanto eu fazia topless em Ibiza. Foi tanto sofrimento, mas tanto sofrimento que precisei ficar uns dias nas Ilhas Maldivas para me recuperar antes de retornar.

— Valeu mesmo... — Sorrio.

— *Tá*, eu realmente senti a sua falta — enlaça o braço ao meu — agora vem, quero te apresentar ao gato turco que conheci nas minhas andanças.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fala turco?

— Amor, de quatro falamos todos a mesma língua.

— Vadiane que chama né? — Gargalhamos e seguimos em busca do tal turco.

O homem, por sorte, falava inglês e era extremamente deslumbrante. A beleza dele faria você ficar horas e horas somente admirando-o. Para completar, o cara era bem-humorado, contador de história e carinhoso com a minha amiga. A julgar pelos olhares trocados e a mão dele acariciando a sua, enquanto ela falava, indicava que eles formavam um promissor casal.

Prometemos uma a outra que amanhã conversaríamos sobre as nossas vidas, hoje iríamos apenas nos divertir como nos velhos tempos. Entre uma dança e outra, e alguns goles de drinks, eu fui me lembrando por que eu amava tanto esse tipo de

PERIGOSAS ACHERON

ambiente.

Nas festas que eu frequentava as pessoas estavam apenas preocupadas com o seu prazer, ninguém estava ali para vigiar ou julgar, por isso era comum que a gente extravasasse sem pensar. Nesse exato momento, duas mulheres disputam um pau, as bocas delas se tocam na medida que tentam abocanhar o pau e o sortudo sorri plenamente feliz. Desvio o olhar sorrindo e penso que foi melhor Yuri não ter vindo ou ele acabaria chocado.

Minha amiga se afasta para dar atenção ao demais convidados e eu continuo meu drink enquanto me remexo os meus quadris ao som de Nicki Minaj.

*Oh, I get it
They paintin' me out to be the bad guy
Well, when's the last time you see a bad guy do
the rap game like me?*

PERIGOSAS NACIONAIS

*(Oh, eu entendi
Eles estão me colocando como a vilã
Bem, quando viram uma vilã dominar o jogo
do rap como eu?)*

É muito bom me sentir tão leve, me movo no ritmo da música e me deixo levar.

— Bruna? — Viro a cabeça em direção a voz masculina. É o Saulo.

— Oi, Saulo — diminuo o ritmo e paro de dançar.

— Eu demorei a reconhecer, mas quando você moveu a sua bunda linda na minha direção eu soube que essa *rabeta* só poderia ser sua — ele ri — você está a cada dia mais gostosa... — se inclina em minha direção e eu sinto o seu hálito de Whisky.

— Opa! — Levo a mão até o seu peito para impedir que ele se aproxime ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

—Desculpa, me empolguei, é a saudade —
sorri — desde quando está aqui em Sampa?

— Estou passando um tempo aqui — me
limito a responder.

— Finalmente se rendeu aos encantos
paulistas... — Insinua sorrindo. Saulo dá mais um
passo em minha direção e eu recuo.

— Foi bom te ver, mas já estou de saída —
tento passar por ele que impede a minha passagem
com o seu corpo forte.

— A noite mal começou, gata.

— Para mim, já terminou... Agora sai da
minha frente, por favor — peço, com calma.

— É assim que você trata um velho amigo?
Que falta de consideração... Em nome dos velhos
tempos quero te fazer um convite. Eu e os meus
amigos ali — indica com a cabeça três homens, eu
os olho e eles erguem os copos em minha direção,

num brinde — vamos estender noite na boate e elegemos você a nossa companhia. Todos nós, só para você...

Que babaca presunçoso.

Em outra ocasião, eu ficaria feliz com a ideia de desfrutar da companhia deles, mas hoje eles não me causam nada além de lisonja. Faz bem para o ego ter quatro gatos me paquerando, mas desejo de ir com eles? Nenhum.

— Valeu, mas não, obrigada.

— *Tá*, eu posso deixá-los de fora e ser apenas eu. Ainda consigo lembrar da sua boca no meu pau, Bruninha... E aí, topa?

— Não vai dar, Saulo.

— Ok, não vou insistir — ele se afasta para que eu possa passar sem tocá-lo. — Bruna? — Ele chama e eu paro, mas sem olhar para trás — se você encontrar a sua versão anterior, avisa a ela que

meus amigos estão doidos para conhecê-la.

Ele não pode ver o sorriso no meu rosto, mas ele está presente e é tão grande que sou capaz de acordar com dor no maxilar.

Era oficial a minha versão vadia ficou no passado.



— Bom dia, dorminhoca — digo animada quando minha amiga aparece na área externa para o seu café da manhã tardio.

Eu acabei dormindo na sua casa para que pudéssemos conversar após a festa, mas Diana demorou para encerrar e eu apaguei sozinha no quarto de hóspedes. Pela manhã, tomei café em uma casa totalmente limpa, sem resquícios da festa da noite anterior. Diana usa um robe preto, e pelos

PERIGOSAS NACIONAIS

seus passos lentos, deve estar sofrendo uma puta ressaca.

— Mais uma palavra nessa voz estridentemente feliz e eu afogo você na piscina, sua vadia — ela afunda na cadeira de sol — cada vez que eu acordo com ressaca, prometo nunca mais beber...

— Mas basta uma oportunidade e lá está você bebendo todos as Vodcas do mundo como se não houvesse amanhã — completo e ela sorri — é, eu sei exatamente como é.

— Você não parece mal.

— E não estou. Estou pronta para dar uma volta completa no Ibirapuera.

— Deus me *free*! Ainda está em abstinência?

— Não, apenas não preciso mais beber desesperadamente para me sentir feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É difícil acreditar nessas palavras saindo da sua boca.

— Eu posso imaginar.

— Vai, me atualiza da sua vida. Se o álcool não está entrando, imagino que um pau grande e grosso deve estar. De quem é o pau de ouro responsável por essa felicidade? — Gargalho.

— Realmente, não tenho do que reclamar do pau do Yuri — começo e acabo contando a respeito do meu namorado, omitindo os detalhes que ele foi meu terapeuta.

— Por que o Yuri não veio com você na festa? Está com medo de concorrência? — Arqueia a sobrancelha.

— Ele trabalha — digo, simplesmente.

— Alguém do nosso meio trabalha?

— Nossos pais — pontuo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles são velhos! — Rebate — Olhe para nós, não precisamos trabalhar. A única coisa que faria a gente trabalhar é se a nossa existência dependesse disso. Mas ainda assim... — Gargalha e depois põe a mão nas têmporas. — Ou o tal Yuri é do tipo que acredita que o trabalho dignifica o homem?

— Muito provável... — não comento que ele não faz parte do nosso nível social.

Diana tinha razão em relação ao fato de eu jamais ter precisado trabalhar Dinheiro nunca foi um problema na minha família. Todavia, isso não deveria significar que eu jamais optaria em fazer isso. A Valquíria, minha terapeuta, me ajudou a compreender que somos várias partes de um todo. E são essas partes unidas que nos dão a sensação de completude.

Eu não tinha do que reclamar, a minha

PERIGOSAS ACHERON

família me rodeava de amor e proteção, o Yuri era um companheiro incrível na cama e fora dela. Mas eu ainda sentia que faltava algo... Um ofício. Algo para preencher a minha mente fantasiosa.

É isso!

A minha mãe ama o seu trabalho e isso não tem nada a ver com o dinheiro. Assim como o meu pai, que se dedicava integralmente a sua vida política e de empresário. Eles se sentiam completos com isso. Tenho amigos ricos que usam o seu dinheiro para gerar mais dinheiro, sejam como sócios de empresas, donos de casas noturnas, franquias alimentícias ou qualquer outro ramo rentável.

Eu só preciso encontrar algo que me complete e preencha o meu dia. Pois, como dizia a minha avó: mente vazia é oficina do diabo.

— *Hello!* Bruna? — Diana faz sinais com a

mão na minha frente.

— Foi mal, viajei — sorrio.

— Espero que para o continente europeu. Tem tanto lugar ainda para a gente conhecer! Vamos fazer um roteiro? Começando pelas ilhas... Tem tantas no mundo, queria conhecer todas!

— Você acabou de voltar de viagem — aponto o detalhe.

— E daí? Mais um motivo para planejar as próximas. Eu vou te contar tudo que vivi nesses meses e aposto que você vai se animar e correr para arrumar a mala.

Ela me atualizou sobre as suas aventuras, incluindo os mínimos detalhes. Falou sobre o ménage com dois italianos, a festa translouca em Amsterdã que terminou com a chegada da polícia, as noitadas nas melhores baladas de Madrid e várias outras.

PERIGOSAS NACIONAIS

Diana era uma excelente contadora de histórias, o que fazia que um simples esbarrão no saguão do aeroporto se transformasse em roteiro de novela das nove, cheia de tramas e significados. Entre um gole de suco e outro, ouvi minha amiga falar animada e não pude deixar de ficar feliz em saber que, pelo menos uma de nós estava se divertindo nos últimos meses.

Também compartilhei a minha vida, contando o que tinha acontecido nesse tempo em que ela esteve ausente, sob as suas acusações, em tom de brincadeira, que a minha vida estava tediosa demais.

— Quer dizer que Olga está tentando comprar o seu lugar no céu?

— O que você quer dizer com isso? —
Cruzo as pernas e aguardo a resposta.

— O garoto pobretão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tem nome — digo, entredentes.

— *Tá* — dá de ombros — como é o nome dele mesmo? Zezinho...

— Jefinho.

— Isso — ela gargalha — mal consigo acreditar que você o cheirou aquele dia, ele estava imundo! — Observo-a ser cruel — mas voltando, está mais do que óbvio que ela adotou o pé rapado para ficar bem com você.

— Não, não está nada claro — rebato — você ouviu tudo que eu falei nos últimos minutos? Ele estava em situação de risco!

— Sim e por isso mesmo me espanta que você esteja feliz com isso. Além de ter um menino que você mal sabe a descendência dentro da sua casa, tem o fato de que você agora terá alguém para dividir a sua herança. Por sorte, seus pais são separados e você apenas perderá uma parte...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não acredito que depois de ouvir tudo que eu contei sobre o meu irmão e como tê-lo comigo ressignificou a minha existência, você abre a sua boca para falar de herança? — digo, irritada — A equação é outra. Meu irmão chegou para somar, para acrescentar cor aos meus dias e compartilhar comigo o amor da Olga.

— Estou sendo racional por você — ela se defende — hoje ele é agradecido por vocês terem tirado ele da mãe pobre, mas amanhã ele pode exigir o mesmo percentual de dinheiro que você tem direito. Se bem que ele não é seu irmão, tecnicamente... Talvez, haja uma brecha na lei.

— Tecnicamente você é uma patricinha esnobe do caralho! — Rosno — E ninguém sai gritando aos quatros cantos isso. — Ela me encara com os olhos azuis arregalados e abre a boca para falar, mas nenhuma palavra sai dos seus lábios —

eu não vou permitir que você continue falando do mal do meu irmão! Sim, meu *irmão* Diana.

— Eu.... — Gagueja — Você... Você acabou de me insultar na minha casa!

— E não me arrependo — ela destina um olhar mortal em minha direção — você não agiu como uma amiga, Diana. Você deveria ficar feliz com a minha felicidade ou ao menos fingir que se importa com o meu bem-estar.

— E que tipo de amiga é você? Ah, já sei: o tipo que ofende gratuitamente a outra por alguém que acabou de conhecer?

— Ofender gratuitamente? — Sorrio amargamente — Você parou para pensar que as suas palavras poderiam me machucar? Você estava falando do meu irmão. E não vou permitir que você nem ninguém fale mal dele.

— O que vai fazer? Vai xingar a todos que

PERIGOSAS NACIONAIS

o tratarem mal? Porque é isso que vai acontecer. A notícia irá correr e todos saberão que a sua mãe adotou um trombadinha. E ainda que vocês o vistam com as melhores roupas e paguem os melhores professores, ele continuará sendo quem é. Ele não é do nosso mundo, Bruna. Ele jamais será.

— Você tem razão! Ele não pertence ao nosso mundo. Jefinho jamais pertenceria a um mundo de pessoas vazias e pobres de amor. Ele é generoso, amoroso, afável, educado e íntegro. Todas essas coisas que dinheiro algum pode comprar — uma lágrima solitária rola pelo meu rosto — e se as pessoas com as quais eu me relaciono são incapazes de tratá-lo com o respeito que ele merece, são elas as dispensáveis na minha vida.

Fico de pé e retiro o colar que ela trouxe de presente para mim, depositando na mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E só para não restar dúvidas, você está inclusa nelas.

Não espero a sua reação, corro para sair dali. Meu coração está apertado de tristeza e raiva. Como passei tanto tempo com pessoas desse tipo? Que tipo de pessoa eu era que não enxergava esse tipo de atitude?

Não importa, eu brigaria com deus e o mundo para defender as pessoas que eu amo.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Faz três dias que eu não vejo a Bruna e já parece uma eternidade. Mantemos o contato diário por telefone, mas não parece o suficiente. Eu não via a hora das férias chegarem para eu finalmente poder curtir a sua companhia sem o relógio

PERIGOSAS ACHERON

cronometrando os minutos.

Além da jornada exaustiva do professor substituto, tinha o consultório. Para completar havia um novo paciente que estava me tirando o sono. Quando ele chegou no meu consultório com o laudo do seu psiquiatra atestando que possuía mitomania eu sabia que estava diante de um grande desafio. A mitomania, também conhecida como mentira patológica é a tendência duradoura e incontrolável para a mentira.

Todos nós contamos algumas mentiras ao longo do dia, é o que nós psicólogos chamamos de mentiras inofensivas. Se uma amiga que você não reencontra há anos pergunta a você o que achou do novo corte de cabelo dela e você diz que está bonito, quando na verdade não o considera, você acabou de mentir, mas uma mentira inofensiva que não acarretará consequências para você e para os

que te cercam. Já o mitômano é aquela pessoa que mente compulsivamente, sejam pequenas mentiras inofensivas até histórias mirabolantes e extremamente detalhadas. Há mentirosos crônicos que simulam vários sintomas e doenças sem qualquer remorso. A mentira para eles é algo tão natural quanto respirar.

O que torna o tratamento bastante complicado, pois o mentiroso patológico nunca acha que está doente. Segundo meu paciente, o diagnóstico do psiquiatra foi realizado com o intuito de prejudicá-lo já que ele estava concorrendo a um posto maior no seu trabalho e o médico estava fazendo isso para favorecer o seu concorrente direto. A sua fantasia sobre esse fato era repleta de detalhes que incluía desde o fato do seu colega de trabalho seguir o psiquiatra nas redes sociais até o prognóstico do médico baseado em sua vida com apenas quarenta minutos de sessão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos esses elementos eram fantasiosos, ele estava negando o problema e inventando ainda mais mentiras.

Questionado sobre a mentira na sua vida, ele reagiu com palavrões e me acusou de taxá-lo como mentiroso patológico com base no papel do psiquiatra fajuto, nas palavras dele. Ele abandonou o consultório irritado e retornou na semana seguinte com a desculpa que tinha acabado de perder a avó naquele dia e estava emocionalmente instável. Mais uma mentira sua, que eu viria a descobrir algum tempo depois, graças a sua esposa.

Ela havia participado de uma sessão, por pedido dele, para atestar a sua mentira, mas ela não só o desmentiu como revelou que as mentiras dele estavam afetando todos ao seu redor. A mulher não tinha mais confiança nele e estava cansada de viver ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

A ficha finalmente havia caído para ele que aceitou o tratamento e passou a seguir as orientações do psiquiatra e as minhas. Ele parecia disposto a mudar para não perder a esposa. A questão é que para um mentiroso crônico reconhecer que precisa de ajuda é descobrir os reais motivos pelos quais ele mente, isso seria volta para dentro de si e trazer à tona tudo que ele encobriu por anos com mentiras.

De todo modo, aconselhei a sua esposa a procurar um terapeuta, afinal as mentiras do seu marido acabaram interferindo diretamente na sua vida e no círculo social dela, recomendei a Valquíria e ela já havia comparecido a primeira sessão.

Por isso, recebi com alegria a ligação da Val para jantarmos hoje à noite. Estava precisando sair para me distrair e minha amiga era uma boa

companhia.

A primeira parte do nosso jantar foi dedicada a falar do nosso trabalho. Era mais forte que nós. Engana-se quem pensa que o terapeuta só trabalha dentro do consultório, a gente sempre está estudando e discutindo novas estratégias para tornar o nosso trabalho o mais completo possível.

Depois, seguimos o nosso fluxo natural. Falamos bobagens e implicamos um com o outro como naturalmente fazíamos desde a época da faculdade. Para ela eu era o engomadinho, educado e racional e para mim ela sempre foi, e continua sendo, a sonhadora, a idealista, a mente brilhante e tagarela que encontrou na Psicologia uma forma de unir todas essas características em prol do bem-estar do outro. Noventa por cento do seu tempo, Val passa ouvindo os outros, nos outros dez ela está falando, questionando, brigando e exigindo respeito

às minorias. Eu admiro muito a sua força.

— A gente poderia chutar o balde e passar na *gelateria* da Paulista. Eles têm um sorvete de doce de leite com calda tripla de chocolate que é de chorar de tão saboroso.

— Ainda cabe algo nessa sua barriga?

— Amor, ainda tem espaço de sobra — ela diz com um enorme sorriso — por favor, vamos! É o mais novo *point* badalado da cidade, repleto de gente de todos os tipos, você pode estudar novos tipos de humanos — perturba.

— Eu costumo cobrar por isso! — perturbo — Além do mais, já são nove e quarenta e amanhã ainda é dia útil.

— Uma hora de sono a menos não deixaria você menos apto.

— Você sabia que uma hora de sono a menos e as nossas terminações nervosas não tem

tempo suficiente para se...

— Você sabia que você é chato quando prefere falar de terminações nervosas a falar da delícia cremosa que é o sorvete?

— Ok, você venceu! — Bate palmas, animada. — Vou pedir a conta e vamos.

Ergo a cabeça para chamar o garçom e, nesse exato momento, avisto Bruna. Fico na dúvida se não se trata de uma reprodução dos meus pensamentos caminhando em minha direção. Os peitos dispostos em uma mini blusa roubam a minha atenção e eu não penso em mais nada que não seja as minhas mãos e a minha boca os tocando e beijando até arrancar dela o som estridente do prazer.

Mas sua marcha chega ao fim e sua voz me traz para a realidade.

— Então esse é o motivo pelo qual você

anda tão ocupado? — Demoro alguns segundos para compreender o que ela havia acabado de dizer — você não vai tentar se defender? — A sua voz contém um som estridente, mas não de prazer. Ela está irritada. Bruna parou alguns centímetros atrás de Valquíria, que permanecia calmamente sentada, se ela se aproximasse veria que a mulher ao meu lado era a sua terapeuta e eu poderia explicar que era minha amiga.

— Bruna, não é nada do que você está pensando.

— Péssima escolha de palavras, doutor! — Ela rebate. — Você não tem tempo para mim nos últimos dias, mas tem tempo para essa aí? Quem é ela? — As pessoas ao nosso redor já esticam o pescoço, curiosas, interessadas no desenrolar da possível confusão.

— Bruna, sente aqui para que possamos

conversar como pessoas civilizadas... — Peço, com a voz calma.

— Eu não vou sentar entre vocês! — Brada, feito criança malcomportada.

— Você está criando uma cena...

— Estou? — Arqueia a sobrancelha sorrindo — Sou ótima em criar cenas doutor. Mas em nenhuma delas eu me imagino sentando entre você e outra mulher, jantando de forma educada. O que você pensou? Que eu jamais descobriria o seu caso ou que no dia que eu descobrisse eu agisse de forma adulta? Essa não sou eu!

— E você, por acaso, sabe quem eu sou? Eu sinto muito se não sigo o *script* dos homens que passaram pela sua vida. Não busque em mim indícios deles ou vai acabar se decepcionando novamente.

— Agora você vai jogar na minha cara os

meus relacionamentos fracassados?

— Chega! — Minha amiga se levanta e noto o reconhecimento surgir nos olhos de Bruna.
— Vocês têm muito o que conversar e não precisa da interferência de ninguém. Por isso, aconselho que baixem o tom de voz, ninguém precisa ser telespectador dessa D.R — ela pega a bolsa, mas Bruna impede a sua passagem.

— Você! Como assim? Vai embora sem dar nenhuma explicação?

— Eu não te devo explicações — Valquíria responde em tom firme, olhando Bruna nos olhos — mas se você quer saber o motivo pelo qual Yuri e eu estamos jantando, recomendo que volte algumas casas e faça a pergunta de maneira correta e educada. Agora me dê licença que eu tenho um sorvete para saborear.

Valquíria toca no meu ombro, em um gesto

PERIGOSAS NACIONAIS

que me parece pedir paciência, e se vai, nos deixando a sós.

— Você me deve uma explicação, agora! — Exige — Por que encontrei a minha terapeuta jantando com você logo após ela informar que precisará encerrar as nossas sessões?

— Será que você pode sentar para conversarmos ou pretende continuar de pé atraindo os holofotes? Porque se preferir a segunda opção você falará com a cadeira vazia — informo e, contrariada, ela se senta na cadeira que antes Val ocupava.

— Desde quando vocês estão juntos? — Ela lança a pergunta rapidamente.

— Há muito tempo — sou sincero e noto ela apertar uma mão contra a outra — a Valquíria é minha melhor amiga desde a faculdade. E...

— Apenas amiga?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei exatamente qual é o seu conceito de amizade, mas no meu, amigo é alguém que a gente escolhe para compartilhar a vida, nos melhores e piores momentos. É alguém que você admira, sai para jantar e conversar. Então se você quer saber se ela é *apenas* uma amiga, lamento te dizer que não. Val é mais que *apenas* amiga, é uma irmã para mim.

— Por que você nunca me falou dela?

— Pelo mesmo motivo que eu me mantive afastado de você nos últimos meses: pelo seu bem. Eu a indiquei porque confiava na capacidade profissional dela e acertei em cheio, não é? O fato dela ser a minha melhor amiga e atender você enquanto é minha namorada não é permitido. Chega a ser quase tão grave quanto o envolvimento amoroso terapeuta-paciente. Foi apenas por esse motivo que eu ainda não tinha compartilhado com

você... Estava esperando que a sua transição para outro terapeuta ocorresse. Já tinha até planejando um jantar para apresentá-las oficialmente.

— Eu não sabia...

— Eu sei, mas preferiu me condenar antes de me dar chance de defesa.

— Eu estava furiosa. O que os meus olhos conseguiam enxergar era o homem que eu amo com outra mulher e isso me cegou...

— Vai ser sempre assim? Cada vez que você me ver na companhia de uma mulher você agirá de forma tempestuosa?

— Eu não tinha como adivinhar que ela era a sua amiga — ela se defende.

— A questão não é essa, Bruna — explico, calmamente — hoje foi a Val, amanhã pode ser uma prima ou uma colega de trabalho e você poderá me garantir que não agirá da mesma forma?

Ou precisarei temer que o furacão Bruna apareça e destrua tudo ao seu redor?

— Me perdoa — ela estica a mão e toca a minha mão sobre a mesa — eu sei que eu tenho um jeito torto de amar e, às vezes, sou insegura e acabo sufocando o outro com esse amor que eu não sei equilibrar. Mas eu não faço de forma intencional, entende? — Assinto com a cabeça. — Você não vai me dizer nada?

— Eu quero muito que a gente dê certo, Bruna... — Começo e duas lágrimas rolam por seu rosto. Estico-me e as seco — Mas para isso acontecer é preciso que confiemos um no outro e isso é difícil, reconheço. Ou você acha que eu não senti ciúmes quando você saiu sozinha para uma festa com as amigas? Ou quando a gente sai para jantar e o cara da mesa ao lado não para de secar você com os olhos? Sentir ciúmes é natural, o que

PERIGOSAS NACIONAIS

não pode acontecer é a gente permitir que eles deturpem a nossa visão. E sabe o que vejo quando olho para você? — ela nega — a mulher por quem me apaixono cada dia mais e que escolheu estar ao meu lado. E isso já é o suficiente para eu ficar tranquilo.

— Eu também confio em você, mas... — a essa altura ela chora copiosamente — eu tenho os meus medos, você pode conhecer alguém melhor que eu. Ela pode ser uma mulher sem traumas e você irá perceber que perdeu tempo comigo.

— Achei que você já tivesse entendido isso — toco seu rosto para que ela olhe nos meus olhos — eu quero você Bruna, apenas você.

— Por quanto tempo?

— Amor não tem prazo de validade.

— Você também não pode prometer amor eterno...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está percebendo? Estamos andando em círculos porque você se recusa a acreditar que eu amo você. O seu medo de ser rejeitada impede que você se entregue por completo. Eu não posso apagar o seu passado, Bruna, mas posso te prometer um futuro repleto de amor. Isso depende apenas de você. Eu não estou pedindo que confie em mim sem reservas, muito menos que me ame na mesma proporção que a amo... Apenas quero você esteja livre das amarras do passado para construirmos a nossa história, da nossa maneira.

— Me perdoa por não ser perfeita... — ela esconde o rosto com as mãos e continua chorando.

— Pessoal, peço um minuto da atenção de vocês — levanto e tilinto o garfo na taça, para chamar a atenção. As pessoas viram em minha direção — eu estou tentando convencer a mulher que eu amo que ela é única na minha vida. E depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de repetir diversas vezes para ela, resolvi externar para vocês o meu amor. Então, eu queria deixar registrado em alto e bom tom que eu, Yuri Martins, amo Bruna Moura Lunardelli e continuarei amando-a dia após dia e espero que ela se dê conta desse amor muito em breve.

Declaro, com toda a sinceridade do meu coração. Se ela precisava de demonstrações maiores de afeto, eu daria. Duas mulheres batem palmas e outras palmas juntaram as suas, em seguida. Eu jamais imaginei que um dia teria coragem de externar o meu amor em público dessa maneira, mas estou disposto a lutar pela Bruna, mesmo que para isso eu precise recorrer, com mais frequência, ao meu lado emocional.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

*“Dessa vez, eu vou pensar só em nós
E o que eu errei, prometo nunca mais errar
E se você perdoar o nosso amor
Os nossos sonhos podem se realizar”
Solução – Um44k*

Poucas vezes na minha vida eu fiquei sem reação e essa foi uma delas. Yuri havia acabado de confessar que me amava. Essa foi a declaração de amor mais tórrida que recebi e dessa vez ela não foi feita entre quatro paredes. Ele estava falando em alto e bom tom que me amava com meus defeitos e qualidades.

O que saiu dos seus doces lábios foram muito mais do que palavras e promessas vazias, ele havia dito com todas as letras que me amava e na frente de dezenas de pessoas. Como se para não restar dúvidas do seu amor, ele resolveu fazer isso na frente de testemunhas.

Esse fato deu um significado especial a sua declaração. Primeiro, porque eu sabia o quanto era difícil para ele deixar a discrição de lado e agir assim. Ele estava sempre ponderando, analisando, pensando para só depois agir. Entretanto, dessa vez

ele revelou um lado passional e emotivo que conquistou ainda mais o meu coração. Em segundo lugar, a partir daquele momento rompíamos a bolha de terapeuta-paciente e tornávamos duas pessoas comuns que se amavam.

— Se você não o beijar, eu beijo! — Uma voz feminina desperta os meus sentidos. Olho em direção a voz e encontro uma mulher de meia idade sorrindo — Não acredito que você vai ficar só olhando — ela insiste.

— Eu estou quase aceitando a oferta dela — Yuri sorri e meu coração erra o compasso.

— Eu lamento, mas terei que fazer esse esforço — levanto e me atiro contra ele, que me segura firme. Ainda que tudo dentro de mim estivesse desorganizado, nos seus braços eu me sentia segura.

Yuri segurou a minha nuca, puxando-me

ainda mais para si. Durante alguns minutos, saboreamos uma ao outro com a delicadeza e calma de quem tem uma vida pela frente para se descobrir. As minhas mãos enredaram-se nos seus cabelos. Sob aplausos e assobios, interrompemos o nosso beijo.

— Eu te amo — digo sorrindo, o rosto ainda próximo ao seu — e prometo... — Yuri me silencia com um selinho nos lábios.

— Não precisa prometer nada, além do seu amor.

— Eu acho que posso fazer isso... — Sorrio.

— Eu sei que pode!

— Vamos? — Chamo, ansiosa para sair daquele espaço. Estávamos sendo o centro das atenções ainda.

Ele sorri e chama o garçom para pedir a conta, enquanto isso vou ao encontro duas colegas

PERIGOSAS NACIONAIS

com as quais havia saído para jantar. Desde que eu o avistei, não consegui mais pensar em nada, cega de raiva por achar que estava sendo trocada, mais uma vez. Precisava me desculpar com as meninas e, na primeira oportunidade, com a Valquíria.



— Está entregue! — Yuri diz, quando o carro para em frente a casa da minha mãe.

Quando ele perguntou para onde eu queria ir, não hesitei. Se a gente estava disposto a escrever um novo capítulo da nossa história, eu queria dividir com ele mais da minha vida, uma parte que eu não compartilhava com ninguém.

— Eu quero que você venha comigo, tenho algo para te mostrar.

— Tem? — Arqueia a sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, no meu quarto.

— Sua mãe e seu irmão... — hesita — esse não é o horário indicado para receber visitas.

— Eles estão no décimo sono — solto o cinto de segurança que ainda o protegia — além do mais, você está pressupondo que o meu convite seja com segundas intenções...

— E não é? — Ele sorri e meu coração me lembra que esse homem consegue me aquecer com um simples sorriso.

— Por incrível que pareça, não — sorrio de volta — mas não me oponho em alterar os planos — insinuo e ele sorri mais uma vez.

— Vamos manter os planos iniciais, por ora.

— Gosto desse por ora. Isso significa que você está disposto a mais.

— Com você? Sempre!

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos, antes que desista dessa ideia idiota de conversarmos e pule para o sexo de reconciliação — ele sorri e desce do carro para abrir a porta para mim.

Subimos as escadas tentando fazer o mínimo de barulho possível. Andamos até o meu quarto e eu fecho a porta com cuidado.

— Preciso providenciar a chave, com urgência — resmungo.

Eu havia acostumado com a ausência da chave, mas agora com Yuri no meu quarto e todas as possibilidades ela se tornava essencial.

— Agora me sinto mais seguro — perturba.

— Esqueci completamente desse detalhe, mas não se preocupe não seremos interrompidos — ando até o guarda-roupa e retiro uma caixa que eu mantenho escondida em meio as roupas. Coloco a caixa sobre a cama e sento de frente para ela. Yuri

se senta de frente para mim.

— Esses são alguns dos meus diários — retiro alguns cadernos da caixa. — Uma boa parte da minha vida está aqui — folheio, aleatoriamente, algumas páginas e entrego para ele — essas linhas escritas dizem mais sobre mim do que qualquer coisa que eu poderia contar, sinta-se à vontade para explorar.

— Eu não quero saber nada além do que você queira compartilhar — ele devolve o caderno a caixa.

— Eu sei que parece infantil uma mulher da minha idade manter um diário, mas essa sou eu — dou de ombros — no início, escrever era um ato libertador, quando eu colocava no papel os meus pensamentos mais primitivos, eu não me sentia julgada ou amordaçada. Neles, você vai encontrar desde o dia que substituí o shampoo da minha mãe

PERIGOSAS NACIONAIS

por tinta verde até o dia que fui pedida em namoro pela primeira vez. Encontrei nas palavras uma válvula de escape. A cada linha escrita eu me sinto mais segura e tento compreender o meu mundo por meio dela. Você tem um caderno exclusivo — informo e ele me encara — não, não é o que você está pensando.

— Eu não estou te analisando, Bruna — sorri.

— Sei lá. Vai que você ache que eu criei uma espécie de caderno obscuros sobre você — ele gargalha — eu dediquei um caderno porque não sabia onde encaixar você na minha vida. Comecei a escrever sobre você, na verdade sobre nós, depois que nos encontramos na Paulista. No seu caderno tem desde os motivos pelos quais eu devia te odiar até contos eróticos onde você é o personagem principal.

PERIGOSAS ACHERON

— Você escreveu contos eróticos?

— Sim, eu tive muito tempo para fantasiar com você e decidi colocar isso no papel, era uma forma de manter você por perto. Nos meus textos você já foi o terapeuta dominador, o atleta da paulista, o *nerd* virgem... Em todos eles você era tão foda quanto é na realidade.

— Fico feliz em corresponder às expectativas.

— Mas sabe o que tem, mais no meu diário sobre você? — Nega com a cabeça — admiração, amor, felicidade, lealdade. Eu olho para você e penso em como podemos ser de dois mundos diferentes e ainda nos darmos tão bem. Eu tenho muitos medos e eles estão todos expostos nesses cadernos, e o maior deles é que jamais fosse amada profundamente. E quando eu encontro esse amor o que faço? Eu surto, porque eu começo achar que eu

não mereço ser amada. Não por alguém que coloca os seus desejos de lado pela minha felicidade. Não por alguém que, em meio a uma crise de ciúmes, se senta comigo e conversa sobre meus sentimentos. Você é perfeito demais para mim, eu reconheço.

— Eu não sou perfeito, Bruna.

— Você é mais do que eu mereço, Yuri — ele abre a boca para protestar, mas eu não permito que fale — você é um homem cheio de virtudes. Mas ainda assim eu sou egoísta o suficiente para ficar feliz em ser a destinatária do seu amor.

— O amor não é merecimento ou você acha que eu mereço você? Eu também tenho os meus medos. Olho para você e temo não corresponder a toda a sua intensidade. Eu não sou um homem inexperiente, mas a minha bagagem sexual é pífia perto de tudo que você já viveu em tão poucos anos. Às vezes, bate a insegurança e eu penso: ela

PERIGOSAS NACIONAIS

é muita areia para o meu caminhão. E sabe o que eu imagino em resposta nessas horas? — Balanço a cabeça em negação — Que eu posso dar duas ou muito mais viagens.

— Eu não fazia ideia que você se sentia assim...

— A gente não precisa ser perfeito um para outro. Precisamos apenas ser um do outro e o resto vamos aprendendo ao longo do caminho.

— Eu aceito esses termos.

— Já que estamos falando sobre isso... Você pode falar abertamente comigo sobre sexo, sem receios. Eu quero satisfazê-la em todos os aspectos — sorrio e o testo.

— Então, eu posso falar que curto sexo a três? — Estudo a sua reação e ele mantém a postura neutra. Ele é bom em esconder as reações.

— Sim e eu não te julgarei, mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sempre tem um “mas”.

— Devo admitir que é algo novo para mim e que a ideia de dividir a mulher que eu amo não é algo que, hoje, me agrada.

— Hoje. Isso indica que amanhã você pode mudar de ideia?

— A mente humana está sempre em transformação. O que desprezamos hoje, amanhã pode se tornar objeto do nosso apreço.

— Essa é a sua resposta racional para o “não” — gargalho.

— Essa é a minha resposta atual, para o caso de você querer sair daqui agora e chamar mais alguém — ele sorri.

— Espero corromper a sua mente — empurro a caixa de lado e me debruço sobre ele, até as suas costas tocarem o colchão — quero povoar todos os cantos da sua mente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfio a minha mão por debaixo da sua camisa e acaricio o seu tórax.

— Bruna... — ele leva a mão até a barra da camisa que eu tento retirar — a sua porta não tem chave...

— Já ouviu que o proibido é mais gostoso? A ideia de sermos pego é o que torna tudo mais excitante — venço a batalha contra as suas mãos e me livro da camisa. — Deixe-me mostrar o quanto eu te amo da minha maneira — ele assente em silêncio.

Abro o botão da calça, bem como o zíper. O barulho dos meus movimentos, junto com a nossas respirações, são os únicos sons do quarto. Ele ergue o seu corpo para me ajudar a livrar da calça e dos sapatos, voltando rapidamente para a posição inicial. Completamente ao meu deleite.

— Você é tão gostoso! — Envolvero o seu

PERIGOSAS ACHERON

pau com a minha mão. — Como você pode ter dúvidas de não ser o suficiente? Veja o seu pau: grande, duro e cheio de desejo — minha mão o aperta firmemente e o masturbo ritmicamente, para prolongar as sensações.

Um suspiro escapa dos seus lábios quando substituo a minha mão pela minha boca. Ele mantém os olhos abertos e fixos aos meus quando lambo da ponta até a base, saboreando-o lentamente antes de abocanhá-lo. Levo-o até o fundo da garganta e dessa vez ele geme alto. Continuo colocando-o e retirando-o da minha boca diversas vezes. Ele agarra os meus cabelos e entendo como um sinal para intensificar o ritmo, Yuri assume o controle e fode a minha boca, erguendo os quadris. Sinto que ele está prestes a gozar e eu pronta para beber cada gota sua.

— Eu quero gozar dentro de você! — A sua

PERIGOSAS NACIONAIS

voz rouca preenche os meus sentidos e me livro da minha roupa rapidamente. Ele aproveita o momento e pega a carteira, retirando a camisinha.

Sorrio com uma expressão divertida, quando ele abre a camisinha com os dentes e a coloca. Sento sobre seu colo e movimento os meus quadris. Sua boca se dedica ao meu seio e eu cravo as mãos em seus ombros fortes, subindo e descendo. Yuri não tenta controlar o ritmo e me deixa conduzi-lo até o nosso prazer.

— Eu te amo! — Digo, em sussurro, quando o sinto lá no fundo.

Seu membro entra e sai com facilidade, provocando centenas de ondas de prazer por todo o meu corpo. Os nossos gemidos são baixos, como os de dois amantes que não podem ser pegos. Se não estivéssemos tão perto do quarto do meu irmão eu estaria gemendo em alto e bom tom para que ele

PERIGOSAS ACHERON

soubesse o quanto me deixa enlouquecida.

Yuri toma a minha boca num beijo intenso e molhado, silenciando nossos gemidos. Ele continua os movimentos por repetidas vezes até eu me derreter em seus braços, me entregando a fúria devastadora que é fazer amor com o homem que se ama.



Yuri

— Onde você pensa que vai? — Estou saindo de fininho do quarto da Bruna quando sou pego em flagrante. Jeferson me encara com uma postura intimidadora demais para um pré-adolescente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Jeferson.

— Bom dia — resmunga — você não respondeu à minha pergunta.

— Estou indo para minha casa...

— Não sem antes termos uma conversa de homens — pontua, sem dar brechas para discordância — vamos até outro lugar.

Jeferson sai pisando firme e eu sigo os seus passos que me levam até a área externa da casa. “Casa” era um substantivo muito simplório para descrever onde eles moravam. O espaço amplo e requintado assemelhava-se a um palacete, mansão é a melhor palavra. Quando entrei ontem à noite, não tive dimensão do lugar, mas agora pelo dia era tudo mais perceptível.

Jeferson interrompe os meus pensamentos antes que eu me afogue em análises sobre mais uma diferença dos nossos mundos, dessa vez uma

PERIGOSAS ACHERON

diferença financeira gritante.

— Desculpa, não ouvi o que você disse —
sento na cadeira de frente para ele.

— Eu estava perguntando quais as suas
intenções com a minha irmã...

— As melhores possíveis.

— Isso não é resposta. Por que estava
fugindo do quarto dela?

— Eu não estava fugindo — hesito — só
não queria criar uma situação embaraçosa e dar de
cara com o irmão mais novo da minha namorada no
primeiro raiar do dia — sorrio, fazendo piada, mas
ele não ri — Por falar, nisso... Você não deveria
estar dormindo? — Olho para o relógio de pulso
que indicava cinco e trinta da manhã.

— Tive um sonho ruim e não consegui
voltar a dormir — dá de ombros — levantei e olhei
um carro diferente na frente da casa, é seu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Quer falar sobre o sonho?

— Você por acaso é vidente?

— Não. Mas sou psicólogo e os sonhos às vezes são manifestações do nosso inconsciente — ele me olha com cara de quem não entendeu nada — por exemplo, às vezes assistimos uma cena violenta em um filme e ela fica registrada na nossa mente, então podemos sonhar com os elementos da cena... Entende?

— Você é médico que cuida dos problemas da cabeça?

— Mais ou menos isso — sorrio — eu ajudo as pessoas a resolverem os seus problemas...

— Entendi.

— Você não quer dividir o seu sonho comigo? Às vezes, falar ajuda a tirar o peso do sonho.

— Outra hora. Agora precisamos falar sobre
PERIGOSAS ACHERON

a minha irmã. Você falou que ela é a sua namorada... Então por que não pediu ela em namoro para a mamãe? Ela disse que você é um amigo.

— Você tem toda razão, ainda não fiz isso. Vou conversar com a Bruna e marcamos um almoço, tudo bem?

— Hoje! — Sentencia. — Vamos comemorar o dia da família. Você poderia aparecer e fazer o pedido.

— Eu preciso falar com a sua irmã antes. Não é uma boa ideia aparecer de surpresa, ainda mais numa data tão especial para vocês.

— Você é meio burrinho para um doutor!
— Não contenho o riso diante de tamanha sinceridade. — Meninas adoram surpresa, aposto que ela ficará toda boba se aparecer de noite...

— Será? E se ela não gostar da ideia?

Uma coisa era a gente querer estar juntos, outra era oficializar para a família. E se ela se sentisse pressionada e recuasse?

— Qual mulher não deseja que o seu namorado conheça a sua família? — Mais uma vez ele tem razão. — Acho que ela gosta muito de você. Depois que ela te encontrou no parque ela sorri mais vezes, suspira pelos cantos, igual na TV.

— Eu também amo a sua irmã e fico feliz em saber que estou fazendo ela feliz.

— Então, mais um motivo para se juntar a nós. Não sei se você sabe, mas eu sou o homem da casa e é meu dever proteger a minha irmã e a minha mãe. Não vou permitir que você faça a Bruna sofrer.

— Você tem a minha palavra, Jeferson. A felicidade da sua irmã é a minha.

— Então venha hoje à noite para jantar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode contar com a minha presença — concordo, por fim.

— Vou precisar falar com a minha mãe para ter mais um prato.

— Certo. Agora preciso ir, tenho que trabalhar e você deveria voltar para a cama.

— Só mais uma coisa: para que time você torce?

— Isso é determinante? — Sorrio e ele balança a cabeça em afirmação — Corinthians!

— Merda! Assim fica difícil não gostar de você.

— Feliz em saber que passei no teste.

— Tchau, vou voltar a dormir por que o meu dia será longo — Ele levanta e me acompanha até o carro.

Parece que acabei de marcar um ponto com

PERIGOSAS ACHERON

meu cunhado.



Assim que cheguei no trabalho, mandei um áudio para Bruna explicando que havia saído bem cedo para não a acordar, mas que tinha adorado a experiência perigosa da noite. Algumas horas depois, ela respondeu deixando claro que poderíamos tentar muitas aventuras perigosas. Eu sorri e trabalhei o dia inteiro de maneira leve, mesmo ouvindo casos tão pesados.

Faltei o treino da noite, mas era por uma excelente causa. Quando toco a campainha da mansão, é o meu cunhado que vem me receber.

— Você trouxe flores? — Jeferson abre a porta da casa e olha fixamente para o buquê de rosas vermelhas que eu trago nas mãos — até que você aprende rápido! — Sorri e dá passagem para

PERIGOSAS ACHERON

que eu entre.

A cada passo dado em direção ao interior da casa, eu esperava que ela não considerasse a minha atitude precipitada. Eu nunca sabia o que esperar da Bruna, ela é um caixinha de surpresas e esse é um dos motivos pelos quais eu a amava.

— Yuri? — Bruna pergunta, surpresa — Você não me disse que viria. E essas flores?

— Ele é meu convidado! — Seu irmão é quem responde.

— Por que você convidaria ele? — Ela encara o irmão. — O que vocês dois estão aprontando? Você também sabia, mãe? — Olga se aproxima e sorri.

— Não estou aprontando nada, apenas aceitei o convite do seu irmão e isso é para você! — Entrego as rosas e o sorriso enorme fixado no seu rosto me convence, de uma vez por todas, que

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha tomado a decisão correta.

— Elas são lindas! — Bruna dá um beijo estalado nos meus lábios.

— Não mais que você! — Respondo.

— Eca! — Jeferson faz uma careta — Vocês são melosos demais!

— No dia que você estiver apaixonado, irmãozinho. Você entenderá que o amor nos transforma em pessoas melosas.

— Deus me livre!

— No dia que você trazer a sua namorada para casa eu vou fazer questão de registrar o momento com o meu Iphone — Bruna sorri.

— Sai fora!

— Crianças parem! — Olga sorri — Desculpa, Yuri eles levam a sério a implicância de irmãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já vamos comer? Estou faminto!

— Ainda não. Estamos esperando mais dois convidados.

— Estamos? — Bruna arqueia a sobrancelha.

— Sim — Olga responde e, no mesmo instante, a campainha toca — eles acabaram de chegar. Filho, você pode abrir a porta?

— Sim!

— Boa noite! — Um homem alto e jovem, vestindo jeans e camisa polo nos cumprimenta acompanhado de uma mulher de meia idade que usa um conjunto de saia e blusa floral.

— A senhora nos chamou, dona Olga? — A mulher pergunta, estranhando tantas pessoas juntas.

— Sem o “dona”, Linda — Olga corrige — hoje vocês são os meus convidados. Quero que se juntem a nós nesse jantar!

PERIGOSAS ACHERON

— Não é uma reunião de trabalho? — O homem pergunta, visivelmente confuso.

— Não — Olga sorri — eu precisei inventar essa desculpa ou vocês não aceitariam o convite.

— Agora que eles chegaram já podemos comer?

— Eu agradeço o convite, mas não poderei ficar — o homem diz.

— Fábio, fica por favor — Olga toca o braço do homem.

Ainda que eu não soubesse qual era relação entre eles, estava notório que havia uma tensão entre a Olga e o homem. O toque não passou despercebido por Bruna que fita os dois atentamente. Eu sou um mero espectador esperando o desenrolar dos fatos.

— Linda, você me ajuda a encontrar um vaso para essas flores? — Bruna se volta para a

mulher — Yuri e Jefinho preciso que vocês vejam se as bebidas estão geladas.

— Ah, não! — O irmão resmunga — você não pode fazer isso sozinha?

— Não, vamos Jeferson! — ela praticamente arrasta o irmão e todos nós para a cozinha.

Enquanto a mulher, que Bruna apresentou como Lindaci, colaboradora da mãe nos serviços domésticos, coloca as flores no vaso, Jeferson beliscava os petiscos sentado na bancada de mármore. Ainda que nenhuma palavra tivesse sido dita, estava claro que estávamos todos ali para dar privacidade a Olga.

— Fábio é o motorista da minha mãe e seu fiel escudeiro — Bruna sussurra para mim — a história deveria acabar aí, mas tem algo não resolvido entre eles... Você, que é especialista em

comportamento humano, o que você acha baseado no que acabou de presenciar? — Ela aguarda a minha resposta sorrindo.

— Não estou na condição de analista — sorrio.

— Ah, fala sério! — Ela faz biquinho — estou perguntando apenas para saber se podemos retornar sem sermos surpreendidos por eles se pegando em cima da mesa de jantar.

— *Anhan* — sorrio — Você quer me convencer que tudo isso é zelo?

— Não colou? — ela ri abertamente — é curiosidade feminina, então.

— Você iria se opor a uma eventual relação deles? — Indago e estudo a sua reação. Era mais forte que eu, confesso.

— Não. O Fábio é um cara legal, educado, preocupado com o nosso bem-estar. Isso sem falar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele e o Jefinho se dão superbem. Passam horas conversando sobre futebol e carros — Bruna termina de falar e seus olhos fitam os meus longamente — A sua pergunta... Ela não foi uma pergunta simples, eles estão tendo um caso, eu sabia! — Ela bate palmas animada.

— Quem está tendo um caso? — O irmão questiona.

— Ninguém — desconversa — Yuri estava me contando sobre um amigo...

— Eu não disse nada — falo baixinho para não ser ouvido pelo irmão.

— Não precisou, *psicogato* — suas mãos envolveram a minha cintura — Eu sou formada em três temporadas de *Lie to Me*!

— Você quer dizer que, baseada em uma série de TV, é capaz de reconhecer se alguém está mentindo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, o que estou dizendo é que sou uma mulher atenta e sagaz e sei quando duas pessoas estão a fim uma da outra. Veja nós dois por exemplo: a sua linguagem corporal indica que você está perdidamente apaixonado por mim. Vai negar esse fato?

— Não — sorrio — mas isso é jogo baixo porque está estampado na minha cara o quanto eu amo você.

— Eu também amo muito você e todo o meu corpo é prova desse amor — lambe a minha boca e se afasta sorrindo — fico feliz que esteja aqui. Muito feliz, eu diria!

— Vamos comer antes que a comida esfrie!
— Olga aparece na cozinha, nos convocando.

— O Fábio decidiu ficar? — Bruna pergunta.

— Sim, ele jantará conosco.

PERIGOSAS ACHERON

— O que isso significa? — Bruna insiste.

— Que ele jantará com a gente, Bruna! —

A mulher diz, sem dar margem para maiores questionamentos.

— Não está mais aqui quem falou — Bruna ergue as mãos e se afasta sorrindo.

A dinâmica do jantar ocorreu de forma tranquila. Bruna não insinuou nada e a mãe permaneceu sorridente ao lado do filho. Fábio manteve-se calado durante quase todo o jantar, falando apenas quando algo lhe era perguntado e Lindaci compartilhou o modo de preparo do fricassê quando elogiei a sua comida.

Em determinado momento, Olga levanta e ergue a sua taça propondo um brinde.

— Hoje estamos celebrando o dia da família. Essa data simbólica é para lembrar o quanto cada um de vocês é importante na minha

vida. Meus amados filhos que me completam e me fazem a mãe mais feliz do mundo. Bruna, que me fez mãe pela primeira vez e virou o meu mundo do avesso e me mostrou que o avesso também é um lindo lado — Olga fita a filha com carinho.

— Aí que saco vou borrar toda a maquiagem! — Bruna seca as lágrimas, sorrindo — eu não digo isso com frequência, mas você é a melhor mãe que eu poderia ter — duas lágrimas rolam por seu rosto — eu não sou essa manteiga derretida, Yuri.

— Claro que não, você é uma manteiga congelada! — Meu comentário arranca uma gargalhada em conjunto.

— Jefinho, meu menino — Olga prossegue — você me permitiu ser a sua mãe e vivenciar mais uma vez esse amor arrebatador que é a maternidade. Eu digo para você todos os dias e

continuarei dizendo: você foi o arco-íris depois da tempestade.

— Eu te amo, mãe! — Ele beija Olga no rosto.

— Eu prometo não me estender ainda mais — Olga seca as lágrimas com a palma da mão — quando eu cheguei em São Paulo eu me senti uma estranha no ninho, estava vindo para uma cidade sem amigos e Lindaci me recepcionou de forma tão calorosa que me fez sentir em casa. Ela é a responsável por eu conseguir gerir a empresa e cuidar dos meus filhos. Obrigada por cuidar tão bem da minha família — a mulher apenas sorri, emocionada — Fábio é a prova viva de um amigo leal, alguém que sempre esteve ao meu lado e que espero que permaneça por muito mais tempo — Fábio luta para não deixar transparecer, mas seus lábios se curvam num sorriso discreto. — Por fim,

PERIGOSAS NACIONAIS

e não menos importante, Yuri que trouxe alegria a vida da Bruna e conseqüentemente a minha. Enfim, tudo isso é para dizer o quanto vocês são importantes e fazem parte da minha família — ergueu a taça e todos nós brindamos.

— Se me permite, eu também tenho algo para falar... — Começo, assim que Olga volta a se sentar.

— Não pode ser depois da sobremesa? — Jeferson questiona.

— Filho! — Olga o repreende, sorrindo.

— Eu prometo ser breve — esclareço — quero aproveitar a presença de todos e pedir a Bruna oficialmente em namoro.

— Não precisava, você já tinha o meu sim — Bruna diz, sorrindo.

— Jeferson... — continuo, mas sou interrompido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode me chamar de Jefinho, agora.

— O Jefinho me fez entender que mais do que palavras precisamos demonstrar com ações. Por isso, eu estou na frente de todos oficializando o nosso namoro e pedindo a sua aprovação, Olga.

— Se faz a minha filha feliz e isso você já provou que faz, tem toda a minha aprovação.

— Aceita namorar comigo, Bruna? — Pergunto, olhando diretamente nos olhos dela.

— Um milhão de vezes sim! — Ela se levanta, dá a volta na mesa e se joga nos meus braços.

— Agora vamos a sobremesa! — Escuto Jefinho comentar, mas não dou importância, estou envolto nos braços da mulher que amo. Ela me beija na boca e eu retribuo com paixão.

— Adorei o pedido de namoro — confessa, quando cessa o beijo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom! O próximo pedido terá que ser com mais gente, você sabe, as duas famílias... Um anel.

— Você tem o poder de me deixar sem palavras... — ela diz, me encarando.

— Eu preciso apenas do seu sim.

— Ele já é seu, para sempre! — Sorrio — eu te amo, doutor.

— Te amo mais — respondo antes de selar nossa declaração com outro beijo.

Nossas bocas, braços e coração unidos para comemorar, oficialmente, o início da nossa relação.

PERIGOSAS ACHERON



Bruna

Depois de jantar com a minha família. Chegou a minha vez de ser apresentada a família do Yuri. E não havia nada mais familiar que almoço em pleno domingo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava uma pilha de nervos com esse encontro. Queria, a qualquer custo, ter a aprovação dos seus pais e isso tirou o meu sono na última noite. Esse era um problema que eu trabalhava com a nova terapeuta: a aprovação.

Durante toda a minha vida eu fui vítima das minhas inseguranças, eu queria ser a mais amiga, a mais liberal, a melhor filha e isso me fez embarcar num mundo de projeções para chegar nesse posto imaginário. Eu fazia o que era esperado que eu fizesse, ainda que isso significasse passar por cima dos meus reais desejos em prol da aprovação do outro.

Agora não era diferente, eu temia que os pais do Yuri não me aprovassem. Será que eles enxergariam a Bruna, do Yuri? Quem era essa Bruna, afinal? Eu tinha passado por muitas coisas nos últimos tempos, evoluído como pessoa, mas eu

ainda era jovem sustentada pelos pais ricos e sem grandes feitos pessoais.

A possibilidade de conhecer os seus pais trouxe à tona sentimentos que eu vinha tentando sufocar. E é por isso que estou tão nervosa enquanto escolho a roupa que determinará a primeira impressão dos meus sogros ao meu respeito.

— O que acha desse? — Dou uma volta para que a minha mãe tenha uma visão do todo. O look da vez é um vestido de estampa floral de manga longa, na altura do joelho.

— Perfeito como os dez anteriores.

Eu iniciei o dia buscando algo para vestir e depois de virar o meu guarda-roupa do avesso nada parecia bom o bastante.

— Ainda não sei... — Olho, mais uma vez, para a minha imagem refletida no espelho e não

gosto do que vejo.

A vendedora tinha razão, o vestido era elegante e simples, indicado para a ocasião. Mas por que eu não me sentia satisfeita?

— Já sei, vou provar o conjunto de saia e blusa! — Caminho até o banheiro com as peças. Retorno, minutos depois, usando uma saia lápis preta e uma blusa de manga curta, rosa bebê, com a faixa no decote preto. Desatei o laço da faixa e a transformei em um nó. Calcei um *scarpin* bege e troquei os brincos grandes por duas gotas de cristal.

— Nada de perfeito dessa vez, mãe — aviso — quero uma opinião sincera.

— Parece que roubou a roupa de trabalho da mamãe! — Jefinho comenta e a minha mãe sorri. Ele estava deitado sobre as roupas espalhadas pela cama.

— Está tão ruim assim? — Faço uma

careta.

— Por acaso, você está insinuando que me visto mal? — Arqueia a sobrancelha sorrindo. — Não há nada de errado nessa roupa.

— É, as pessoas respeitam a mamãe na empresa. Talvez seus sogros gostem mais de você vestida assim do que naquela bola de assopro daquele dia...

— Você não deveria estar fazendo dever de casa? — Questiono, irritada.

— A mamãe ficou de me ajudar com a tarefa, mas você a está monopolizando.

— Onde escutou essa palavra? Aposto que você não sabe o significado dela.

Ele havia evoluído tanto, em tão pouco tempo. Um orgulho de garoto!

— Sei sim, monopolizar é quando a pessoa pega algo só para ela. É o que você fez com a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mamãe desde que acordou — minha mãe o olha, com um misto de orgulho e amor. — Diz, aí se não mandei bem?

— Eu tenho muita sorte de ser mãe de um menino tão esperto — ela o abraça e enche de beijos — e da minha eterna menina — indica com a mão que eu me aproxime. — Na verdade, eu sou a mulher mais sortuda do mundo por ter vocês dois na minha vida — seus braços nos envolvem em um abraço triplo.

— Já estou sentimental, não piora as coisas, mãe.

— Eu amo muito vocês! — Ela ignora meu pedido e declara.

— Eu também. Amo muito ser seu filho e ter a Bruna como irmã também — Jefinho responde e me cutuca — diga a mamãe que você *ama ela*, Bruna!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela sabe...

— Mas nunca é demais repetir — o garoto insiste.

— *Tá* certo — dou de ombros — eu te amo, mãe. E também amo ser a sua irmã, chatinho.

— Viu, nem doeu! — Ele ri e me faz cócegas.

— Amor, vá para o seu quarto e inicie a atividade escolar, chego em alguns minutos para ajudá-lo.

— Sim, senhora — ele a beija no rosto e sai correndo.

— Jefinho — chamo e ele volta correndo — desculpa por monopolizar a mamãe.

— Tudo bem, é um dia importante — solta, antes de correr novamente.

— Vou mandar uma mensagem para o Yuri

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e cancelar o almoço — digo, com o celular nas mãos pronta para inventar uma desculpa qualquer.

— Você não vai fazer nada disso — Olga pega o celular das minhas mãos.

— Claro que vou! — Rebato. — Não tenho nada para vestir.

— Sabe o que eu vejo quando olho para você agora?

— Uma versão de empresária sexy?

— Também — sorri — eu vejo uma mulher insegura com medo de conhecer os pais do namorado. Não precisa ser assim... Eles vão amar você, filha.

— Eu tenho as minhas dúvidas — deito a cabeça no seu colo e ela acaricia os meus cabelos — não sei se estou pronta para ser desaprovada, sabe? Não sei se os motivos pelos quais Yuri e eu estamos juntos são suficientes para passarmos por

PERIGOSAS ACHERON

cima da eventual reprovação dos seus pais.

— Você falou a palavra certa: eventual. Não foi você que me disse outro dia que devemos deixar as coisas seguirem o seu próprio curso, afrouxar as rédeas? Filha, seja você mesma.

— Ser eu mesma significa ser egoísta, mimada e irresponsável.

— Você não é essa pessoa, Bruna — ela diz e eu a encaro, descrente — Ok, durante muito tempo você foi essa pessoa, mas era apenas uma casca para mascarar seus verdadeiros sentimentos. Deixe que eles conheçam a Bruna doce que vem à tona quando você fala do seu irmão, a Bruna apaixonada que os olhos brilham quando está ao lado do Yuri...

— E se nada disso for o suficiente e eles não me aprovarem?

— E se eles te amarem? Não deixe que o

PERIGOSAS NACIONAIS

medo a impecar de fazer nada. Eu sempre admirei a sua coragem para enfrentar a vida — a confissão me surpreende — durante muito tempo eu me perguntei em que momento a minha menina se tornou essa mulher de personalidade forte. Eu vi você assumir suas vontades e correr atrás dos seus desejos, sem se importar com o quão isso poderia ser considerado inadequado para uma mulher.

— E isso é motivo para orgulho?

— Claro que é! Olhe para você, você já viveu mais do que eu vivi em toda a minha vida por medo de arriscar.

— Eu sempre olhei para você como uma mulher segura de si e dona da sua vida.

— Na maior parte do tempo essa sou eu — sorri — mas quando o mundo dorme, eu me perco nos meus questionamentos e receios. Em tudo que eu poderia estar vivendo e não estou por medo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O Fábio é um desses seus questionamentos?

— Também — seu olhar fica distante — quando você é jovem o mundo está ao seu lado, é permitido cometer pequenas loucuras, afinal todo jovem é impulsivo. Quando se tem a minha idade o mundo é um juiz severo.

— Não fale como se você fosse uma anciã.

— Não tenho mais vinte anos, Bruna, preciso evitar os erros, ser responsável e me manter bem.

— E onde o Fábio entra nisso?

— Onde ele não entra você quer dizer... —
Arqueia a sobrancelha e sorri maliciosamente.

— Adoro sexo, nunca foi um tabu, mas não sei se quero ouvir detalhes de onde o Fábio entra ou deixa de entrar na minha mãe. Eu preciso de um tempo para digerir essa informação...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bruna! A minha fala não tem nada de sexual, sua mente pervertida — me repreende, sorrindo — o que eu quis dizer é que nunca existiu um lugar para ele na minha vida, estamos em momentos diferentes...

— Mas ainda assim parece que há algo prestes a acontecer a qualquer momento.

— Mãe, cadê você? — Meu irmão grita.

— Já estou indo, amor — ela responde e se volta para mim — chute para debaixo da cama as inquietações e vá conhecer seus sogros. Esqueça a roupa, ou qualquer outro assunto, deixe que eles vejam o quanto você ama o filho deles e isso será o suficiente.

— Mãe, você não precisa seguir sempre pelo mesmo caminho, às vezes mudar a rota nos leva a lugares fantásticos — digo, porque acredito realmente nisso. — Eu te amo e te apoio

PERIGOSAS ACHERON

independente de que caminho deseje seguir.

— Obrigada — ela sorri — eu também te amo, filha!

Ela sai do meu quarto e vai para o do meu irmão e eu fecho os olhos ainda na dúvida sobre os meus sogros.



Bato palmas em frente ao grande portão e aguardo. Talvez eles achem, pelo chamado, que sou daqueles religiosos que vão de porta em porta em pleno domingo, por isso decido falar:

— Bom dia, tem alguém aí?

Um homem sorridente que dever ser o meu sogro, se aproxima e abre o portão.

— Bom dia! Você deve ser a Bruna.

— Eu mesma, e você deve ser o senhor

Antônio — sorrio.

— Adivinhou pela altura ou pelos meus belos olhos? — Ele sorri e é inevitável não o acompanhar. Um olhar superficial e você não diria que eles são pai e filho, as diferenças físicas saltavam aos olhos. O pai, diferentemente do filho, tinha uma estatura média e uma saliente barriga, mas quando ele sorri foi como ver o Yuri sorrindo. Isso sem falar nas suas expressões faciais que o se assemelhavam ao filho. — É um prazer conhecê-la!

— O prazer é todo meu — ele me permite passar e indica a cadeira na pequena varanda, eu me sento e ele se acomoda na cadeira ao meu lado. —Cheguei cedo demais?

— Não, chegou a tempo de me acompanhar na minha cerveja de domingo — ele se inclina e retira uma *long neck* — você bebe?

— Sim — hesito — mas confesso que não

PERIGOSAS NACIONAIS

sei se é adequado para uma nora beber com o sogro que acabou de conhecer.

— O analista dessa casa é o Yuri, na ausência dele somos livres para agirmos naturalmente — faz graça, sorrindo — também, não sei se ele aprovaria que o seu pai oferecesse uma bebida a sua nova nora, mas está quente e eu deveria te oferecer uma bebida gelada, por que não cerveja!? Além do mais, não vejo uma melhor maneira de conhecer uma pessoa que tomando uma cerveja com ela.

— Tenho que concordar com o senhor.

— Sem o “senhor”, por favor, já me sinto velho demais tendo um homem do tamanho do Yuri me chamando assim — eu sorrio e aceito a cerveja gelada.

— Ok, sem o “senhor” — bebo um grande gole na garrafa semelhante ao que ele faz e quando

PERIGOSAS ACHERON

a bebida passa pela minha garganta, começo a relaxar.

Antônio me deixou confortável, enquanto aguardávamos Yuri e a sua mãe. Ele compartilhou comigo algumas experiências engraçadas de quando era motorista de táxi e eu sorri até as minhas bochechas começarem a doer. Ele tinha senso de humor e isso me ajudou a me sentir mais confortável com a situação.

Estávamos conversando como dois conhecidos há algum tempo, por isso não notamos o tempo passar. Exceto pelas cinco garrafas expostas na mesa de centro, duas minha e três dele.

— Vejo que encontrou uma parceira à sua altura — a voz feminina faz a minha postura enrijecer, me lembrando onde eu estava. — Olá querida, eu sou a Fátima.

— Prazer, dona Fátima — levanto para

cumprimentá-la, estendendo a mão, mas ela nega o aperto e me envolve em um abraço afetuoso.

— Desculpa a demora, querida, eu estava tentando ficar à altura da minha nora.

— A senhora está linda — elogio, ela usa um vestido estampado com flores, na altura do joelho e sem mangas. O cabelo está solto, na altura do pescoço, escovado.

— Eu não ganho um elogio? — Yuri surge logo atrás da sua mãe.

Seus fios estão molhados e ele veste camiseta e bermuda, além de tênis de corrida, é o Yuri no seu estado mais natural e eu gosto muito do que vejo.

— Hummm, você está bonitinho! — Sorrio e ele diminui a nossa distância, me abraçando.

E ali, no abraço dele, todas as dúvidas que eu tinha sobre não ser aceita são dirimidas. Ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

que os seus pais não me aprovassem, se ele continuasse ao meu lado, eu estaria bem.

— Vou tomar um banho para subir no seu conceito! E você está linda... — Seu olhar percorre meu corpo e eu o sinto esquentar com a análise.

Depois que a minha mãe me deixou sozinha no meu quarto, eu decidi que não inventaria desculpas, então peguei um short de alfaiataria com estampa de listras e uma blusa de alcinha preta e completei o visual com uma rasteirinha de pedrarias. Era uma versão *light* da Bruna das noitadas, mas ainda era eu.

— Antônio já contou a vez que um cliente esqueceu um peixe na mala do carro e ele só percebeu ao fim do dia quando o cheiro havia impregnado em cada canto do veículo?

— Eu ainda ia chegar nessa história — o marido sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora estão explicadas as garrafas... — Yuri olha das garrafas para nós — até eu preciso de uma bebida para escutar essa história novamente e lembrar de sorrir nos momentos certos — Antônio ri alto e atende prontamente o pedido do filho, entregando uma cerveja.

— Não esqueça da minha, querido — Fátima sorri.

— Seja bem-vinda a nossa família, Bruna — Antônio entrega a garrafa a esposa e levanta a que segura, num convite para brindarmos.

— Aqui, nós rimos de velhas piadas, nos reunimos aos domingos para celebrar a família e o mais importante: nos amamos incondicionalmente. — Fátima completa. — Quem faz o meu filho feliz, me faz feliz e você já provou isso. Quero que você se sinta em casa e amada!

— Eu já estou me sentindo acolhida —

PERIGOSAS ACHERON

brindo com eles — obrigada de coração.

— Então podemos pular essa parte introdutória de nos conhecermos melhor e irmos para a parte que sentamos ao redor da mesa e avançamos sobre a comida como se não comêssemos há dias?

— Antônio! — Fátima repreende, sorrindo.

— Eu não tenho culpa se você cozinha maravilhosamente bem, minha querida — ele elogia. — Se a Bruna é da família ela certamente desculpará nossa falta de educação, não é?

— Com toda certeza — sorrio — estou ansiosa para conhecer o seu tempero, dona Fátima.

— Não fique, querida. É apenas comida caseira... E me chame de Fátima, sem o “dona” — eu assinto.

— A melhor comida caseira do mundo — Yuri completa, sorridente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elogio de filho não conta. Vamos comer antes que eles me deixem ainda mais nervosa com toda essa expectativa sobre da minha comida.

Seus pais entram na casa, deixando-nos para trás.

— Amor? — Arqueio a sobrancelha, surpresa com o apelido. — Não posso chamá-la dessa forma?

— Sim... É que eu não estou acostumada a ouvir — confesso.

— Então, trate de se acostumar com a ideia — seus braços envolvem a minha cintura — você é o meu amor e faço questão de dizer isso na frente de todos.

— Vou me acostumar rapidinho, *psicogato*!

— A Paulista não tem a menor graça sem você — diz, ainda com os nossos corpos colados.

— Fico feliz em saber que não encontrou
PERIGOSAS ACHERON

uma mulher indefesa para pagar sua bebida.

— Se eu fosse você, da próxima vez, aceitaria meu convite e iria correr comigo, nunca se sabe se a mulher da minha frente, na fila, não vai esquecer o dinheiro e eu serei obrigado a pagar com meu cartão... — Belisco seu braço e ele sorri.

— Da próxima vez não marque almoço com seus pais no mesmo dia. Eu mal dormi ontem à noite, ansiosa por esse almoço.

— E quando chegou aqui viu que não precisava de nada disso, né? — Balanço a cabeça, em concordância.

— Seus pais são maravilhosos. Entretanto, será que eles gostaram de mim?

— Amor, você ainda tem dúvidas? Meu pai incluiu você no programa dele de domingo que é beber uma cervejinha enquanto joga papo fora. Minha mãe passou parte da manhã no salão de

PERIGOSAS NACIONAIS

beleza para garantir que estava apresentável para a nora. Eles adoraram você!

— Você não sabe como isso me deixa aliviada. Eu já estava pronta para falar com a terapeuta sobre os meus sogros...

— Não cante vitória antes do tempo. Você ainda não foi acuada a experimentar mais um pouquinho da mousse de limão. Muito menos a aceitar a Tupperware com o pedaço de bolo de cenoura com calda de chocolate que ela preparou para o lanche da tarde.

— Sou capaz de sobreviver a tudo isso, desde que você esteja ao meu lado.

— Sempre estarei ao seu lado, amor — seus lábios tocam os meus delicadamente, selando a sua promessa.

— Agora vamos entrar antes que eu seja flagrada tirando a roupa do filho deles na frente da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa, em plena luz do dia — digo, ao nos separar.

Ele gargalha e eu o acompanho, quando entramos de mãos dadas na sala de estar da minha nova família.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Na medida em que o tempo passa, nossa relação, como qualquer outra, fica mais forte. É o que acontece quando duas pessoas se amam e confiam uma na outra. Tento me colocar sempre na posição de namorado, ouvinte e amigo, deixando PERIGOSAS ACHERON

fora da nossa relação o meu lado terapeuta.

Não é tão difícil quanto parece. Se quando eu fecho a porta do consultório deixo a minha vida pessoal do lado de fora, faço o inverso quando fecho a porta do meu apartamento. Claro que conto com a minha própria terapia para equilibrar tudo isso. Sou um ser humano como outro qualquer e não um super-homem com uma caneta na mão. Também possuo os meus monstros internos e luto contra eles diariamente, além de jogar luz em quartos escuros dentro de mim para enfrentar meus medos. E exercitar meu autocontrole.

Autocontrole esse que tem sido testado com frequência pela minha namorada. E hoje é a prova final.

Ontem à noite, sexta-feira, Bruna dormiu aqui no apartamento. Dormir não foi bem o que fizemos, se levarmos esse verbo ao pé da letra,

praticamente apagamos apenas às quatro da manhã.

Acordei com um cheiro delicioso de café. Ela estava totalmente nua segurando uma bandeja de café da manhã e as duas xícaras cheias do líquido da vida matutina estava cheirando muito bem, o que fez meu estômago reagir em alto e péssimo tom.

— Nem vou perguntar o que você prefere comer, por que seu estômago acabou de deixar claro que não sou eu — ela perturbou, hoje cedo, ao colocar a bandeja na cama.

Ela não mentiu dizendo que fez o bolo, as torradas e o café, assim que elogiei a refeição ela assumiu que ligou para a *delicatessem* mais próxima e pediu tudo. Passamos um dia tranquilo e caseiro, entre a minha cama e o sofá da sala. Assistimos, fizemos amor, comemos e repetimos tudo isso algumas vezes.

Até que ela veio com o convite. Ou eu deveria chamar de intimação. O tal do teste final para o meu autocontrole.

— Nós sempre conversamos sobre sexo, você se negou a ler os meus relatos, mas pela minha primeira descrição no seu consultório deu para perceber que eu gosto bastante da coisa...

— Sim, já conversamos sobre isso e praticamos de forma satisfatória, pelo menos é o que os seus orgasmos me dizem. Ou anda fingindo?

— Eu nunca fingiria um orgasmo, doutor. O homem tem que saber se fizer o serviço ruim — ela gargalha — e você faz o seu muito bem. Mas...

— Mas?

— Já falamos uma vez você sobre outras pessoas e você disse que poderia pensar melhor sobre o assunto...

— Está querendo convidar alguém para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transar? — Pergunto, indo direto ao ponto.

— Estou querendo te levar a um lugar.

— E está enrolando demais para dizer onde... Pode se abrir, Bruna. Uma casa de Swing?

— Olha que entendido do assunto... Uma boate. Mas há espaços para isso e muito mais. Vamos?

— Vamos, deixe-me ver um dia em que não tenha aula pela manhã, aí podemos ir na noite anterior...

— Hoje, Yuri.

— Hoje?

— Hoje é sábado, amanhã você não trabalha.

— Tudo bem, nós vamos!

— Você jura? — ela bate palmas.

Eu balanço a cabeça afirmativamente e ela

PERIGOSAS ACHERON

levanta correndo para se preparar.



Quando estávamos prontos para sair – ela usando um vestido branco indecentemente curto e apertado, que eu nunca tinha visto na vida, mas que ela com certeza conseguiria trazer na bolsa de mão devido à falta de tecido – ela me surpreendeu.

— Enquanto estava tomando banho e pensando em tudo que faríamos lá, acabei mudando de ideia... — Bruna diz quando já estamos no carro. Ela tinha acabado de prender o cinto.

— Não mude de ideia por medo do que eu possa pensar, estamos juntos para explorar as diversas vertentes dessa relação e eu sei o quanto o lado sexual pesa na sua balança...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ouvir isso só me faz te amar ainda mais, sabia? Mas o que me fez mudar de ideia não foi isso...

— O que, exatamente, te fez mudar de ideia?

— Pensar em você beijando outra mulher. Com o meu consentimento... Ver suas mãos deslizando em outro corpo, puxando outro cabelo. Diferente do que eu achava, não foi tesão o que senti, foi ciúmes.

— Seria inapropriado dizer que isso me deixa feliz? — Sorrio. — Pelo menos não me sentirei um retrógrado.

— Homem de palavras difíceis!

— Vamos subir novamente?

— Não, logo em seguida eu pensei em uma fantasia para substituir essa. Uma que não envolva outras pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei se isso me deixa feliz ou preocupado... Envolve chicotes ou objetos cortantes?

Ela gargalha.

— Está com a chave do consultório aí?

— Sim, mas...

— Dirija até lá.

— Está precisando de uma sessão?

— Estou precisando de você nu, deitado no seu divã, enquanto eu sou a terapeuta... Sexual.

— Nossa...

— Seu pau já está ficando duro?

— Bruna...

— Não posso dirigir por você, minha CNH está suspensa... Então, por favor, liga logo esse carro!

— Espero não bater contra um poste —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

digo ao girar a chave na ignição — nem atropelar ninguém... Você está realmente acabando com a minha racionalidade, senhorita Moura Lunardelli.

— É um feito e tanto, senhor Martins, não tente negar!

Era um feito e tanto e eu não neguei, apenas dirigi o mais rápido que pude, tentando não causar um acidente.



Dessa vez, quando a porta do consultório foi fechada, minha vida pessoal invadiu, com tudo de si, aquele espaço. Era estranho tê-la ali novamente, aquele tinha sido o palco em que nossos sentimentos tinham despontados mesmo não sendo o mais adequado.

— Tem algum problema ético em transar

PERIGOSAS ACHERON

com a namorada no lugar que trabalha? — Bruna pergunta, andando pelo espaço.

— Não, pelo menos não me lembro de ler isso no Código de Ética Profissional.

— Nesse caso, o que te trouxe aqui, Yuri?
— Ela diz ao sentar na minha poltrona. A cruzada de pernas que ela dá deixa muito pouco para minha já fértil imaginação.

— Eu tenho uma namorada e ela tem algumas vontades, eu vim aqui para saber como faço para atender cada uma delas — entro no jogo, me aproximando do sofá onde ela sentava nas sessões.

— E você está disposto a atender todas essas vontades? Já ponderou sobre as consequências disso?

— Você não a conhece, doutora, ela faz com que eu perca a capacidade de ponderar... Está

quente aqui?

— Está e a tendência é o calor aumentar. Nas sessões nós desejamos que os pacientes fiquem à vontade e você não me parece tão confortável nessa camisa. Pode tirar, se quiser...

Eu sorrio e abro os botões da camisa preta vagarosamente. Quando eu a jogo na mesa de centro, abro a calça e a tiro, junto com os sapatos e as meias. Fico apenas de cueca branca.

— Estou me sentindo bem melhor agora... Onde eu devo me sentar?

— No divã — ela diz e eu ando até o móvel.

Deito, mas não fito o teto, tento ver se ela vem até mim.

— Sobre a sua namorada, Yuri, me fale sobre ela.

— Ela é incrível, doutora, sonho com ela

PERIGOSAS ACHERON

todas as noites em que ela não está na minha cama.

— E o que vocês fazem nesse sonho? —
Ela não se aproxima ainda, apenas sua voz chega até mim, mas somente ela e o teor daquele joguinho já me deixam completamente louco.

— Nós transamos em todos os espaços possíveis.

— Você pode ser mais detalhista que isso, Yuri. Sabia que os sonhos podem ser projeções de desejos? — Sou obrigado a sorrir.

Fecho os olhos e imagino o que eu gostaria que ela fizesse nesse momento.

— Ela tem a pele linda, no tom do chocolate mais doce e tão macia quanto. Eu sinto vontade de sentir o sabor da pele dela na minha língua, deixá-la percorrer cada um dos cantos... Principalmente entre as suas pernas. O beijo dela é incrível, mas tão incrível quanto é beijar a sua

PERIGOSAS NACIONAIS

boceta. Tão molhada... Meus lábios e dedos escorregam com facilidade. Bruna é tão quente quanto uma tarde ensolarada e se entrega de maneira tão linda que eu quase me perco na indecisão entre satisfazer a minha própria vontade e observá-la se desfazer em desejo.

— Nossa, Yuri, sua namorada é uma mulher de sorte — a voz dela está mais próxima e um pouco mais ofegante.

— Se ela é, eu também sou — Bruna vem até o divã completamente nua — Doutora, você é tão gostosa quanto ela...

Sem falar nada, põe o joelho sobre o estofado e passa a perna sobre o meu corpo. Seus pés se firmam no assento do móvel, ao mesmo tempo em que suas mãos seguram no encosto e ela se levanta o suficiente para se mover até chegar perto do meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Minhas mãos seguram em sua bunda, trazendo-a para mais perto. Minha boca encontra a sua intimidade e a beijo ali. Lambendo, sugando, provocando até que a Bruna se esfregue despidoradamente em meu rosto. Eu me sufoco de prazer, me lambuzando no prazer dela, chupando tudo o que me oferece entre gemidos. Dois dedos se juntaram a minha boca na missão de fazê-la chegar lá e entre as estocadas dele, os meus beijos e o seu rebolado, Bruna estremece.

— Fique de quatro para mim.

Saio debaixo dela, posicionando-a. Rapidamente, busquei o preservativo na minha calça, mas não o encontro.

— Droga! Estou sem camisinha, amor...

— Tudo bem, goze fora, mas me fode logo!

Quando eu entro nela, sinto-a mais quente, macia e receptiva do que nunca. Segurando em sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cintura, eu entro e saio algumas vezes, tentando me controlar para não me perder de imediato.

Meu coração está acelerado, meu sangue correndo cada vez mais rápido e se concentrando no meu pau. Ela se move, se chocando contra mim e eu não consigo aguentar muito mais.

Saio de dentro dela, gozando em jatos fortes sobre sua bunda.

— Essa foi, sem dúvidas, a minha mais prazerosa consulta — ela diz, me fazendo rir — eu te amo, doutor.

— Eu te amo muito, doutora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Bruna

PERIGOSAS ACHERON

Algum tempo depois...

Já disse isso antes, não se chateie, mas é uma metáfora muito boa: a vida é uma roda gigante. E eu aprendi isso na prática. Em muitos momentos eu estive por cima, gozando literalmente da boa vida que eu levava: festas, homens, bebidas, dinheiro e até algumas drogas. Mas, ainda assim eu me sentia incompleta. Foi quando eu perdi as forças para me manter de pé e caí, cheguei ao fundo do poço e achei que aquele era definitivamente o meu fim. Mas, a roda girou e me levou para o topo mais uma vez.

Não sou uma pessoa espiritualizada, entretanto acreditei que aquele era um novo recomeço e se a vida estava me dando uma nova chance eu deveria aproveitar nem que fosse cometendo velhos erros.

Que engano! A minha nova chance estava condicionada a conviver com a Olga, abandonar os meus velhos hábitos, incluindo abstinência de álcool e festas. Logo depois veio a terapia e como era difícil não ter o controle da minha vida. Eu que estava tão acostumada a decidir... Era isso ou ficar internada numa clínica de reabilitação e eu escolhi a prisão domiciliar.

Meus passos tortos me levaram até a minha mãe. Ela representava tudo que eu odiava, estava cerceando a minha liberdade, privando-me do que eu escolhi como vida nos últimos anos. Olhar para ela diariamente era como tocar numa ferida não cicatrizada, era doloroso e a cura parecia cada dia mais distante. Mas, assim como o tempo nos afastou, o tempo também nos aproximou. A convivência diária me ajudou a enxergar a mulher atrás da figura materna, além de uma excelente mãe, ela era uma mulher forte, admirável e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bondosa. Não sei por que perdi tanto tempo tentando odiar alguém que sempre me amou incondicionalmente. Eu demorei muito para me dar conta disso, mas hoje não imagino a minha vida longe da minha mãe. O fato é que a nossa relação se tornou tão maravilhosa que continuei morando na mesma casa mesmo após eu receber “alta”. Eu costumo dizer que é para não ficar longe do Jefinho, mas a verdade é que não estou pronta para sair da casa da minha mãe, não quando entendi que ali é o meu lar.

Por falar em lar, Jefinho é a pedra fundamental do nosso lar, ele fortaleceu ainda mais a minha união com a minha mãe. Com ele eu aprendi que amor compartilhado é amor em dobro. Ter um irmão é construir memórias, brigar por motivos bobos e fazer as pazes no instante seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

Yuri, meu psicogato, é um capítulo à parte da minha vida. Ele é gentil, doce, companheiro, engraçado, um amante admirável na cama e um homem apaixonado. Ele é mais do que eu poderia sonhar...

Mais do que encontrar a parte que me faltava, eu me redescobri. Entendi que não sou uma metade em busca de alguém que me complete. Aprendi que para amar alguém eu preciso me amar em primeiro lugar e isso me ajudou na mulher que me transformei. Ainda tenho os meus momentos de fraqueza, mas quem não tem os seus?

A vida não vem com manual de instrução e por mais clichê que pareça, só aprendemos com nossos erros e acertos. Nesse momento eu me orgulho da Bruna que me tornei. Formanda em Serviço Social pela PUC-SP, já estou no último período e a escolha do curso veio do meu desejo de

transformar a vida de indivíduos a margem da sociedade.

Mais do que ajudar famílias em situações vulneráveis com cestas básicas e roupas novas, eu queria proporcionar uma oportunidade de mudança. Por isso, me debrucei nos livros e contei com o auxílio de pessoas capacitadas para criar um programa social que englobasse o bem-estar e a integração do indivíduo na sociedade.

No dia doze de outubro, dia da criança, abrimos as portas da J.L Organização social, uma instituição sem fins lucrativos pautada no desenvolvimento e bem-estar das famílias em situações de risco. As iniciais do lugar foram escolhidas por representarem o nome do Jefinho. Lá, oferecemos um espaço recreativo para crianças, aulas de reforço escolar, cursos profissionalizantes, atendimento psicológico,

médico e outros variados serviços. Yuri, Valquíria, médicos, professores e outros profissionais são voluntários e dedicam um tempo da sua agenda para o atendimento do instituto. Atualmente beneficiamos cerca de cem famílias e pretendemos dobrar o número até o final do ano.

Contamos com apoiadores financeiros, mas a grande parte do dinheiro vem da minha mãe. Inicialmente, minha contribuição financeira foi indireta, já que o dinheiro que eu colocava para fechar as contas no fim do mês não era, teoricamente, meu. Vinha do meu pai. Foi quando, em um insight, decidi colocar no meu notebook os meus pensamentos obscenos e transformá-los em histórias. Como já tinha feito nas narrativas que tinha Yuri como personagem. Enfim, passei a escrever textos e a publicá-los e toda a renda da venda desses textos passou a ser revertida para o instituto.

Sob o pseudônimo de Bruno Moura – a minha versão masculina – eu publiquei o meu primeiro livro de contos, denominado Preliminares. A ideia para o pseudônimo surgiu da necessidade de não associar o meu rosto a um texto. As pessoas julgam mulheres que falam abertamente sobre sexo, mulheres que tornam ele a sua ferramenta de trabalho, então... Bruno, na condição de homem, estaria livre dos julgamentos da sociedade machista. As críticas, que eventualmente receberia, seriam pela qualidade do texto escrito e não por ser uma mulher escrevendo.

Meu namorado foi o meu primeiro leitor e, a julgar pelas suas reações, eu estava no caminho certo, havia conseguido transmitir, por meio das palavras, sensações e sentimentos. Mas ainda assim era apenas o julgamento de um homem apaixonado, além dos mais, contos eróticos eram facilmente excitantes para ele.

Joguei para debaixo do tapete os meus receios e publiquei o meu livro de forma independente, na plataforma de leitores digitais, e para a minha total surpresa ele alcançou a marca um milhão de leituras em apenas trinta dias. Era surreal, inexplicável e do caralho! As pessoas estavam lendo o que eu escrevia e compartilhando por meios de resenhas.

Sabe aquela sensação de satisfação pessoal? Pela primeira vez na minha vida eu me senti assim, satisfeita por algo que eu tinha feito sozinha. Escrever sempre fez parte de mim, desde os diários onde eu relatava a minha vida, passando pelos cadernos onde escrevia meus pensamentos aleatórios e desejos, até chegar na escrita erótica. Eu estava realizada, havia encontrado um novo prazer que era a escrita profissional. Passei a dividir o meu dia entre a faculdade, família, o instituto, responder os leitores do Bruno Moura,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escrever novos textos e desfrutar do meu namorado no fim da noite. Eu não tinha do que reclamar, né?

E agora... Ah, agora as coisas iam mudar novamente! Mas depois eu volto aqui para registrar.

— Amor, por que você não me acordou? — Yuri pergunta, numa voz sonolenta — vamos nos atrasar para o jantar.

— Você dormia tão relaxado.

Havíamos passado o dia na praia e quando retornamos para o quarto, ele apagou logo após o banho.

— Colocando mais ideias no papel? — Fecho o *Moleskine* e o deixo de lado, junto com a caneta.

Caminho até ele sentando na cama ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dessa vez, não — me recosto em seu peito — estou apenas relembrando os caminhos que me trouxeram até aqui.

— Espero estar incluso neles.

— Está, mas lá no fim da fila... Bem depois desse *resort* magnífico, da torta de morango da Eva, das piadas da Valquíria, nossas famílias... — Perturbo.

— Vou precisar de terapia quando voltarmos das férias para lidar com essa informação — sorri.

— Achei que precisaria para lidar com as férias em família.

Depois de algum tempo dedicado exclusivamente ao trabalho, resolvemos entrar de férias em família. Os pais de Yuri, minha mãe e Jefinho estão nos quartos ao lado desfrutando as maravilhas de uma semana sem o toque do

PERIGOSAS ACHERON

despertador e as obrigações da vida real. Meu pai foi o único que não pôde estar durante todo o período, mas chega hoje para jantar e ficar o fim de semana.

— Está sendo melhor do que pensei — confessa — nossas mães se tornaram melhores amigas e meu pai voltou a ser criança ao lado do Jefinho. Até tirolesa ele experimentou.

— Também estou gostando das férias em família, mas a minha parte favorita do dia é quando voltamos para o nosso quarto e somos apenas nós dois.

— Que coincidência! Essa também é a minha parte favorita do dia.

— É? — Arqueio a sobrancelha — Prove-me com a boca.

— Estamos atra... — Ele não conclui a frase quando me livro do vestido que eu visto e revelo

PERIGOSAS NACIONAIS

que não uso nada por baixo.

— O que você dizia, amor? — Indago, sorrindo.

— Que estamos de férias e não existem atrasos aqui.

— Você aprende rápido! — Ele mal deixa que eu conclua a frase, se posiciona entre as minhas pernas e deposita um beijo molhado na minha coxa. — Muito rápido, eu diria — sorrio quando ele segue da minha coxa direto para a minha boceta. Yuri dá um longo e vociferante beijo e eu deixo um gemido escapar.

Com a sua língua ele me lambe num ritmo acelerado e estimula o meu clitóris para intensificar o meu prazer, exatamente do jeito que eu gosto. Meu namorado era um homem hábil com a boca, além das declarações de amor, ele a usava para me levar até as nuvens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yuri acrescenta um dedo e eu grito alto o seu nome. Meu quadril arqueia contra o seu rosto e minhas unhas cravam nos seus ombros quando sou arrematada até o paraíso.

Ainda com a respiração ofegante, meus lábios procuram o seu e sinto o meu sabor na sua boca. Minhas pernas envolvem a sua cintura e nossos sexos se tocam. A sua boca cobriu o meu mamilo, e eu gritei quando ele mordeu o bico do seio, para logo em seguida beijá-lo deixando um rastro de saliva e alívio. Ele repete no outro seio e eu contorço de prazer.

— Eu preciso que você me coma, agora! — Sentencio, sentindo que estou perto mais uma vez de gozar somente com a sua boca.

— Achei que tínhamos tempo... — Ele provoca com a cabeça do seu pau na entrada da minha boceta, sem entrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero cada centímetro seu dentro de mim, por favor — suplico.

— Seu pedido é uma ordem! — Seu pau me invade e ele cumpre o que prometeu.

Ele entra e sai por diversas vezes, com estocadas fortes e fundas. Yuri mantém o ritmo e eu me perco entre a sua boca nos meus seios e seu pau dentro de mim.

É quente, é visceral, é amor da forma mais crua. Naquele momento, não somos nossos status, diplomas, contas bancárias, somos duas pessoas que se amam intensamente e atingem, juntas, o prazer na forma mais primitiva que existe.

PERIGOSAS ACHERON



Yuri

Bruna está deitada sobre meu peito enquanto recuperamos o fôlego. Ainda é impressionante o quanto com ela o sexo atinge outro nível, não é nada mecânico. É paixão em toques, gemidos e orgasmos. E cada vez que ela

PERIGOSAS ACHERON

goza nos meus braços, me sinto o homem mais sortudo do mundo por tê-la comigo.

— Eu queria morar aqui... — ela diz, num suspiro.

— Na Bahia? Podemos começar uma nova vida aqui, se bem que precisaríamos resolver algumas questões burocráticas.

— Não, seu bobo — ela apoia o rosto nas mãos e me encara — aqui, nos seus braços. Eu já visitei lugares deslumbrantes, mas eu trocaria qualquer um deles pela paz que seus braços me oferecem.

— O que fizeram com a minha namorada que elogia os meus músculos e meu corpo atlético?

— Ah, para! — Sorrio — eu sou romântica, mas não tenho culpa se o seu pau é maior que o seu coração.

— É a declaração de amor mais tórrida que

PERIGOSAS NACIONAIS

recebi, preciso de um tempo para digeri-la.

— Besta! — Gargalha.

— Temos que levantar agora ou a nossa reserva será cancelada — informo.

— Eu não estou com fome. Aliás, estou sim, mas é fome de você.

— Eu posso ser a sua sobremesa após o jantar — insinuo.

— Então vamos comer a sobremesa aqui na cama, literalmente. Quero testar umas coisas para o meu novo livro.

— Serei uma espécie de rato de laboratório?

— Sim, lambuzado de chantili e morangos. Algum problema, doutor?

— Estou ao dispor, escritora — abre os braços — agora vamos tomar banho, antes que cancelem a nossa reserva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não seria uma má ideia. Consigo imaginar coisas muito melhores que jantar com as nossas famílias...

— Eu também, mas seu pai veio de Brasília apenas para jantar com você. Que tipo de genro ele acharia que eu sou, se privasse a filha da sua companhia?

— O que faz a filha dele ter orgasmos intensos a ponto de não desejar outra coisa nessa vida a passar o dia na cama!

— Excelente argumento — sorrio abertamente — mas não é correto. Vamos tomar um banho gelado para aquietar nossos corpos.

— Meu amor, eu esquento as geleiras do Polo Norte, não será uma ducha gelada que irá aplacar o meu corpo!

— Eu não tenho dúvidas disso, amor. Por isso, você tomará o banho sozinha, enquanto eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confirmo a nossa reserva.

— Você vai deixar de tomar banho comigo para confirmar a reserva? — Balanço a cabeça em afirmação — você faz isso para me irritar, né? Como você pode ser tão gostoso e tão chato ao mesmo tempo?

— Banho, Bruna!

— Chato! — ela grita, já dentro do banheiro.

— Eu também te amo!



Tudo transcorreu de maneira divertida. O delicioso jantar foi servido, nós conversamos e rimos bastante. Meu pai recontou algumas das suas histórias e manteve o clima repleto de gargalhadas. Nesse momento, Jefinho está fazendo o pedido da

PERIGOSAS ACHERON

sua sobremesa e Bruna me encara intensamente, como se me lembrasse, apenas com o olhar, que eu prometi ser a sobremesa dela. Quando ela abre a boca, eu sei que é agora ou nunca. Pelo sorriso nos seus lábios, ela estava prestes a inventar uma desculpa para nos levar de volta ao quarto.

— Quero aproveitar a presença dos nossos familiares para fazer o que eu queria ter feito há muito tempo — digo, batendo o garfo na taça e ficando de pé.

Eu me aproximo dela e retiro a caixinha vermelha do bolso.

— Não! — Ela leva as mãos a boca, estupefata. — Não...

— Sim — sorrio e me ajoelho — durante os três anos em que estamos oficialmente juntos, ensaiei por diversas vezes como seria pedir a sua mão em casamento. O pedido adiado por tantas

vezes, teve apenas um motivo: você. Eu queria que você encontrasse o seu caminho antes de iniciarmos uma família juntos. Sei que muitas mulheres conciliam trabalho, filho e casamento, mas você não é como todas as mulheres. Você é intensa e eu sabia que um pedido de casamento precipitado alteraria os seus planos. Quando conseguimos tirar férias juntos, eu soube que não poderia deixar a oportunidade passar — sou sincero e exponho meus motivos — amor, eu quero que você saiba que não precisamos escolher uma data agora...

— Mal fez o pedido e já está arrependido, Yuri? — Meu sogro indaga, sorrindo.

— De forma alguma. Eu quero que a sua filha entenda que o meu pedido é uma representação concreta dos meus sentimentos. Eu quero casar com a Bruna daqui a cinco anos ou cinco minutos, depende apenas dela a escolha da

PERIGOSAS NACIONAIS

data, o local... No momento que ela estiver pronta. Bruna Moura Lunardelli, você aceita ser a minha esposa?

— Existe algo mais sofisticado que sim? —
Seus olhos estão marejados — Infinitas vezes sim!
— Pego a sua mão trêmula e deslizo o anel.

— Eu te amo! — Beijo a sua mão.

Ela retira a segunda aliança da caixinha e desliza no meu dedo.

— Sou a mulher mais feliz do mundo. Eu te amo muito — ela diz antes de me beijar nos lábios.

— Um brinde a noiva! — Meu pai exclama e eu levanto do chão.

— Garçom, uma garrafa de *Chandon*! —
Bernardo pede, prontamente.

— Eu estou noiva! — Bruna ergue a mão e encontra as nossas mães emocionadas. — Noiva, mãe!

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou tão feliz, amor! — Olga beija a filha.

— Cuide bem da minha menina — Bernardo levanta e me cumprimenta com um aperto de mão.

— Ei, essa fala é minha — Jefinho se aproxima sorrindo e me abraça feliz — continue fazendo a minha irmã feliz!

— Pode deixar — sorrio para os dois.

O garçom se aproxima e nos serve, menos a Jefinho que bebe refrigerante.

— Um brinde ao noivado dos nossos filhos — minha mãe ergue a taça e nós brindamos.

— Um brinde ao amor! — Exclama Olga, antes que possamos beber. Nossas taças se tocam novamente.

— Bem, eu também tinha uma surpresa para você — Bruna diz, depositando a taça na

PERIGOSAS ACHERON

mesa, sem beber. Todos nós voltamos os olhos em sua direção. — Quando retornamos da praia hoje pela tarde eu constatei as minhas suspeitas...

Eu não sabia o que aquelas palavras queriam dizer. Mas estava sentindo meu mundo girar. Bebo de uma vez o conteúdo da taça e respiro fundo.

— Bruna, se continuar dando voltas você não terá um noivo até o casamento — digo, de uma vez.

— Você não pode pular fora — ela sorri — não quando temos um mini Yuri ou talvez seja uma mini Bruna a caminho.

Ela diz as palavras tranquilamente, como se estivesse falando sobre o clima.

— Você... — Gaguejo — Vo-Você...

— Eu estou grávida! — Ela anuncia com todas as letras. — Ao menos é o que indica o teste

de farmácia que fiz hoje.

— A gente precisa confirmar isso logo — meu sogro sentencia — deve haver alguma clínica ambulatorial que funcione vinte e quatro horas...

— Testes de farmácia são seguros — Olga rebate. — Não precisamos correr em busca de uma clínica agora.

— Seremos avós! — Meus pais se abraçam felizes.

Está uma confusão de vozes, abraços e sons quando sinto, mais uma vez, meu mundo girar.

— Não desmaia, por favor! — Bruna corre até mim e segura a minha mão, me ajudando a sentar — eu sei que não era o que planejavamos...

Ela está entendendo tudo errado, por isso usei a pouca força que me resta, puxo o seu rosto e a beijo.

— Nossa família é o que planejavamos —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

digo, com nossos rostos próximos — estou muito feliz, não duvide disso nenhum dia, entendeu? — Ela balança a cabeça — Você me deixou sem falas, é isso! Meu mundo girou quando eu entendi o que estava me dizendo... Eu sabia que essa noite seria especial eu só não imaginava o quanto. Pai! Eu vou ser pai! — Repito emocionado.

— Você será o pai mais amoroso e íntegro que nosso filho poderia ter.

— Precisamos marcar uma consulta de urgência com um obstetra. Precisamos ver se está tudo bem com você e o bebê. Também precisamos encontrar um apartamento, o meu é pequeno demais para uma criança se movimentar. Ainda temos o casamento, você se incomoda em casar grávida? Podemos fazer uma cerimônia no civil e casar na Igreja quando o nosso filho ou filha nascer, ele pode entrar de daminha e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Yuri, respira. — Bruna sorri e faço o que me pede, puxando com força o ar dos pulmões — se concentra apenas no nosso baby e em nós dois — ela pega a minha mão e leva até a sua barriga ainda negativa — nada mais importa nesse momento. Nosso amor é a chave para tudo que vamos enfrentar pela frente. Vamos aproveitar cada segundo dessa jornada!

— Você tem razão.

— Eu sempre tenho — ela ri — eu sei que você está eufórico com a notícia e seu lado racional quer catalogar tudo, mas não se preocupe. Temos meses pela frente para decidir e descobrir como tudo funciona.

— Você tem razão, mais uma vez.

— Eu posso me acostumar com isso e você sabe que não poderá contrariar uma mulher grávida...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou atender cada desejo seu. Eu te amo! — Beijo seus lábios — Papai também ama muito você, filho.

— Nós também te amamos muito, amor. Agora trate de concordar comigo, pois eu ainda quero a minha sobremesa — sussurra no meu ouvido — Família, as emoções foram muitas e meu baby e eu precisamos descansar.

— Você está se sentindo mal? — Meu sogro pergunta — eu já consegui o contato de um obstetra.

— Está tudo bem, pai. Só estou cansada... — ela mente descaradamente.

— Amanhã, no primeiro horário, vamos ver um médico.

— Amanhã vemos isso — ela beija o pai no rosto — boa noite, família.

Ela diz e todos respondem sorridentes. Eu

PERIGOSAS ACHERON

me despeço com um aceno e a acompanho.

— Eu acho que vou querer engravidar logo em seguida — Bruna confessa, sorrindo, quando estávamos no corredor. — As pessoas respeitam as grávidas, viu só?

— Eu não me oponho em ter cinco filhos correndo pela casa.

— É apenas uma brincadeira, amor. Ainda não sei como serei mãe de um...

— Descobriremos juntos como sermos bons pais — acaricio a sua mão.

— Isso — ela sorri — mas por enquanto preciso descobrir o seu gosto com chantili.

— Onde eu vou encontrar chantili, Bruna?

— Você disse que iria satisfazer todos os meus desejos.

— Onde encontro o supermercado mais

PERIGOSAS NACIONAIS

perto? — Consulto o celular em busca da informação.

— Eu vi um dando sopa no restaurante do hotel, acho que eles não iriam negar para uma mulher grávida...

— Ok, vá para o quarto que chego em seguida.

— Não esqueça dos morangos, querido, e da garrafa de espumante.

— Você não pode beber, amor — lembro-a.

— Quem disse que é para mim? Alguém precisa relaxar essa noite...

— Você pretende me embebedar? — Sorrio amplamente.

— Essa é a única maneira para as coisas ficarem mais divertidas para nós ou você vai negar que sua mente já catalogou os riscos de se fazer sexo no primeiro trimestre?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me conhece bem...

— Sim e por isso, você vai seguir exatamente o que eu disser.

— Teremos que discutir alguns itens dessa sua ordem — discordo, já preocupado.

— Lógico, quando você estiver nu coberto de chantili poderemos discutir todos os pontos que quiser.

— Você joga baixo — sorrio — Muito baixo.

— Cada um usa as armas que tem. Agora encontre logo o que pedi antes que nosso baby nasça com cara de chantili.

Ela não precisou pedir mais uma vez, eu segui em disparada atrás dos itens para realizar seu desejo e o som da sua gargalhada me acompanhou até eu desaparecer no corredor do hotel.

Nós teríamos um longo caminho pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Recheado dos mais complexos sentimentos. Mas o principal deles é o amor. Ele nos conduziria e apaziguaria todos os confrontos que pudessem existir entre a razão e a emoção.

Afinal, o que é a vida senão isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Olá, leitor! Dessa vez nós queremos agradecer muito por você ter chegado até aqui. Nós sabemos, sabemos mesmo, que quando você viu o nome da personagem ou quando se tocou de quem se tratava, você xingou as autoras por não terem deixado claro desde a sinopse e pensou em largar esse livro. Mas você continuou (esperamos que sim rs)! Querido leitor, Bruna precisava contar a história dela. Dela e só dela, e não como personagem secundária (odiada?) de uma série. Ela falou conosco há algum tempo e nós tentamos calar a sua voz diversas vezes, mas não teve jeito. Ela precisava deitar no divã para montar o quebra-cabeça que era a sua vida. E sabe de uma coisa? Nós amamos muito ajudá-la nesse processo. E o

Yuri? O que é esse homem? Tão íntegro e leal, conseguiu enxergar além do furacão de problemas que era essa mulher. A sensação é de dever cumprido, sabe? Estamos felizes.

Estamos felizes, de verdade, por você nos acompanhar em mais uma aventura: obrigada! Gratidão, novamente, a autora Karen Dorothy, que mesmo tendo os seus próprios livros e uma série de problemas de saúde (ainda não sabe? Você pode ajudar!) esteve disponível na nossa busca frenética por algo que nos agradasse para essa diagramação. E ficou show, Karenzinha, você é muito foda!

Obrigada a vocês, leitoras do nosso grupo do WhatsApp pela cobrança para que esse livro saísse logo, pelos comentários carinhosos e pelo incentivo diário: vocês, meninas, são a mola propulsora que nos faz subir!

De Ane para Ane: é fantástico trabalhar

com você. Quando eu desanimo, você toca o barco muito bem e quando o meu fôlego volta e você precisa respirar, eu te dou um balão de oxigênio. Que possamos continuar de mãos dadas por muito tempo.

Para quem ficou curioso sobre a Bruna e o Yuri, eles aparecem em outros livros nossos. Bruna, em *Carpe Vita*, terceiro livro da série *Os Albuquerque*. E Yuri, em *Belo Mentiroso*, livro único. E para quem quer saber mais a respeito do problema de saúde da Karen para ajudar (tem maneiras gratuitas), basta ir até o Instagram [@vakinhadakaren](https://www.instagram.com/vakinhadakaren).

Já disse obrigada por te chegado aqui?
Vamos de novo: obrigada! Até a próxima!

Com amor,
Ane
Pimentel.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Redes Sociais

Estamos sempre com ideias novas e adoramos dividir com vocês. Nos acompanhe nas redes sociais para ver os book-trailers, quotes e todas as novidades!

Instagram: [@autoraanepimentel](https://www.instagram.com/autoraanepimentel)

Perfil Facebook: [Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AnePimentel)

Grupo (secreto) no Facebook: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Fanpage: [Autora Ane Pimentel](https://www.facebook.com/AutoraAnePimentel)

Wattpad: [@AnePimentel](https://www.wattpad.com/@AnePimentel)

Demais obras

Belo Mentiroso

Prazer em conhecê-los

Acordo Pré-nupcial

É para o meu próprio bem

Segundo Tempo

Quando a vida real não basta